A portrait of Edith Meirelles Dantas, a woman with dark hair styled in a bun, wearing a light blue jacket with intricate blue embroidery. The background is a soft, neutral tone.

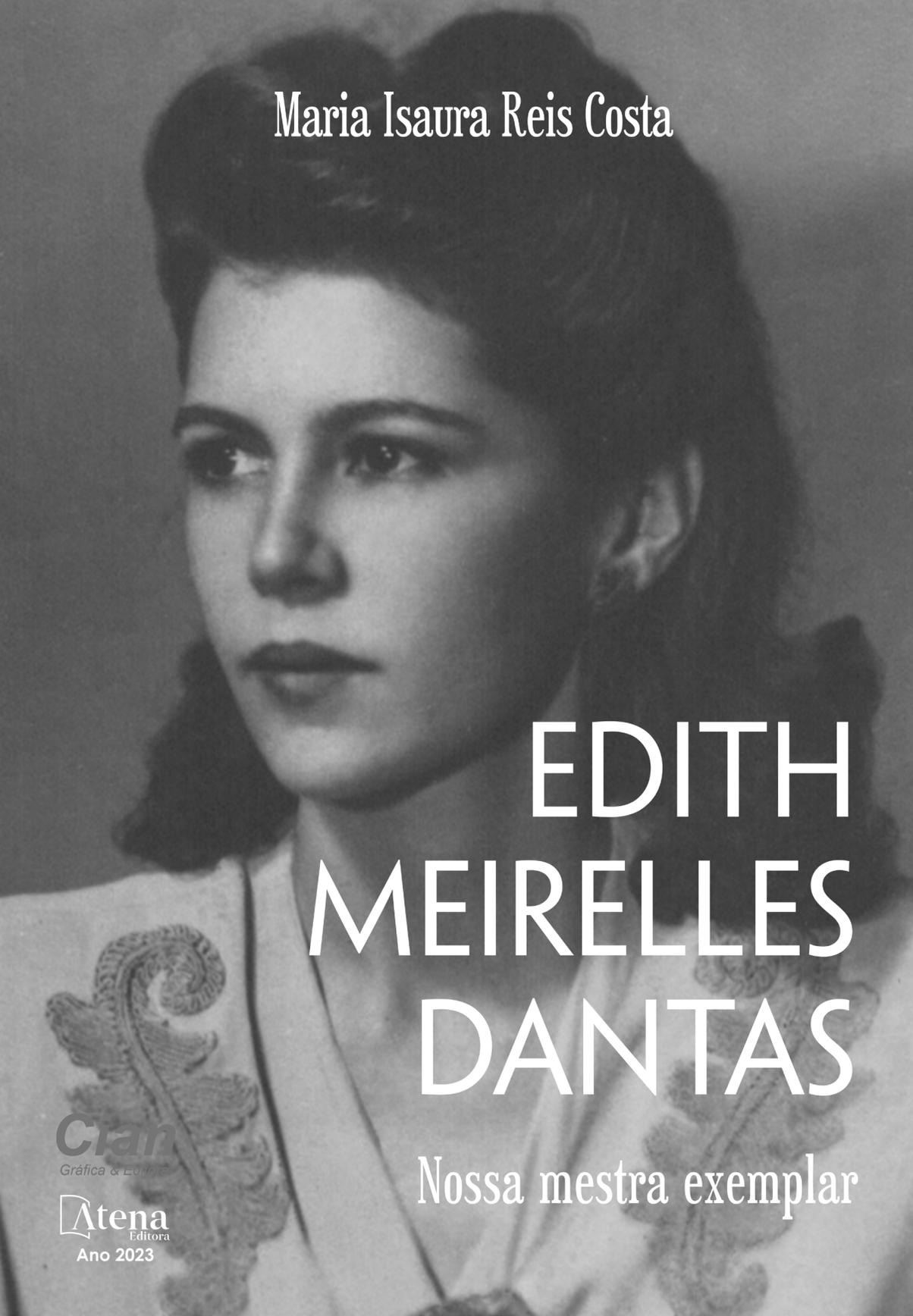
Maria Isaura Reis Costa

EDITH
MEIRELLES
DANTAS

Nossa mestra exemplar

Cian
Gráfica & Editora

Atena
Editora
Ano 2023

A black and white portrait of Edith Meirelles Dantas, a young woman with dark, wavy hair styled in a classic 1930s fashion. She is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. She is wearing a light-colored, possibly white, garment with intricate, dark embroidery on the shoulders and collar area. The background is a plain, light color.

Maria Isaura Reis Costa

EDITH
MEIRELLES
DANTAS

Nossa mestra exemplar

Cian
Gráfica & Editora

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Edith Meirelles Dantas, nossa mestra exemplar

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Maria Isaura Reis Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C837	Costa, Maria Isaura Reis Edith Meirelles Dantas, nossa mestra exemplar / Maria Isaura Reis Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1011-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.119232202
	1. Biografia. I. Costa, Maria Isaura Reis. II. Título. CDD 920
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Agradeço a Deus a oportunidade de ter conhecido e convivido com a professora Edith Meirelles Dantas, a nossa “dama de ferro”, por mais de 60 anos, num aprendizado inigualável e muito valioso. Ter recebido dela e de seu esposo, Dr. Dantas, o médico e educador, régua e compasso... livro, caneta, papel e tinteiro, para escrever aqui o que vi e ouvi dela ao longo de tantos anos.

Agradeço a ela e à sua neta Jacira, que me incentivaram escrever esta biografia. À minha filha Aline e minhas netas Nayanne e Beatriz, que me encorajaram durante este projeto.

Aos meus netos que estão comigo, Thiago e Isabela, que me socorreram no bloco de notas do celular em que escrevi. Não me envergonho de afirmar que tenho muita dificuldade de lidar com tais ferramentas.

Ao meu esposo Vivi, que pacientemente me esperava deixar o aparelho para cuidar das refeições e outras providências diárias.

Aos filhos de dona Edith, Nádia, Roberto, George e Fred, que me permitiram escrever a trajetória dela para registro e, assim, não vamos perder sua história!

Urandi, 10 de janeiro de 2021. Data do aniversário da professora Edith Meirelles Dantas, seu centenário! Isaura Reis Costa.

Não há nenhuma palavra no dicionário capaz de substituir este ato de amor e gratidão à rocha mais rara, à flor mais delicada, à especiaria mais refinada de toda a Índia. A bússola, o mapa, o GPS de toda uma família por mais de 100 anos.

A melhor roteirista, a guia mais sábia, um Google Maps capaz de fazer com que alunos visualizassem outros continentes numa simplória sala de aula do sudoeste baiano. O melhor remédio, a terapia mais apropriada, a melhor tese de Doutorado já defendida.

Um marco, um símbolo, uma referência para os estudiosos incansáveis de plantão. Do complexo universo da sabedoria de Machado de Assis às palavras tão bem empregadas de Augusto Cury. Uma enciclopédia na práxis, no cotidiano de tantos filhos(a), afilhados(as), netos(as) e bisnetos(as).

Um Clube, uma Escola, um Reforço Escolar dos ávidos pelo saber e dos marginalizados pela vida. Uma Representante de Mães mesmo com escasso tempo no colo da sua.

Uma Apóstola da oração, uma dizimista de coração.

Urandi, Bahia, novembro de 2022.

À Educadora Secular mais visionária. Já ensinava como se portar, andar e trajar como Glória Kalil. Já trazia discussões às refeições diárias sobre política e economia como Arnaldo Jabor. A sua garra e a sua sede de viver bem impressionam.

Sua lupa nos encoraja e ratifica a frase de que os obstáculos foram colocados em nossas vidas para serem transpostos.

À mãe tão forte quanto um jequitibá, à avó mais mãe possível, à bisavó mais moderna.

O exemplo insuperável de que a paixão por aprender a fez uma mestra incomparável dessa grande escola chamada vida!

Do seu filho Roberto, de sua nora Iolanda (*in memoriam*), das suas netas Maíra, Bartira, Jacira e Andira e dos seus bisnetos Maialú e Cauã.

Isaura Reis Costa, irmã de coração. Por toda a sua história de décadas ligada à minha mãe, tinha de ser você a expressar em livro a vida dela. Minha gratidão.

George Meireles Dantas

A maior homenagem que pude fazer à minha avó foi me graduar em Pedagogia, a exemplo dela. Obrigado, Isaura, por este livro.

Pedro Dantas

A escritora e pedagoga Maria Isaura, na vida pedagógica uma continuadora da professora Edith, merece todo nosso reconhecimento e gratidão. Eu tenho esse privilégio, de ser neto de Didi e pai de Didi, Diana.

Estevam Dantas

Parabéns, professora Maria Isaura, e um grande beijo para minha vovó Edith, que fica tão alegre toda vez que me vê.

Helena Dantas

Agradeço primeiramente à minha querida avó Nádía, filha da minha centenária bisavó Edith Meirelles, por me contar suas lembranças e vivências que me permitiram conhecer mais sobre a linda história de vovó e vovô em Urandi. Agradeço à vó Edith por todas as vivências proporcionadas, por ter me ensinado a costurar no clube de mães, pelas visitas à fazenda, pelas minhas vaquinhas Céu e Sol, pelas conversas cheias de sabedoria e pelos natais divertidos que pudemos passar juntas. Vovó toda elegante, cheia de pudor e vó Nádía com seu jeitinho único, peculiar e cômico: “Nádía, como você fala uma coisa dessas?!” “Eu falo sim, a vantagem de ficar velha é poder falar besteira”. Agradeço a Isaura pelo carinho de escrever sobre vovó e pela dedicação em manter a história viva através da escrita. Uma verdadeira inspiração.

Tainá Saldanha

Para minha avó Edith, um exemplo de amor e cuidado com a família. Agradeço a professora Isaura Reis por todo o reconhecimento ao trabalho de minha avó, que dedicou sua vida à pedagogia.

Gabriela e Áquila

A biografia da educadora, ativista cultural e social Edith Meirelles Dantas está sendo construída ao longo destas páginas pela educadora, escritora e memorialista Maria Isaura Reis Costa, que antes publicou outro livro, no qual tratou da biografia de Dorivaldo Dantas, médico e educador.

Esses trabalhos essenciais sobre meus pais se inserem em uma narrativa gigantesca sobre a memória da cidade de Urandi, que Maria Isaura tem elaborado e publicado em capítulos nas redes sociais, à espera de uma compilação e edição em gráfica.

Esta minha irmã de coração tem escrito sobre história, economia, sociedade, tradições culturais, pessoas significativas de Urandi, inclusive lugares onde ela mesma nunca esteve presencialmente, como a zona boêmia e a boate dos anos 1970.

No presente livro Isaura se vale do conhecimento de quem vivenciou alguns desses capítulos, na qualidade de filha por amor de Dr. Dantas e Dona Edith, ou como pesquisadora incansável que ela é. Então a minha mãe, melhor do que eu faria, tem descrito sua origem familiar, sua infância e juventude, seu amor com meu pai, sua atuação como educadora e criadora de instituições.

Por fim, Isaura cede espaço a um texto da própria Edith Meirelles Dantas, no qual ela demonstra gratidão a todos os que já trabalharam com ela em 70 anos de vida atuante e residente em Urandi, que se materializou em um banquete em que os que serviram foram servidos, inclusive com o som da minha orquestra.

Obrigado, Maria Isaura.

INTRODUÇÃO	1
SUAS ORIGENS.....	3
INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	8
NAMORO, NOIVADO E CASAMENTO	12
CONTRASTES DE REGIÕES: LITORAL X SERTÃO	14
A EDUCADORA	22
FUNDAÇÃO DO GINÁSIO DE URANDI.....	29
FUNDAÇÃO DO CLUBE DE MÃES DE URANDI	44
FILHOS E DORI E DIDI.....	50
PERFIL DE EDITH MEIRELLES DANTAS	54
SUA METODOLOGIA DE ENSINO	58
SEU PERFIL DE PROFESSORA.....	61
TEMPOS DIFÍCEIS.....	64
HOMENAGENS RECEBIDAS.....	66
O CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO DE URANDI	69
2010, ANO QUE MARCOU SUA VIDA PROFUNDAMENTE	74
GRATIDÃO (TEXTO DE EDITH MEIRELLES DANTAS)	76
MENSAGEM FINAL	81
REFERÊNCIAS	82
IMAGENS	83

INTRODUÇÃO

A história de vida da educadora Edith Meirelles Dantas ultrapassa as fronteiras de Urandi. Na oralidade ela alcança longínquos espaços através de seus ex-alunos, até mesmo fora dos limites do Brasil, pois há registro de alguns que residem nos Estados Unidos, Europa, Japão e Austrália.

Mas para perpetuar a referida história, estão aqui transcritos, passo a passo, os caminhos trilhados por esta mestra, que, no exercício do magistério e de outras ações durante sua vida - e nos longos anos vividos em Urandi - tem sido um referencial para sua família e para a comunidade urandiense.

Seu empenho como educadora foi sempre o desejo de transformar os estudantes em aprendizes independentes, autônomos, capazes de construir e renovar conhecimentos, partilharem experiências e analisarem a realidade numa dimensão crítica.

Imagino seus ex-alunos voltando no túnel do tempo e mergulhando nas linhas que consegui escrever. Certamente, de alguns olhos descerão lágrimas de saudade, e de muitas faces, um sorriso de gratidão.

Na oralidade, as histórias se modificam ou se perdem. Escritas, elas podem se perpetuar. Portanto, este é o objetivo desta biografia.

Edith de Magalhães Meirelles nasceu em Taperoá, Bahia, em 10 de janeiro de 1921. Em dois mil e vinte e dois, com quase 102 anos, ela continua linda e lúcida no seio de sua família. Quem a conhece a considera uma *lady*.

Qualquer referência ou abordagem sobre o título “mulher de ferro” remete à senhora Margareth Thatcher, que foi primeira ministra no parlamento inglês, nos finais dos anos 70 e início dos anos 80. Conhecida mundialmente com esse título por causa das decisões políticas, militares e econômicas que tomava com pulso de ferro no país britânico hegemonicamente em destaque no continente europeu durante aqueles anos.

Margareth Thatcher foi a maior acionista de grandes multinacionais inglesas, inclusive algumas delas instaladas aqui no Brasil, como a metalúrgica Carburon e a Unilever, que produz material de limpeza, higiene, alimentos e outros.

Conheci a mulher de ferro da Inglaterra através de livros, revistas, jornais escritos e telejornais. De uma convivência longa e ativa, conheci nossa dama de ferro aqui em Urandi, a professora Edith Meirelles Dantas.

Mas todos que viam ou veem fotos da ministra Margareth comparam-nas, pela beleza dos traços físicos e da elegância que as tornam muito parecidas. Quem acompanhou a caminhada daquela primeira ministra (nascida em 1925, falecida em 2013) e conhece a professora Edith mais de perto, afirma que ambas, em contextos distantes e diferentes,

sempre foram competentes e seguras nas atitudes tomadas.

Quem é essa dama, tão bela, de traços delicados, portadora de uma sabedoria e inteligência invejável? - perguntam sempre todos que pouco a conhecem. - A nossa resposta é: a professora Edith Meirelles Dantas, que, com maestria, dedicou longos anos de sua vida à educação em Urandi.

Vale a pena mergulhar nos fragmentos de sua história e trazer à tona a sua origem, infância, vida de estudante e de educadora e seus longos anos vividos aqui em Urandi, onde veio morar, no vigor da sua juventude, servindo a essa terra ao lado do esposo, o médico e educador Dorivaldo Dantas.

SUAS ORIGENS

A iniciativa de pesquisar as origens da família Meirelles foi da sua irmã caçula, a empresária Mariah de Meirelles Fonseca, que, interessada em conhecer a origem dos seus antepassados e de onde vieram, pacientemente foi investigar as suas raízes. Mariah foi durante bom tempo pesquisar sua ascendência, inicialmente visitando o Consulado Geral de Portugal em Salvador. Depois foi a Portugal, um dos berços da origem do povo brasileiro, procurar nos mosteiros, paróquias e nas bibliotecas quaisquer documentos em seus acervos que indicassem a origem de sua família.

Mariah, durante as suas buscas, encontrou preciosos escritos e neles consta a ascendência judaica dos Meirelles, onde viveram e qual era seu nome original. Segundo documentos encontrados por Mariah, os Meirelles eram descendentes dos judeus que se estabeleceram nos países da Europa Meridional, no passado, principalmente nos países ibéricos, Portugal e Espanha. Seu nome original era Chacim, procedente de Dom Martim Pires de Chacim, contemporâneo do fidalgo D. Afonso III, cujas famílias se misturaram no ano 1200, por ter este se casado com uma parenta daquela.

Os judeus eram perseguidos naquelas terras. Era o tempo da Santa Inquisição. Diante da situação, os Chacims se refugiaram no vale denominado Trás - Os - Montes, comarca da Torre de Moncorvo, em Portugal. Ao perceberem que eram vigiados e que corriam o risco de serem aprisionados, por despertarem suspeitas sobre sua etnia, bolaram um plano para mudar o nome original.

A caça aos judeus era uma constante em território europeu. E a ordem da Santa Inquisição era: “mirem nelles”. Ouvindo continuamente a referida expressão, um deles teve a brilhante ideia de fazer a junção dos dois termos, “mirem nelles”, para formar o nome Meirelles, a fim de despistar a vigilância acirrada sobre sua família. Afinal, havia uma ameaça de tortura, condenação e morte, pelo Tribunal da Inquisição, que considerava o povo judeu inimigo de Jesus.

Com a brilhante ideia, o nome daquela enorme família foi trocado de Chacim para Meirelles.

Nos registros encontrados em meio a inúmeros documentos, consta que os Meirelles eram dotados de três características marcantes:

- 1) Prole muito numerosa, sempre superior a quinze filhos;
- 2) repetição por várias gerações de nomes como: Henrique, Victor, Beatriz, Romeu, Catarina, Joaquim, Agenor, Heitor, Emília, Julieta, Edith;
- 3) prática da emigração constante, de forma que foram encontrados numerosos Meirelles em Portugal continental e insular, principalmente nos Açores.

Também havia muitos deles na França, Canadá e Estados Unidos, bem como em todo território brasileiro. Chegaram aqui após duas décadas do descobrimento, por volta do ano de 1524, quando as expedições Guarda Costa partiam do Porto do Tejo com destino à nova terra, com a finalidade de proteger o litoral da mais nova colônia lusitana das diversas invasões piratas. Os Meirelles entraram no Brasil nessa época pelo litoral ocidental do Nordeste, no Ceará.

Quando da fundação da cidade de Fortaleza, iniciada em 1724, quatro irmãos dessa família se desentenderam e cada um deles passou a usar a grafia diferenciada do nome. MEIRELLES, MEIRELES, DE MEIRELLES e DE MEIRELES, como se fossem quatro famílias diferentes. Portanto, há de norte a sul e de leste a oeste do país, ou do Oiapoque ao Chuí, da Ponta Seixas à Serra da Contamana, brasileiros com uma das quatro grafias no nome, atuando em vários segmentos no Brasil: cultura, artes, ciências, política, literatura, educação, economia, etc.

Há na orla de Fortaleza uma bela praia, comparada com a beleza da praia de Iracema, chamada de Praia do Meireles. O nome dessa praia indica que houve a presença dos Meirelles na região.

Imagino que a jornalista, pintora, poetisa e professora, atuante dos movimentos Parnasianismo, Modernismo e Simbolismo, Cecília Meireles, embora nascida no Rio de Janeiro, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, seja desse tronco também. Em todas suas obras, seu nome é Cecília Meireles, mas encontrei sua assinatura numa página com seus dados biográficos no Google, assim: Cecília MEIRELLES (Fonte: www.todamateria.com.br).

Dona Edith é da linhagem dos “De Meirelles”. Casada, aboliu o “de”. Seus quatro filhos foram registrados com o *Meireles*, (grafado com apenas um “l”), por desejo do seu esposo, Dorivaldo Dantas.

Além da busca feita por Mariah, em Salvador e Portugal, ela encontrou uma caderneta com anotações manuscritas valiosas, feitas pelo avô paterno, o coronel da Brigada Militar da Bahia Joaquim de Meirelles. Na capa, está escrito: “Livro de lembranças e a herança que deixo para meus filhos”. Esse manuscrito está em bom estado de conservação, sendo um fio condutor da história dos Meirelles na Bahia, especificamente na cidade de Cachoeira, onde está sepultado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, indicando que um dos quatro irmãos que se deslocou de Fortaleza se estabeleceu naquela cidade, às margens do Rio Paraguaçu, a 120 km de Salvador.

Na caderneta, o Capitão Joaquim de Meirelles cita os nomes de seus genitores, os bisavós da biografada, nascidos naquela Villa de Cachoeira em 1812, após quatro anos da chegada da Família Real ao Brasil. Naquela caderneta constam os nomes dos seus irmãos

e dos padrinhos de todos eles, data de nascimento, casamento e morte de seus pais e o nome da igreja em Cachoeira onde estes foram sepultados. Joaquim de Meirelles, nascido em 1851, órfão de pai e mãe muito cedo, foi tutoriado pelo irmão mais velho, Henrique de Meirelles. Iniciou seus estudos em Cachoeira e deu continuidade no Liceu de Artes e Ofícios, em Salvador, onde aprendeu os idiomas latim, francês e inglês.

Joaquim ingressou na carreira militar, foi atuar na cidade de Baixa Grande, não muito distante de Salvador, e lá se casou com Joana Maria da Conceição. Naquela localidade, nasceram alguns dos seus doze filhos.

Data de nascimento, batizado, vacinação, acidentes, ingresso nas escolas, formação acadêmica e ingresso na vida profissional de todos doze se encontram registrados naquela caderneta pelo senhor Joaquim, avô paterno da professora Edith. Nela, ele descreve suas andanças pela província da Bahia, depois que assentou Praça na Companhia de Urbanos e se tornou capitão. Antes de capitão, foi cabo, sargento, alferes, major, subdelegado, delegado, tenente e quartel mestre. Nesses postos serviu em várias localidades baianas, nomeado pelo Presidente e Provincianos da província da Bahia em exercício. Iniciou (o Brasil era Império) sua carreira militar na cidade de Baixa Grande. Depois, foi atuar na cidade do Salvador. Na sequência, designado para outras cidades ao longo de sua carreira: Macaúbas, Mundo Novo, Bom Jesus da Lapa, Lençóis, Xique Xique, Brejo Grande, Bom Jesus dos Meiras (Brumado). Nesta há descendentes dos Meirelles. Serviu depois em Cachoeira, sua terra natal.

Durante toda sua carreira militar foi elogiado pelos seus superiores, por ter se dedicado às suas funções com esmero, zelo infatigável e dedicação nos diversos cargos que ocupou em todos os lugares da província baiana. Serviu na cidade de Baixa Grande – terra natal de sua esposa - por mais de duas vezes e ali nasceu seu quarto filho, Victor Meirelles, o pai da biografada, Edith de Magalhães Meirelles.

Após ter se aposentado, o capitão Joaquim de Meirelles, com sua esposa (conhecida como Dona Pombinha, segundo dona Edith), moraram em Valença, Cairu e, por fim, em Taperoá, onde o casal faleceu.

Victor Meirelles, pai da professora Edith, nascido em Baixa Grande, terra de sua genitora, ali se casou, com Maria Magalhães, apelidada de Iaiá.

Como seu pai, também ingressou na carreira militar. E seguindo os passos dele foi para a região de Taperoá. Naquela região Victor Meirelles se tornou proprietário de terras e produtor de cacau, onde residia com sua esposa e filhos.

Victor Meirelles e Maria Magalhães tiveram quatorze filhos nesta ordem: Beatriz, Julieta, Dulce, Victor, Romeu, Arnóbio, Edith, Edir, Zildete, Aurora, Catarina, Zilda, Jaci e Mariah. Porém, antes do casamento Victor já tinha uma filha de nome Eutália, trazida por

ele, logo após se casar, para o seio da família, e foi educada juntamente com os demais irmãos.

Iaiá praticamente só saía da Fazenda Fortaleza – em Gandu - para ter os filhos em Taperoá. Com ela iam, além do esposo, todos os filhos e a empregada. Todos a cavalo, num tempo em que as mulheres montavam nesses animais sobre uma sela chamada de gibão. O percurso da fazenda até a cidade era longo, em caminhos íngremes e escorregadios, numa região com alto índice pluviométrico, especialmente durante o outono e inverno. A cada dois anos nascia um bebê, de forma que foram criados fazendo companhia uns aos outros, nas brincadeiras, no acolhimento para vencer os medos, no aprendizado, ali na fazenda, pois moravam longe da cidade e naquele lugar os vizinhos estavam distantes.

No início do século XX, o cacau fazia parte, apenas atrás do café, da principal locomotiva que puxava a economia brasileira. Víctor, o pai de Edith, se entusiasmou, bem como seus irmãos, e foram adquirindo mais terras nos municípios de Taperoá e Gandu para o cultivo daquele produto. Aquele “ouro” era transportado nos *caçuás*, nos lombos de burros, os únicos animais capazes de conduzir cargas pelos caminhos difíceis daquela região tão chuvosa, levando o produto até os escoadores do Atlântico rumo ao porto de Salvador, e dali para o mercado exterior. A professora Edith conta que, ao ler *Tocaia Grande*, de Jorge Amado, descrevendo aquela terra do cacau, voltou, através daquela leitura, a reviver sua infância naquele lugar.

Víctor Meirelles e outros familiares também cultivavam cravo e o exportavam usando o mesmo mecanismo para escoar sua produção.

Parte das terras de Víctor Meirelles, anos depois, administrada por seu filho homônimo, foi invadida pelo Movimento dos Sem Terra (MST), no auge dessa organização no Brasil.

O pai de Edith, morando na fazenda, distante da cidade, a fim de que seus filhos não ficassem sem estudar, criou uma escola em sua propriedade para eles, os filhos dos vizinhos e dos seus empregados. Sua filha mais velha, Beatriz, de apenas quinze anos de idade, com grau de escolaridade mais elevado, pois tinha estudado o elementar em Taperoá, se tornou a professora da escolinha da fazenda Fortaleza. Porém, seu pai sentiu que estava na hora de mandar sua filha estudar em Salvador. Os que ficaram aprendiam as primeiras letras com ele. Depois de Beatriz, todos foram estudar na capital. Iam pela ordem de idade. Mas, após a morte dos pais, os demais foram morar com Beatriz em Salvador.

Na época da Revolução de 1932, Revolução Constitucionalista, Guerra Paulista, ou Revolução Paulista, movimento contra o governo provisório de Vargas, foi realizada uma campanha por todo Brasil, colhendo doações, principalmente em ouro, para sustentar aquela revolução. Os pais de Edith entregaram as suas alianças para ajudar naquele

momento, uma causa considerada nobre por eles e por tantos outros brasileiros. Segundo dona Edith, que tinha onze anos de idade, nunca se esqueceu daquele gesto de sua mãe, que com lágrimas nos olhos se desfez de uma joia com alto valor significativo para ela. E com bom humor, sempre que conta esse episódio familiar, diz que se fosse ela não daria em hipótese nenhuma sua aliança de casamento para qualquer causa do Brasil, embora ela ame sua pátria com desvelo.

INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

A mãe de Edith, Maria Magalhães Meirelles, faleceu muito cedo, aos 45 anos de idade, deixando quatorze filhos. A caçula, de nome Mariá (depois mudado para Mariah, N.R), com apenas quatro meses de idade, ficou aos cuidados de Julieta, a segunda filha, visto que Beatriz, a primogênita, estava estudando em Salvador. Edith tinha apenas quatorze anos e sete irmãos mais novos que ela, quando a mãe faleceu. Seu pai, Victor Meirelles, deixou a fazenda e foi residir com seus filhos em Taperoá, entregando a Victor Meirelles Filho a administração das terras. Com um ano do falecimento da sua esposa, ele também morreu, deixando tantos filhos, muitos ainda crianças, agora órfãos de pai e mãe.

O casal fazia parte da geração brasileira que morria cedo, pois a média de vida era muito baixa. Morria de tifo, de malária, de tuberculose, febre amarela sarampo, meningite, varíola, etc. Não havia vacinas para esses males considerados as pragas da época, que dizimavam centenas de brasileiros. Os filhos órfãos ficaram sob os cuidados de Beatriz e sob a tutoria daquele que assumiu a administração da fazenda, Victor Meirelles Filho, conhecido em família como Vitinho.

Beatriz era carinhosamente chamada de Tiz pelos irmãos e com todo respeito a tratavam como se fosse a mãe deles, obedeciam-lhe e seguiam as suas orientações.

Beatriz comprou uma casa na Rua do Tinguí, no centro de Salvador, e ali, de forma abnegada, iniciou com zelo, dedicação e cuidados especiais a educação de cada um dos irmãos. Os parâmetros da educação eram rígidos, de acordo com o modelo da época.

Dos quatorze filhos, a maioria fez curso superior num tempo quando pouca gente tinha acesso à universidade. Beatriz nunca se casou, para cuidar dos irmãos. A irmã Aurora também não se casou, porque se dedicou exclusivamente à sua carreira médica, em pediatria, com cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos.¹

Beatriz, a primeira a se formar no curso pedagógico, ingressou por concurso público no magistério da Bahia, na capital, sendo, ao longo da carreira, uma exímia educadora.

Acompanhou o crescimento e a formação acadêmica de cada irmão. Foram todos eles, após a conclusão dos estudos, se casando. Beatriz acompanhou, ainda, o nascimento e crescimento dos sobrinhos netos, que a consideravam muito e a chamavam de Vovó Tiz. Os esposos de suas irmãs e as esposas dos irmãos tinham-na como uma sogra severa, amorosa e dedicada à família.

A menina Edith viveu sua infância e início da adolescência apenas no núcleo familiar na fazenda. Com tantos irmãos, brincadeiras, aprendizados gerais, sociabilidade, somente entre eles. As idas e vindas à Gandu e Taperoá eram com os pais, montados em burros

1. Vovô Vitinho, Vovó Tiz e Tia Ló eram os nomes dessas pessoas em família para as crianças dessa época (Nota do Revisor)

mansos e treinados para transportar pessoas.

Edith passava dias em Taperoá, na casa dos avós, com alguns irmãos. Iam também com os pais àquela cidade para as missas e festividades da igreja católica. Seu avô materno, Chico Marques, proprietário de barcos, era um herói para ela. A casa tradicional da família em Taperoá era a de Chico Marques, que tinha vários barcos para aluguel e uma das diversões da menina era brincar no cais, entre aqueles barcos.

Durante sua infância, todos na fazenda viviam assustados com medo da passagem dos cangaceiros, especialmente do bando de Lampião, cujo movimento se concentrou no sertão e nunca se aproximou do litoral. Tinham medo também da Coluna Prestes, popularmente conhecida como Os Revoltosos.

Nesse espírito de temor, certa feita a menina Edith, aos dez anos de idade, pegou uma espingarda de seu pai e apontou da janela de sua casa para um homem estranho que se aproximava da residência na fazenda. A sorte foi que a arma estava descarregada. Era um vizinho.

Edith, ou Didi, era uma garota destemida. Não apanhava dos irmãos durante suas brincadeiras, nem dos colegas no tempo da escola. Órfã de mãe e de pai muito cedo, aprendeu a cuidar de si mesma e a se defender de quaisquer situações por onde passava. Na única vez em que o irmão Vítinho tentou agredi-la, foi hostilizado energicamente e nunca mais se atreveu.

Suas viagens a Salvador eram pelo mar. Ia e vinha de barco a vela ou a vapor. Aquelas viagens, para sua idade, eram verdadeiras aventuras. Mais de uma vez pequenos incidentes atrasaram a travessia até Salvador e vice-versa. O conserto das velas de um barco certa vez a obrigou a dormir numa pequena ilha do arquipélago de Tinharé próxima à costa, com seus irmãos e todos viajantes da embarcação. Conhecia todo trajeto próximo às ilhas daquele arquipélago pertencente aos municípios de Cairu (Ilha de Boipeba, Morro de São Paulo, Gamboa e outras) e Itaparica, próximo a Salvador. Hoje essas áreas famosas pelo turismo fazem parte de suas lembranças da infância. Cresceu em contato com o mar. Em Salvador, o primeiro colégio onde estudou era próximo à praia. Podia, ao final das aulas, aproximar-se das águas, observando a subida e descida das marés, o movimento das ondas, o avanço e recuo das ressacas. Não tinha medo do mar. Foram muitas viagens de sua terra para Salvador, para início das aulas naquela cidade ou voltando dela, a fim de passar as férias em Taperoá.

Chegou à escola da capital com defasagem de aprendizagem em relação ao currículo ali implantado. Por isso, ela aproveitava todo tempo, antes e depois das aulas, para aprender as matérias nas quais tinha dificuldades. Não tinha preguiça para fazer as lições extras. Inteligente, determinada, focada e disciplinada para tal finalidade, de maneira que

não levou muito tempo para conseguir acompanhar os demais colegas. Fez em seguida o secundário, denominado na época de curso pedagógico. Curso que era oferecido somente no Instituto de Educação e Escola Normal, para formação de professores que deveriam atuar no ensino elementar ou escola primária no Brasil.

A jovem Edith, durante sua formação pedagógica em Salvador, foi influenciada por dois educadores baianos renomados: Anísio Teixeira e Isaías Alves. Recebeu maior influência do último, que foi professor do Ginásio da Bahia e da Escola Normal, onde ela se formou. Isaías Alves foi Secretário da Educação na Bahia, defendia o ensino público e, especialmente, o profissionalizante para os mais pobres. Conhecendo as ideias desse educador e convivendo com a professora Edith por longos anos, contando sobre as dificuldades enfrentadas para estudar quando criança, compreendi por que ela sempre insistia em buscar as crianças pobres para ingressarem na escola.

No seu tempo de curso pedagógico, até os anos 40, somente as mulheres ingressavam nessa carreira. Ao se formar, com alto desempenho, teve seu nome elogiado pelo educador Isaias Alves, diretor da escola normal naquele momento.

Egressa do curso pedagógico, prestou concurso público pleiteando uma vaga numa escola na cidade de Salvador. Classificada nos primeiros lugares, publicado seu nome no Diário Oficial (DO) do estado da Bahia, foi nomeada e designada para uma vaga na Escola Estadual Sete de Setembro, situada nas proximidades do Dique do Tororó, muito tempo antes da urbanização que se conhece hoje. Era o tempo em que lavadeiras de Salvador lavavam roupas naquelas águas e os bondes margeavam o reservatório deixando e pegando passageiros nos pontos de onde desciam ou subiam nos pequenos barcos que faziam a travessia sobre as águas do Dique. A jovem professora Edith, trabalhando naquela escola, fazia aquele percurso diariamente de segunda a sexta-feira. Saía de bonde do Campo da Pólvora até o Dique. Fazia a travessia em pequenas embarcações naquelas águas para chegar à escola ali pertinho. Voltava para casa fazendo o mesmo trajeto. Durante aqueles percursos, na maioria das vezes era acompanhada pelo noivo, Dorivaldo Dantas, carinhosamente apelidado por ela de Dori. Gosta de contar que durante as travessias no Dique, ela se sentia muito feliz naqueles momentos românticos e inesquecíveis, sentindo-se a Julieta ao lado de Romeu. Não eram os seus irmãos, e sim o par da obra clássica de Shakespeare atravessando em gôndolas os canais da bela Veneza.

Sua vida social em Salvador, durante a juventude, ali pelos anos 30-40, era pautada nos passeios de bonde até o centro comercial na Avenida Sete. E no efervescente espaço cultural da Rua Chile, com restaurantes, lojas, livrarias e cinemas. Ia ao Comércio na Cidade Baixa, às missas em igrejas próximas de onde morava, à praia. Em todos esses lugares nunca ia sozinha com Dorivaldo, estava sempre acompanhada pela irmã Beatriz

ou por outra irmã, mesmo quando já tinha o compromisso firmado de namoro e de noivado.

Durante sua juventude em Salvador foi aprendiz de corte e costura na famosa Escola Kate White (com a própria britânica Miss Kate). Também aprendeu arte culinária. Eram atividades muito requisitadas pelas jovens de sua época. Portanto, além do diploma de professora, tinha também esses diplomas das atividades citadas.

NAMORO, NOIVADO E CASAMENTO

No tempo de estudante do curso pedagógico, conheceu o jovem Dorivaldo Dantas, seu vizinho que cursava o secundário para o ingresso em medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, e começaram a namorar. Inicialmente, somente com troca de olhares, que os romancistas chamavam de flerte. O verbo flertar caiu no desuso e as gerações mais novas não conseguem conjugá-lo (risos)...

Depois, com troca de bilhetinhos jogados pelas janelas, visto que a sala de estudos dele tinha uma janela em frente à janela da sala de estar da residência de Edith. Os bilhetinhos eram trocados às escondidas de sua irmã Beatriz. Levou bom tempo para que o jovem Dorivaldo a pedisse em namoro. E muito tempo ainda para Beatriz dar o consentimento, apesar de conhecer a família daquele moço morando tão próximo, numa casa ao lado. Dorivaldo foi o primeiro e único amor da vida de Edith. Ela tem guardada numa caixinha, entre outras lembranças, uma rosa que desidratou com o tempo, claro (mais de setenta anos), que recebeu dele durante um daqueles passeios que faziam pelo Campo da Pólvora.

Os pais de Dorivaldo, Seu Pedro e dona Oscarlina Dantas, tinham vindo do interior do estado da cidade do Senhor do Bonfim para Salvador com seus dois filhos, Dorivaldo e Dora, para estudarem na capital.

Seu Pedro teve loja de tecido na região do Comércio, na Cidade Baixa, em Salvador. Foi também funcionário público municipal na cidade e a esposa fez de sua casa um pensionato para estudantes, onde moraram muitos primos vindos de suas terras, Senhor do Bonfim e Itiúba. De Urandi morou naquele pensionato o jovem Teodolindo Pereira Rodrigues. Foi daquele tempo que nasceu uma grande amizade entre eles. Coincidentemente, anos depois o casal Dantas veio morar em Urandi, na terra natal daquele amigo de juventude, cuja amizade perdurou por todo tempo, estendendo a amizade à dona Otacília, mãe do jovem.

Quando Edith já havia se formado professora e já lecionava na capital, Dorivaldo fez a Beatriz o pedido de noivado e as alianças foram colocadas em seus dedos, aguardando o tempo de conclusão do curso dele para se casarem.

Naquele período o mundo estava abalado pela Segunda Guerra Mundial e o Brasil, que se manteve neutro por bom tempo, declarou oposição à Alemanha. Nas capitais - e Salvador não ficou de fora - começaram a faltar gêneros de primeira necessidade, como açúcar, café, alguns medicamentos, cobertores, etc. Decretou-se a suspensão de linhas de bonde pertencentes às companhias alemãs. Nada disso afetou profundamente a alma da jovem Edith. O que lhe provocou sofrimento foi a convocação do seu amado, entre muitos

estudantes de medicina e de outros cursos, pelo Exército Brasileiro, para montar guarda na costa do litoral norte de Salvador, num iminente contra-ataque às possíveis invasões de navios alemães à capital baiana.

Noites mal dormidas, rezas sem cessar, inúmeras promessas feitas por ela e por dona Oscarlina faziam parte do cotidiano delas, pois corria a notícia pelos jornais de que aqueles rapazes poderiam ser recrutados juntamente com motoristas, enfermeiras, médicos e outros para os campos de batalha na Itália, onde os países aliados enfrentavam o inimigo. Felizmente, depois de certo tempo, os corações de Edith e dona Oscarlina se aquietaram, pois a Guerra chegou ao fim em 1945 e Dorivaldo pôde se formar em medicina.

Agora, Dorivaldo, médico, num Brasil pós-guerra e momento econômico difícil, precisava trabalhar. Veio para Urandi a convite do amigo engenheiro Dr. Santorino Levita, que já ocupava uma função no Ministério dos Transportes. Foi contratado como médico de uma empreiteira que estava construindo um grande trecho da Ferrovia Norte – Sul, de Contendas do Sincorá (BA) a Monte Azul (MG). Trabalhou um ano e, durante todo esse tempo, trocou cartas com sua noiva. Voltou a Salvador em 1946 para se casar com sua amada.

O casamento ocorreu em pleno carnaval, na igreja de Santana, no centro de Salvador, sendo anunciado na coluna social do *Jornal A Tarde*. Logo depois vieram para Urandi. Aqui seu chefe imediato separou uma das Casas de Turma para os recém-casados. Vieram com eles uma cozinheira de nome Maria José, cedida por Beatriz, e também sua irmã caçula, Mariá, para lhe fazer companhia. Ela conta que além do enxoval, trouxe consigo uma lata de farinha de mandioca e outra de azeite de dendê, elementos comuns na culinária de sua terra.

Edith contratou de imediato uma professora, esposa de um dos engenheiros da obra, para dar aulas a Mariá, de maneira que tempos depois a menina, ao voltar para Salvador, se matriculou numa escola, após submeter-se e ser aprovada com destaque em uma seleção exigida pelo sistema de ensino da época.

CONTRASTES DE REGIÕES: LITORAL X SERTÃO

Sua primeira residência aqui em Urandi foi uma das casas de turma, do outro lado da ferrovia onde as máquinas cortavam parte de um elevado terreno para instalação dos trilhos da via em construção, na área do novo povoamento da cidade, o DC-5, (Distrito de Construção nº 5).

Nas casas de turma, numa esplanada sobre aquele mirante, com nove ou dez casas recém- construídas para residência de funcionários das empreiteiras, uma delas estava preparada para o novo casal, o casal Dantas. As casas não tinham água encanada nem energia. Um empregado da empresa abastecia aquelas residências conduzindo água em barris dos reservatórios instalados junto ao canteiro de obras, bem mais abaixo daquelas residências. A água vinha através de um canal da barragem do Rio Raiz, que foi denominada de Barragem do trem, construída para abastecer as máquinas “Maria Fumaça” e depois se tornou conhecida como a barragem do Seu Estênio Cangussu até os dias de hoje. Depois de coletada na barragem, a água chegava àquelas caixas, que eram três ou quatro em sequência, para um processo de decantação, a fim de abastecer os moradores de toda área ocupada pelas construtoras, o DC-5. Por outra via ainda dava vida a uma lagoa artificial, ao lado do almoxarifado.

Mas aquela casa recém-construída, com o piso de taco, madeira, embora bem pequena, encantou a jovem senhora Edith. Chuveiro improvisado, cozinha pequena, iluminação inicialmente a querosene, rua sem pavimentação... ela relembra sempre que sentiu como se estivesse num paraíso, ao lado de Dori, naquela aconchegante casinha.

Sempre repete que foi muito feliz ali, nos primeiros tempos de casada e mesmo que se estivesse num deserto, como o Saara ou Atacama ou Neguev, estaria feliz ao lado dele. Ou se fosse na gelada Groenlândia ou Sibéria ou Antártida, estaria feliz. Nenhum espaço geográfico com suas marcantes intempéries jamais a assustaria, se ao seu lado Dori estivesse. Relembra saudosa dos primeiros tempos de casada residindo ali.

? A ferrovia norte-sul passou a ser administrada pela empresa estatal Ferrovia Leste Brasileiro, que por três décadas manteve o transporte de passageiros e de materiais, através de composições ferroviárias lendárias como os trens **Rápido**, **Noturno**, **Misto**, **Mochila**, que ligavam Monte Azul a São Félix. Nessa época a Estação de Urandi fervilhava de vendedores de alimentos, embarque de gêneros e até de boiadas inteiras...

Nos anos 1970 a Leste foi incorporada à RFFSA (Rede Ferroviária Federal, Sociedade Anônima) e esta, privatizada em 1997, no governo de Fernando Henrique Cardoso. As casas de turma abandonadas foram destruídas por pessoas que carregaram portas, telhas, madeiras, vasos sanitários, etc. O local das famosas casas de turma está

coberto por vegetação que foi se renovando ali. Não há nenhum vestígio daquelas belas construções. E parte da história daquele lugar foi apagada.

Durante mais de seis décadas de convivência matrimonial dona Edith nunca se afastou de Dr. Dantas. Quando ele era diretor do Ginásio de Urandi e ela professora, iam juntos às sete horas para a escola. Naquele carro lindo, uma Rural Willys de cor verde, que encantava os olhos dos estudantes adolescentes. Era o sonho de consumo daquela juventude.

Quando recém-casados, visitavam os amigos funcionários das empreiteiras residentes no bairro, passeavam às margens da lagoa artificial do DC-5 sob a sombra dos belos *flamboyants*. Ele gostava de nadar e de mergulhar pulando de um trampolim nas águas daquela lagoa. Iam ao cinema ao lado do grande almoxarifado - cinema instalado pelos chefes das construtoras para o lazer dos funcionários e suas famílias. Ela nos dizia que assistiu com Dori ao filme mais exibido da época, *E o Vento Levou*. Iam à missa aos domingos pela manhã, na matriz no centro da cidade. Encontravam-se com os amigos e os colegas nas residências, aos sábados à tarde, domingos e feriados para umas rodadas de dominó e de buraco no caramanchão da casa do Dr. Papirio, um dos chefes das construtoras. Embora Dr. Dantas falasse que não gostava desses jogos, era a preferência dos amigos, como lazer, acompanhados de suas esposas.

Iam a Salvador sempre juntos. Depois, morando no centro da cidade, assim que o jardim da praça central ficou pronto, costumavam passear por ele, após o jantar, inicialmente com os filhos pequenos. Quando eles cresceram, passeavam sem eles. Com a chegada da televisão na cidade, após os anos 70, o passeio era rápido, e voltavam para casa para assistirem ao telejornal. Era a antiga TV Tupi. Primeira rede de televisão no Brasil. Com a chegada do sinal da TV Globo, viam somente o *Jornal Nacional* e a novela das oito. A novela era, de fato, no horário das oito. Outras redes chegaram a Urandi, com a parabólica e também as TVs por assinatura. Mas a Globo era a preferência de Dr. Dantas e continua sendo a dela. Não perdia o programa *Globo Repórter*, considerado por ela como um dos melhores da emissora. Diz que se tivesse que avaliar aquele programa, daria nota dez, até porque o *Globo Repórter* enriquecia os conhecimentos para suas aulas de Geografia.

Dr. Dantas e dona Edith estavam juntos, sempre juntos. Até para suas inspeções escolares (quando Inspetora de Ensino na região) aproveitava as terças-feiras em que Dr. Dantas trabalhava na cidade de Licínio de Almeida, para inspecionar a escola daquela cidade e a escola da cidade vizinha, Tauápe. Quando ele agendava atendimento médico a pacientes em Jacaraci, Mortugaba e Pindaí, ela fazia o trajeto junto. Quando não coincidiam as viagens, ela alugava o carro do Sr. Sinhôda. Lembrando que o estado não custeava viagens, nem alimentação. Ou seja, não pagava aqueles valores que anos depois seriam

denominados “diárias”.

Naquele tempo, era uma festa nas escolas quando ela chegava para fazer a inspeção. Professores com suas escolas e alunos muito limpos. Observava a higiene do uniforme, que nem todos tinham, a higiene do corpo, a retirada dos piolhos, a organização do material escolar, etc. Quantos alunos corriam para lavar os pés no riacho, no rio ou no tanque, para se apresentarem com boa aparência naqueles momentos. (N.R. Eu, criança, vivenciei e tenho memória desses momentos, pois acompanhava as inspeções).

A professora Edith, quando veio morar no sertão, sentiu falta dos pratos preparados com frutos do mar, tão comuns em Salvador. Sentiu falta do cheiro daquelas águas. Gosta de falar sobre aquele odor característico do mar, que somente os que vivem no litoral conhecem e identificam a proximidade oceânica. Estranhou os pratos daqui, com verduras feitas separadamente, chamadas de “cortados”, pois em sua terra, carne, verduras e legumes eram e são preparados juntos no chamado “cozido”. Sentiu falta das moquecas preparadas ao leite de coco e óleo de dendê. Maxixe cozido com leite de coco. Dos vatapás, acarajés, carurus e sarapatéis. E teve que aceitar o nome da iguaria feita com grãos de milho seco levemente pisado, o mungunzá aqui chamado de canjica, pois, na sua terra, canjica é feita de milho verde, que aqui se conhece como mingau. Os amigos que iam a Salvador traziam os produtos da culinária de lá de presente para ela. E durante suas idas à capital, vinha com uma grande bagagem por conta desses alimentos. Passados os anos com os filhos e netos morando em Salvador, eles nunca deixam de trazer os frutos do mar e o azeite. Caruru e vatapá nunca faltaram em sua mesa durante a Semana Santa. Quando vai a Salvador, seus familiares a conduzem aos restaurantes onde é servida a comida baiana de sua preferência.

Ao chegar aqui estranhou muito o sotaque do sertanejo, um novo dialeto da Língua Portuguesa. Estranhou o sol ardente, o vento seco semelhante a áreas desérticas, a baixa umidade do ar, bem como a amplitude térmica (interessante é que, anos depois, começou a estranhar a alta umidade do litoral, que lhe provocava alteração fisiológica no aparelho respiratório toda vez que passava temporada em Salvador ou em Maceió, na casa da filha Nádia).

Estranhou a falta de chuva, os longos meses de estiagem, a vegetação caatinga, que nunca tinha visto, pois nasceu e cresceu na faixa litorânea, região que era totalmente coberta pela Mata Atlântica. Foi muito diferente para ela, que não se assustou e foi se adaptando à nova realidade.

Fez amizade com os amigos de Dr. Dantas, funcionários das empresas da construção da estrada de ferro. Ele tinha vindo antes, já tinha seu ciclo de amigos. Eram muitos engenheiros e seis médicos incluindo Dr. Dantas. Ela se sentiu muito acolhida entre

todos.

Dr. Dantas trabalhava bem perto de sua residência, num ambulatório cuja construção permanece até hoje, praticamente, na sua originalidade.

Os horários de trabalho do seu esposo eram ilimitados no atendimento médico juntamente com os colegas, em virtude da ocorrência de muitos acidentes sofridos pelos trabalhadores da obra. Os médicos trabalhavam muito a qualquer dia e hora para prestar socorro aos feridos machucados por máquinas, ferramentas e explosões de dinamites na abertura dos trechos da Serra Geral entre Licínio de Almeida e Urandi, principalmente o chamado Saco da Onça. Pacientes com maior gravidade eram encaminhados para Montes Claros.

Os médicos tinham enfermeiros auxiliares. E Dr. Dantas era ajudado por um deles, de nome Geraldo Azevedo, funcionário contratado por uma das empreiteiras. Geraldo Azevedo e Alzira Reis Silva vieram de outras terras, entre tantos outros que prestaram grandes serviços na enfermagem naquele ambulatório.

Quando a obra aqui foi finalizada, Dr. Dantas foi convidado para atuar em outra região do país, onde o Ministério dos Transportes tinha obras em construção. O primeiro convite foi feito para ele ir para a cidade do Rio de Janeiro. Não quis ir. Junto com ele, o enfermeiro Geraldo Azevedo preferiu não permanecer na empreiteira. O casal Dantas selou uma grande amizade com aquele moço, que lhes correspondia com grande apreço e ele ainda auxiliou por certo tempo no serviço de enfermagem no consultório particular de Dr. Dantas.

A professora Edith gosta de relembrar uma grande amizade daqueles tempos, selada com o empreiteiro Kleber Nascimento Ribeiro, primo do antropólogo Darci Ribeiro. Mineiro de Montes Claros, permaneceu em Urandi durante a construção da ferrovia e considerava ela e o Dr. como seus irmãos. Quando escreveu um livro, no início do ano 2000, cujo título é *Sombras do passado*, relatou o tempo e suas atividades aqui, salientando agradecimentos ao casal Dantas.

Dr. Mário de Paula, médico que trabalhou em Urandi e contemporâneo de Dr. Dantas, escreveu no seu livro, *Um médico nos sertões da Bahia*, um agradecimento ao casal Dantas.

Dr. Dantas, após o encerramento das obras ferroviárias, desempregado, escolheu Urandi para morar. Abriu seu consultório e iniciou sua carreira de forma autônoma.

Só Nádia, a primogênita, tinha nascido. Eles alugaram uma casa na Praça da Matriz, atual Praça Ananias de Matos. E ali se estabeleceram. Depois compraram uma casa ao lado da Igreja Matriz - sua terceira residência, que passou por várias reformas ao longo do tempo e foi demolida nos anos 80. Foi reconstruída no mesmo espaço, num outro modelo

arquitetônico.

Dona Edith, cristã, católica praticante, logo após fixar sua residência em Urandi, fez parte de vários segmentos na paróquia local, de forma ativa, sempre acompanhada pelo esposo e depois pelos filhos.

Quando aqui chegou, o pároco era o padre Sancho. Ela foi uma das organizadoras do Apostolado do Coração de Jesus, juntamente com as senhoras Zelita Spínola, Otacília Rodrigues, Nadir Neves Brito, Lourdinha Carvalho e muitas outras. Participava ativamente das Missões nos momentos de crisma feita pela igreja católica. Depois acompanhou por longos anos as ministrações do padre Antônio Manoel da Rocha. Foi acolhedora dos vários padres estrangeiros que passaram por aqui. Uns vindos da Itália, outros da Alemanha, Estados Unidos e Nova Zelândia.

Dona Edith e seu esposo foram, mais de uma vez, mordomos das festas religiosas do padroeiro da cidade, Santo Antônio, de maneira que, há setenta e quatro anos residindo aqui, sempre se manteve fiel à sua igreja. Portadora de grande fé, mas, como o apóstolo Paulo, é uma fé racional.

Edith, que nasceu em 1921, é privilegiada, com saúde invejável. Com mais de um século de vida, toma conhecimento dos acontecimentos e mudanças em todas as áreas no Brasil e no mundo no decorrer do século XX e no atual (hoje, quase chegando aos 102, ainda acompanha tudo pela TV, mas a memória recente não mantém os fatos, ou seja, lembra perfeitamente de tudo do passado mas se esquece do que fez ontem. Neste final de 2022 acompanhou pela TV, em seu apartamento na Pituba, em Salvador, a despedida da Rainha Elizabeth, N.R.).

Ao longo da sua vida, testemunhou transformações significativas na história. Ela nasceu após a Grande Guerra ou Primeira Guerra Mundial e pós-pandemia da gripe espanhola. E viveu recentemente o momento da pandemia da Covid-19, a maior crise epidemiológica em cem anos, que ainda está afetando o mundo.

Era uma garotinha de apenas 8 anos quando a crise de 1929, ou a queda da bolsa de Nova Iorque, que provocou a Grande Depressão mundial, afetou demasiadamente os negócios de sua família no Gandu e Taperoá.

A Segunda Guerra Mundial marcou a sua memória. O medo dos ataques nazistas perdurou até que a Guerra chegou ao final em 1945, com os acordos de paz entre países aliados e os do eixo, e a triste destruição de Hiroshima e Nagasaki no Japão, em 6 de agosto de 1945.

Acompanhou a reconstrução da Europa, através do Plano Marshall, com o aprofundamento da Doutrina Truman. A recuperação do Japão, o avanço dos Estados Unidos, a corrida nuclear deste e da ex União Soviética. A histórica conquista espacial

e a chegada dos americanos à lua em 1969. O início e o final da Guerra Fria. O avanço do socialismo em todos os continentes, a repressão contra o referido sistema e o seu declínio. A divisão da Alemanha com sistemas antagônicos, separadas inicialmente por uma cerca e depois pelo Muro de Berlim, demolido pelo povo da Alemanha Oriental em 9 de novembro de 1989, evento que marcou a história mundial no século XX. E que simbolicamente derrubou a “cortina de ferro”, ou a ideologia que separava o mundo em dois sistemas: capitalismo e socialismo. Os experimentos de bombas atômicas no atol de Bikini na Oceania. Acompanhou a organização da União Soviética (URSS) e sua desestruturação com a Perestroika de Mikhail Gorbachev. A guerra do Vietnã e do Camboja. O uso do agente laranja, uma mistura de herbicidas para desfolhamento das florestas tropicais daqueles países pelos Estados Unidos, como estratégia de guerra.

Acompanhou com muito interesse os acordos de paz mundial, feitos pelas Nações Unidas. Observou temerosa a “guerra de nervos” provocada na população mundial por conta da Guerra Fria, bem como as operações da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

A Guerra da Coreia e a subsequente divisão daquele território em dois países com sistemas tão antagônicos profundos.

A criação do território de Israel, pelas Nações Unidas, por grande influência do brasileiro Osvaldo Aranha e a volta de milhões de judeus se fixando naquele pequeno território e os conflitos entre este povo e os palestinos, na iminência de uma guerra além dos limites do Oriente Próximo. E toda influência do líder palestino Yasser Arafat, que sonhava recuperar os territórios anexados ao novo estado de Israel. A derrubada do último Xá Reza Pahlevi do Irã e a ascensão dos aiatolás, numa nova forma de governo, o teocrático.

A devolução de Hong Kong ao território chinês, administrado há mais de um século pelo Reino Unido, após a Guerra do Ópio. A devolução do Canal do Panamá a este país pelos Estados Unidos. O Canal de Suez sendo atravessado por navios de guerra e navios mercantes sem distinção de bandeiras.

O surgimento de Blocos Econômicos como o MERCOSUL (Mercado do Cone Sul) e do BRICS, blocos dos quais o Brasil faz parte, na América do Sul e no mundo. As tristes ações terroristas que apavoram todos os povos. A vulnerabilidade dos Estados Unidos, com seus símbolos de poder destruídos naquele 11 de setembro de 2001. A invasão do Iraque, a Guerra da Síria, a desestabilização da Líbia.

E hoje dona Edith acompanha pela televisão a invasão da Ucrânia pela Rússia.

No Brasil, ainda jovemzinha, tomou conhecimento da deposição do presidente Washington Luís, finalizando a política denominada República Velha ou a República “café com leite”. E a chegada de Getúlio Vargas ao poder de 30-45, com seu governo dividido

em três períodos: Governo Provisório, Governo Constitucional e Estado Novo, ou ditadura Vargas. Entre tantas censuras e perseguições, Edith viu em Salvador, na Praça Cairu, serem queimados centenas de livros de autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Escritores presos e exilados durante o Estado Novo. Os governos pré-ditadura militar de 64, os vinte anos do governo militar brasileiro e a abertura política com movimentação popular para a volta da democracia no país.

Acompanhou a criação do estado da Guanabara, o território somente correspondente à capital-cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, sua anexação ao estado fluminense. Viu a criação dos territórios como unidades federativas e a transformação deles em estados. A divisão de algumas unidades federativas, como Mato Grosso e Goiás. A divisão regional e suas modificações ao longo do tempo pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A implantação e centralização das mais variadas indústrias no Centro Sul do país e a sua descentralização para outras regiões. Inclusive para a região Nordeste, transformando-a num novo cenário dentro do país. O surgimento de grandes empresas estatais e a privatização de muitas delas.

Dona Edith viu as emigrações em massa dos sertanejos para o Centro Sul do Brasil e a volta de muitos para sua terra natal. O surgimento da nova capital do Brasil, Brasília, atraindo os candangos para sua construção (seu cunhado Heitor se mudou para lá em 1964, N.R.). O Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, com seu slogan, “50 anos em 5”. Os Anos Dourados, permitindo que muitos brasileiros adquirissem aparelhos como enceradeiras, geladeiras, liquidificadores, radiolas, alcançando um patamar de conforto até então nunca visto na classe média brasileira.

Também presenciou a abertura do mercado brasileiro para o exterior por Collor de Mello e o Brasil ser invadido pelos celulares e eletrônicos diversos. E viu a China “invadir” o Brasil com toda sorte de produtos. A professora Edith dizia: “não se esqueçam que o mundo hoje é uma pequena aldeia global.”

Viu o crescimento do agronegócio. O surgimento dos programas sociais e dos mecanismos do Ministério da Educação que facilitam a entrada dos jovens nas universidades. Foi testemunha do bipartidarismo e multipartidarismo no Brasil, das alterações de várias cartas magnas e das comemorações pela promulgação da Constituição de 1988, esperada há anos. Acompanhou muitos alvoroços na política brasileira. A renúncia de Jânio Quadros, o Referendo de 1963, a deposição de João Goulart, o Impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello, da Presidente Dilma Rousseff e outros fatos marcantes na nossa história.

Acompanhava cada fato no mundo e no Brasil através de jornais e revistas que assinava e também pelo rádio, depois pela televisão.

A professora Edith viu um novo mapa-múndi surgir, principalmente as modificações no mapa político da Europa. Ela conhecia aquela “colcha de retalhos” com todas as suas características.

Durante seu magistério, transmitia com muita facilidade e competência tais acontecimentos em sala de aula para nós, alunos, que vivíamos numa época com pouca informação, com raríssimos livros e mapas. Em sala de aula ou fora dela, tinha todo prazer de explicar para quem lhe perguntasse sobre conteúdo do mundo na área da Geografia e dos acontecimentos em geral.

Residindo no Condomínio Vela Branca, na Rua Piauí, bairro da Pituba, em Salvador, continua se mantendo informada através de leituras de jornais, revistas e dos telejornais. Sabe se articular muito bem com as pessoas, sobre os mais variados temas, com as cuidadoras, parentes e pessoas que a visitam.

A EDUCADORA

Edith Meirelles Magalhães, após se formar como professora, ingressou por concurso público no magistério, na rede estadual.

Foi nomeada e designada para ocupar uma vaga na Escola Sete de Setembro, próxima ao Dique de Tororó, região central de Salvador. Atuou por dois anos e por mérito foi removida para o ICEIA (Instituto Central de Educação Isaías Alves), na Praça Central do Barbalho.

Casou-se em 1946 e veio imediatamente para Urandi. Entrou em licença por determinado tempo. Depois foi removida do Instituto Central de Educação Isaías Alves para as Escolas Reunidas D. Pedro II, nome oficial, na época, da única e mais antiga escola da rede estadual da cidade. Recém construída, ou melhor, concluída, a obra tinha sido iniciada durante a gestão da prefeita Nair Guimarães Lacerda e interrompida por falta de recursos. Retomada a construção anos depois, a escola foi inaugurada no início dos anos 50.

Inicialmente, as Escolas Reunidas D. Pedro II funcionavam na casa que hoje todos conhecem como a casa de Dr. Dantas, situada no mirante ao lado da Igreja Matriz, antes da construção do prédio das Escolas Reunidas D. Pedro II, à margem esquerda da estrada que ligava Urandi à Espinosa, hoje atual Avenida Padre Rocha. Na referida casa funcionou, em anos anteriores, uma escola particular do professor Benedito e também uma loja de tecidos do casal Hugolino e dona Otacília Rodrigues.

Segundo o professor e escritor Sebastião Santos Silva, ali funcionou, na época das Escolas Reunidas D. Pedro II, a primeira biblioteca pública da cidade, denominada Biblioteca Getúlio Vargas, fundada pelo prefeito Hugolino Pereira Rodrigues. Quando a professora Edith assumiu sua regência de classe em Urandi, o salário de qualquer funcionário público estadual, incluindo professores da rede, era pago à medida que os impostos do município eram arrecadados pelos coletores da repartição responsável por essa atividade, a Coletoria Estadual. A arrecadação era pequena, de maneira que os salários estavam sempre atrasados, durante meses. O chefe da Coletoria ia pagando um a um, à medida que o dinheiro entrava em caixa. Portanto, não havia uma data prevista ou determinada para o pagamento dos vencimentos dos servidores.

Os professores da sede eram quatro ou cinco, no máximo. As Escolas Reunidas funcionavam inicialmente apenas no turno matutino.

Nos povoados de Salinas e Cantinho, onde tinham sido criadas vagas chamadas “cadeiras” públicas estaduais, sem prédio escolar, as aulas eram dadas em residências de moradores. Os professores nomeados vinham de cidades distantes, como Salvador, Feira de Santana, Caetité, etc. Naquelas escolas permaneciam por pouco tempo, sendo

transferidos para seus locais de origem.

No grupo escolar D. Pedro II, inicialmente não havia cargos de direção. Somente os professores atuavam na unidade escolar.

Dona Edith ficou na docência por certo período e depois foi designada para a função de Inspetora Regional de Ensino, responsável pela inspeção escolar em Pindai, (ainda Distrito de Urandi), Jacaraci, Mortugaba, Licínio de Almeida e povoado de Tauápe. Viajava constantemente para essas cidades. Com filhos pequenos precisou da presença de sua sogra, dona Oscarlina Pinto Dantas, para, juntamente com as babás, cuidar deles. Quando mais velhos, gostavam de fazer com ela aquelas viagens. Sinhôda, grande amigo da família, motorista por excelência, a conduzia no seu *jeep* alugado por ela para aquelas viagens de inspeções às unidades escolares. Amaurilio, outro grande amigo, acompanhava-a muitas vezes durante tais percursos, dirigindo a Rural.

A professora Edith deixou essa função e foi nomeada diretora da Escola D. Pedro II, assim que a Secretaria de Educação e Cultura do Estado entendeu a necessidade de cada escola ter diretor.

Toda comunicação entre a escola e a Secretaria de Educação em Salvador era feita via correio. A Secretaria de Educação era centralizada em Salvador. As Diretorias Regionais de Educação (DIRECs) ainda não haviam sido criadas.

Os alunos em cada sala de aula eram poucos e iniciavam a vida escolar aos nove, até treze anos. A procura era pequena e a evasão muito alta, num tempo muito antes da obrigatoriedade e universalidade do ensino. Para os pais, bastava que seus filhos aprendessem a ler, escrever e fazer alguns cálculos, e logo já podiam sair da escola. Poucos concluíam o quinto ano primário (era essa a nomenclatura).

A professora Edith insistia continuamente com as famílias para matricularem os filhos. Insistia também para que os deixassem na escola até a conclusão daquele ciclo. Visitava casas na busca de meninos e meninas que não estudavam, insistindo com a família a fazer a matrícula deles e visitava também famílias na busca dos alunos evadidos ou mandava chamar os pais para convencê-los a mandar os filhos de volta à escola. Porém, a maioria precisava ajudar a família na roça, no cuidado com o gado (bovino, caprino e ovino). O rebanho era criado solto e precisava de alguém para acompanhar os animais pela caatinga (antes do cultivo do capim), à procura da alimentação para as manadas.

Ela acompanhava cada aluno, procurando conhecer de perto sua história. Houve casos em que o adolescente concluiu o quinto ano e ela insistiu com os pais para que ele, no ano seguinte, voltasse a frequentar como assistente o quinto ano novamente, para reforçar o aprendizado e aguardar uma oportunidade para cursar o ginásio em Caetité. Poucos pais permitiram a volta do filho à escola. Euler Jackson Rocha gosta de lembrar

com muita satisfação que ele foi um dos alunos agraciados como assistente de uma turma do quinto ano da Escola D. Pedro II, graças ao cuidado e à insistência da professora Edith.

O Curso ginásial e secundário mais próximo em funcionamento existia somente em Caetité, Vitória da Conquista e Montes Claros, depois em Caculé.

De Urandi, quatro ou cinco jovens tinham saído para estudar antes dos anos 60. Ela foi a ajudadora na preparação da mala do menino Antônio Silveira Santos, filho do casal de compadres, José Ferreira Santos (Seu Tideca) e dona Lourdes Silveira, para estudar em Caetité, e anos depois ele se tornou médico pela Universidade Federal da Bahia, numa época em que poucos jovens cursavam medicina. Também orientou o casal Abelardo Nina Rocha e dona Áurea Públio, juntamente com o Padre Antônio Manoel da Rocha, a encaminhar Euler J. Rocha e Jeová Nina Rocha a ingressarem no Seminário Menor de Caetité.

A mestra Edith observava cuidadosamente cada aluno e descobria suas dificuldades para lhes dar suporte em horário contrário às aulas normais. A essa prática adotada, ela deu continuidade ao longo de sua carreira de educadora. Quando diretora, passava de sala em sala aplicando testes de sondagem de aprendizagem, ou para indagar às professoras quais alunos não conseguiam acompanhar os conteúdos, principalmente de Português e Matemática. Feito esse diagnóstico, ela recebia os estudantes na diretoria para o devido acompanhamento, ou levava-os para sua casa no turno vespertino para aulas de reforço com tempo mais extenso. Era inconformada com o baixo desempenho de qualquer estudante.

A Escola D. Pedro II era a única da cidade. Angustiava-se com a aprovação de qualquer aluno para a série seguinte, sem o real desempenho. Se dependesse dela, teria erradicado tanto o analfabetismo absoluto quanto o funcional. Conversava com os pais para que entendessem e aceitassem a permanência do filho na mesma série no ano seguinte.

Somente após a conclusão do quinto ano primário, o sistema de ensino permitia que o aluno se submetesse ao exame de Admissão ao Ginásio para ingressar na primeira série, iniciando um novo ciclo escolar. Porém, em 1966 foi publicado um Parecer do Conselho Federal de Educação, permitindo aos alunos concluintes da quarta série primária a permissão para prestar aquele exame, que era a porta de entrada no novo ciclo de ensino. Não era obrigatório, o aluno poderia optar. Prestar a prova após concluir o quarto ou o quinto ano foi uma febre em todo Brasil. O aluno avançava, dessa forma, um ano na sua vida escolar. Aqui alunos e pais correram para as inscrições do exame seletivo. A professora Edith, na sua sensatez, reuniu os pais dos alunos do quarto ano e os aconselhou a esperar mais um ano. Mais tempo para o preparo, para o amadurecimento dos alunos. Como sempre, o ser humano tem pressa, a maioria dos concluintes inscritos na seleção

aplicada ingressou no curso ginásial. Seu filho George era daquela turma da quarta série e ela o manteve cursando no ano seguinte o quinto ano primário. Ele reclamou muito, mas depois entendeu a sábia decisão de sua mãe educadora.

Na educação brasileira, até os anos 60 os melhores alunos eram premiados com medalhas de honra ao mérito, a cada final de ano. Também havia a organização das classes em colunas de acordo com o resultado das médias mensais. Eram sete médias por ano, antes da divisão do ano escolar em unidades ou bimestres. Coluna A, os que tiravam as melhores notas - os ótimos. Coluna B, os bons. Coluna C, os regulares e coluna D, os fracos. A cada mês, ocorria o remanejamento deles, de acordo com as médias alcançadas.

As aulas em toda rede iniciavam-se em março. Concedia-se um mês de férias no meio do ano, em junho, e as aulas encerravam-se em 30 de novembro. Claro que os componentes curriculares não eram tão extensos quanto os da atualidade.

O sistema de ensino não havia criado a Educação Infantil e a mestra Edith, por conta própria, ainda na função de Inspetora, criou na escola uma classe para receber os menores de sete anos. Deixou aquela função e assumiu a classe dos pequeninos. O uniforme era diferente, xadrez verde, enquanto o dos alunos de toda rede era azul e branco. As escolas tinham sua própria autonomia para adotar seus uniformes.

Foi a maior felicidade dos pais daqueles pequenos. Por essa e por outras, costumava-se dizer por aqui que a professora Edith Meirelles Dantas sempre teve visão além do seu tempo. A Educação Infantil só foi assumida pela rede pública no país quando ela já estava aposentada.

Durante seus anos de atividades na Escola D. Pedro II, os livros didáticos adotados em toda Bahia e em outros estados da federação eram os famosos livros de autoria de Olga Pereira Mettig e Lígia Lordello Magalhães. Olga Pereira Mettig e Edith Meirelles Dantas, educadoras baianas, foram amigas. A primeira nascida em Cachoeira, a segunda, em Taperoá, quase contemporâneas. Olga era apenas sete anos mais velha que Edith, e as duas se formaram professoras na Escola Normal da Bahia, em Salvador. Ambas desenvolveram a mesma paixão, a dedicação pelo ensino. Quem estudou nos finais dos anos 50, assim como eu, e início dos 60, deve se lembrar: *Geografia da Bahia*, *História do Brasil*, *Aritmética*, *Iniciação às Ciências*, *Gramática da Língua Portuguesa*. E para leituras ou as chamadas lições no final da aula, o livro *Infância Brasileira*. Da *Cartilha* até o livro do quinto ano, todos eram de autoria de Olga Pereira Mettig. Havia somente essas disciplinas. Logo depois, Aritmética se tornou Matemática e, em seguida, a Matemática passou a ser Matemática Moderna.

Quem não podia comprar os livros estudava com um colega que os possuía. Eles não eram consumíveis. Portanto, vendiam-se os usados para a compra dos novos da série

seguinte. Eu estudava com as inesquecíveis colegas Abigail Brito e Maria Nise Aguiar, pois nem os livros usados meus pais podiam comprar. Na região, os livros só eram encontrados em livrarias de Caetité.

A professora Edith tinha uma forma diferenciada de aplicar castigos, uma prática daqueles tempos, quando era comum alguns professores aplicarem castigos físicos severos e ainda se usava a palmatória na sala de aula. A formação pedagógica no Brasil trazia aqueles resquícios da educação tradicional europeia, baseada na máxima: “que letra com sangue entra”. Pensava-se dessa forma antes da Psicologia Moderna e muito antes da Psicologia Positiva. Alguns pais tinham a palmatória em casa para castigar os filhos com os tais “bolos de palmatória”. Alguns meninos apanhavam na escola e em casa, por indisciplina ou pelo baixo desempenho na aprendizagem.

Não tenho lembrança, e imagino que nenhum ex-aluno da professora Edith viu sobre sua mesa ou na sala da diretoria e da inspetoria uma régua ou uma palmatória. Ela não usava esses instrumentos.

Na pedagogia da época, o professor era o centro do sistema de ensino. Na pedagogia moderna, o aluno se tornou o centro desse sistema. E a professora Edith, por natureza ou por intuição, já adotava esse modelo. Para ela, o aluno era muito importante. A atenção da escola deveria ser voltada para o estudante.

No caso de qualquer traquinagem ou rebeldia de um aluno, ela o conduzia até a sala da inspetoria ou diretoria para uma orientação através de uma conversa, sem castigos físicos. Se este ou outros alunos tivessem dificuldades em leitura, cálculos, cartografia, ela os conduzia para a mesma sala e os auxiliava naquela disciplina ou na atividade em que os estudantes tivessem mais dificuldades. Caso o aluno que praticou uma traquinagem ou rebeldia na sala de aula não apresentasse nenhuma dificuldade, seu tempo era aproveitado para leituras informativas. Seu filho, o maestro Fred Dantas, relembroando sua infância na Escola D. Pedro II, postou há pouco tempo no Facebook o seguinte: “fiz uma traquinagem no pátio da escola na hora do recreio e minha mãe que era a diretora, me levou para a diretoria e me deu para ler *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de Monteiro Lobato. Li no momento do castigo, tomei gosto e acabei investindo horas, dias naquela coleção, que na minha infância, despertou em mim a paixão pela Grécia Clássica.”

Nenhum aluno ficava na sala de aula sem escrever por não ter caderno ou lápis, pois ela aproveitava folhas que sobravam de cadernos ou folhas de papel pautado e as juntava formando pequenos blocos para quem estivesse sem o material no momento. Havia um pequeno baú na escola com lápis, borracha e papel para o socorro necessário. Eram tempos difíceis, de recursos escassos. O estado oferecia somente a escola, o professor, o mobiliário, o quadro negro, o giz e aquele apagador de madeira forrado com feltro. Livros

eram tesouros raros. Ela não alcançou o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Aposentou-se antes da criação desse programa. Que pena!

Havia aluno que treinava cálculos naquele papel que as padarias utilizavam para enrolar pão. Não me esqueço de que eu era uma delas.

Cada um levava sua própria merenda e ela gostava de orientá-los a levarem o que tivessem em casa: frutas de época e até pedaços de rapadura, que era muito usada por aqui para adoçar café. Vivia-se o tempo de descascar e não o tempo do desenrolar ou desempacotar nessa modernidade.

Mas antes de se aposentar, o programa da merenda escolar chegou ao Brasil e, evidentemente, a Urandi, à escola da rede estadual, D. Pedro II, implementado pela Lei 5.540/ 68, com os acordos MEC/ USAID, criando o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) (Fonte: www.fnde.gov.br/programas/pnae).

Na escola a maioria de nós conheceu uvas passas, queijo canadense enlatado, leite em pó e bacalhau. Aqui no alto sertão nunca tínhamos visto esses alimentos. Como os produtos eram importados e a logística era insuficiente, eles chegavam ao porto de Salvador e até serem liberados para a distribuição nas escolas em todo estado levava muito tempo. Alguns produtos chegavam alterados, principalmente os queijos.

Vigorava a prática de toda classe ficar de pé para receber a professora e para se despedir dela ao final da aula. Também rezavam e cantavam uma música específica nesses dois momentos. A classe ficava de pé toda vez que um visitante adentrasse à sala.

Cantava-se nas datas específicas o Hino Nacional, o Hino da República, da Independência, a Canção do Soldado e a Canção do Marinheiro.

As carteiras duplas eram de madeira, pés de ferro, com uma cavidade para despejar a tinta do tinteiro (cada aluno levava o seu). O estudante molhava sua caneta naquela tinta para escrever no seu caderno ou na folha de papel pautado, quando era o momento da prova. Elas eram mensais. Sete ao longo do ano e a prova final, obrigatória para todos, mesmo que durante os sete meses qualquer estudante alcançasse a nota máxima, dez.

Não havia o Caixa Escolar como hoje, então a professora Edith, na função de diretora, organizava diversas atividades para angariar fundos para a compra de materiais necessários à escola ou para o conserto de armários e cadeiras, quadro negro etc. Na semana da criança, promovia o desfile da criança mais graciosa do ano. As concorrentes e famílias vendiam os bilhetes e a vencedora recebia a faixa na escola, após o desfile com todas as participantes. Fazia o mesmo durante as festas juninas. E dessa forma, a escola tinha um pequeno caixa para as necessidades acima citadas.

Durante os anos em que atuou na escola D. Pedro II, parte de sua estrutura ruiu por duas vezes em tempos de chuvas fortes e ela, com toda sua sabedoria e sensatez,

conseguiu com moradores da cidade espaços para instalar salas de aula. Seu Zé Novato cedeu uma sala, na parte térrea do seu antigo casarão, que era um sobrado. Dona Bazinha, sua sala de jantar. A Igreja Batista, duas salas da casa pastoral. E uma empresa que gerenciava uma usina de beneficiamento de algodão, já desativada (onde foi construída a Loja Maçônica) cedeu espaço para o funcionamento de outras classes, até que foi feito o reparo da escola.

Décadas antes do cientista norte-americano Howard Gardner pesquisar e publicar inúmeros artigos comprovando a teoria das múltiplas inteligências humanas, enumerando-as em sete e agora nove tipos, desde a lógico-matemática, linguística, musical até a existencial (Fonte: <http://www.novaescola.org.br>), ela observava os alunos e descobria as suas habilidades, embora não fosse possível oferecer a cada um atividades que pudessem contemplar o tipo ou tipos de inteligência deles. Dona Edith tinha um olhar especial para cada educando. Entendia a queda do seu rendimento escolar, quando estavam passando por quaisquer problemas na família.

Quando os alunos concluíam o quinto ano primário, a escola D. Pedro II organizava a solenidade de entrega das provas e do diploma aos estudantes, com a presença dos familiares. O Cine Teatro Urandi, quando de propriedade do Sr. Diógenes Baleeiro, espaço bem adequado, foi cedido inúmeras vezes para as referidas solenidades.

FUNDAÇÃO DO GINÁSIO DE URANDI

A fundação do Ginásio de Urandi foi um marco na história, um grande passo no desenvolvimento do município. Até o ano de 1962, poucos jovens urandienses concluíam o quinto ano primário e saíam para prosseguir os estudos. Diante de tal realidade a Professora Edith Meirelles Dantas, preocupada com a real situação, então, procurou informações sobre meios de fundar na cidade o curso ginásial. Após conversas fecundas sobre o assunto, ela e Dr. Dantas foram convidados pelo amigo, advogado provisionado e prefeito da época, Sr. Luís Gomes, que havia abordado com Dr. Teodolindo (advogado) e Dr. Mário Cardoso (promotor) a ideia da fundação de um Ginásio na cidade. Esses cinco cidadãos chegaram ao consenso de que somente a fundação de uma entidade mantenedora sem finalidade lucrativa seria o caminho viável para a criação da escola. Ainda não estava em vigor a primeira LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961) com determinação dos princípios para o sistema de ensino brasileiro. Nem a comunidade local em geral tinha recursos para pagamento das mensalidades de uma escola particular. O Sr. Luís Gomes, prefeito, atuou como cidadão comum, na fundação da Sociedade Cultural de Urandi e, na sequência, na fundação do Ginásio de Urandi, pois nenhuma lei assegurava ao município a abertura de uma escola pública.

Plantada a ideia, convites foram feitos a inúmeros cidadãos e cidadãs urandienses para participarem das reuniões no salão nobre do primeiro andar do antigo prédio da Prefeitura Municipal no centro da cidade. Inúmeras reuniões aconteceram. Mais de sessenta pessoas participaram delas, mas se associou um número inferior a cinquenta pessoas. Muitos desistiram por não acreditar naquele projeto. Outros, por acharem alto o valor das mensalidades que cada sócio deveria pagar, no valor de cinco mil cruzeiros, moeda corrente da época, para manutenção da Sociedade Cultural de Urandi, a instituição que viria a ser a mantenedora do futuro Ginásio de Urandi:

Ata da Fundação da Sociedade Cultural de Urandi. Aos vinte e um dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e dois, nesta cidade de Urandi, estado da Bahia, no salão nobre da Prefeitura Municipal à Praça da Bandeira, S/N, as vinte horas, do referido dia, aí reunidos. Nada mais ocorrendo, após a comissão congratular-se com os demais presentes, bem como com os urandienses em geral por este auspicioso acontecimento, foi declarada encerrada a sessão, da qual para constar, eu José Borges de Carvalho, secretário lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada vai devidamente assinada.

Reproduzo aqui, além da Ata de Fundação acima, a Ata da Assembleia Geral que deu início às providências práticas para se criar o ginásio:

Ata da Assembleia Geral da Sociedade Cultural de Urandi, realizada às vinte horas do dia 14 de junho de 1962, para instalação da Sociedade, discussão

e aprovação dos seus estatutos na forma da lei. Em seguida passou-se aos trabalhos de discussão artigo por artigo dos Estatutos da Sociedade que constituídos de 13 capítulos e 43 artigos, foram devidamente aprovados e subscritos pelos componentes e suas diretorias. Por este ato foi declarado oficialmente como a Entidade Mantenedora, a Sociedade Cultural de Urandi, com quarenta e cinco associados e aclamado seu primeiro presidente, o Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues.

Lista dos Associados Fundadores da Sociedade Cultural de Urandi:

Dr. Dorivaldo Dantas
Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues
Prof. José de Brito Silva
Prof. Celso Alves Carvalho
Profa. Nadir Neves Cotrim Silva
Profa. Edith Meirelles Dantas
Profa. Dorotéia Maia Rodrigues
Profa. Maria Dolores Neves Brito
Profa. Zilene Silva
Profa. Marilene Neves Brito
Profa. Doroteia Maria da Silva
Arcetides Souza Morais
José Ferreira Santos
José Borges de Carvalho
Diógenes Baleeiro
Joaquim Gomes
Miguel Vilas Boas de Castro
Jerônimo Borges de Carvalho
Dr. José Cordeiro de Andrade
Jesulindo Rodrigues Guimarães
José Menezes de Melo
Francisco Monteiro
Benvindo Muniz
Arquimimo Aguiar da Silva
Demerval Afonso dos Santos
Antônio Souto Castro
Sebastião Alves Santana
Rosalvo Rocha

Evaldo Moraes
Theolinda Almeida Cardoso
Sinésio Ezequiel Gonçalves
Mário Públio
Lauro Públio
Edgar Pereira Donato
Claudemiro Ezequiel Públio
José Guimarães Neto
Armindo Miguel da Silva
Edivaldo Pereira Públio
Idibaldo Leão
Edvaldo Gomes da Silva
Adálbio Basílico Lelis
Luís Gomes
Eudmirar Pereira Donato
Noé Gonçalves Dias
Antônio Menezes Leal

Sócios Beneméritos:

Dr. Dorivaldo Dantas
Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues
Dr. Mário Cardoso
Prof. José de Brito Silva
José Ferreira Santos
Miguel Vilas Boas de Castro
Arcetides Souza Moraes
Joaquim Gomes
Diógenes Baleeiro
Luís Gomes

A primeira **Diretoria da Sociedade Cultural de Urandi** ficou assim constituída:

Presidente - Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues
Vice Presidente- Prof. José de Brito Silva

Conselho Fiscal:

José Borges de Carvalho

Joaquim Gomes

Adálio Basílio Lélis

Diógenes Baleeiro

José Ferreira Santos

Suplentes:

Arquimimo Aguiar da Silva

Miguel Vilas Boas de Castro

Armindo Miguel da Silva

Demerval Afonso dos Santos

Evaldo Moraes

Conselho Diretor:

Prof. Celso Alves de Carvalho

Luís Gomes

Suplentes:

Arcetides Souza Moraes

José Guimarães Neto

No decorrer do tempo, outros cidadãos urandienses se tornaram sócios da Sociedade Cultural de Urandi.

O Diretor Executivo, Dr. Dorivaldo Dantas, tornou-se o primeiro Diretor do Ginásio de Urandi, escolhido por unanimidade entre os membros da Sociedade Cultural de Urandi, em assembleia geral.

Organizada a Sociedade Cultural de Urandi, seus membros, em assembleia geral, escolheram o nome para a escola que se denominou **Ginásio de Urandi**.

A próxima etapa foi encontrar um espaço para funcionamento do colégio. Coube ao Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues, Presidente da Sociedade Cultural de Urandi, ir a Salvador solicitar junto às autoridades do Ministério dos Transportes, responsáveis pela construção da Ferrovia Leste Brasileira, aqui na região, a cessão do prédio, que foi edificado para ser o grande almoxarifado das empreiteiras construtoras. Estava desativado, porém, contava com bastante material e muitos carros tratores e máquinas no pátio. Cedido o prédio e recolhidos para Salvador todos aqueles equipamentos, o Sr. Luís Gomes, dono do terreno onde fora erguido o enorme galpão (no espaço onde hoje se localiza o Hospital Municipal, Padre Antônio Manoel da Rocha) fez, juntamente com sua esposa, dona Idalísia Leão

Gomes, uma doação da área através de escritura de cessão de posse para a instituição, Sociedade Cultural de Urandi. Os anos de 1961 e de 1962 foram de muita correria para organização daquela sociedade a fim de fazer as devidas adaptações no velho almoxarifado, transformando aquele espaço, ou parte dele, num ambiente escolar.

A professora Edith Meirelles Dantas ficou com toda parte burocrática da documentação para autorização dos Conselhos Estadual e Federal de Educação, para fins de funcionamento do Ginásio de Urandi. E também responsável pela procura de professores para apresentarem a documentação necessária exigida por lei, para encaminhamento ao órgão competente em Salvador e publicação, em Diário Oficial, das devidas autorizações para lecionarem. O primeiro quadro de docentes do Ginásio de Urandi assim ficou constituído:

Dr. Dorivaldo Dantas – Ciências e Inglês (médico)

Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues – Geografia (advogado, depois Promotor de Justiça, na cidade)

Dra. Carmem dos Santos- Francês (juíza)

Profa. Edith Meirelles Dantas – Geografia

Profa. Nadir Neves Cotrim Silva- História

Profa. Maria Dolores Neves Brito – Português e Artes Industriais

Profa. Marilene Neves Brito – História e Educação Física

Prof. José Guimarães Neto - Matemática (Funcionário da Coletoria Estadual)

Profa. Maria do Carmo Guimarães - Português

Prof. Girleno Carvalho Moraes – Educação Física.

O advogado Luís Gomes, além de doar o terreno para a Entidade Mantenedora, redigir o seu Estatuto e fazer o devido registro em cartório, foi também o redator do Regimento Interno da escola e, ao longo dos anos, foi procurado para fazer as alterações necessárias, toda vez que um novo Parecer dos Conselhos de Educação era publicado, ou que a lei de Diretrizes e Bases da Educação passava por mudança. Foi também professor no Ginásio, nas disciplinas OSPB e EMC, respectivamente Organização Social e Política Brasileira e Educação Moral e Cívica. No segundo grau, foi professor de Sociologia. Seu filho, o advogado Caio Leão Gomes, também ministrou aulas dessas disciplinas no Ginásio de Urandi. Luís Gomes nunca cobrou pelos serviços jurídicos prestados. Com os valores recebidos pelas aulas dadas, ele comprava doces e distribuía para seus alunos na sala. Os valores pagos por aula mal davam para consertos dos calçados dos mestres, que se deslocavam do centro da cidade a pé, quando todo acesso ao Ginásio de Urandi não tinha ruas pavimentadas.

Com a documentação adiantada para pedir autorização de funcionamento da escola,

a professora Edith procurou fundar um cursinho noturno preparatório para o obrigatório Exame de Admissão ao Ginásio.

Para funcionamento do cursinho, dona Edith conseguiu uma sala ampla na residência da senhora Maria Alves Paim, conhecida como Dona Cota, que morava sozinha no centro da cidade, ali na rua Góes Calmon, ao lado da Igreja Matriz. Casa esta que depois foi comprada pelo casal Sebastião José Teodoro Nascimento (Seu Manduri) e dona Francina Rocha Nascimento (Dona Santa).

Alunos, pais e professores providenciaram as cadeiras, mesas e quadro negro para o estudo, bem como os lampiões a gás, pois a energia elétrica já não era suficiente. Alguns professores que ministravam aulas no cursinho seriam professores no Ginásio de Urandi, no ano seguinte.

Para adquirir o **Livro de Admissão**, adotado para estudos preparatórios ao ingresso no curso ginásial em todo território nacional, dona Edith pediu a cada aluno o dinheiro correspondente ao valor e comprou-o na Livraria Salvador para os estudantes matriculados no cursinho. As mensalidades eram praticamente simbólicas.

Havia um grupo significativo de alunos adultos, que havia concluído o ensino primário há muitos anos.

Os professores convidados para lecionarem no Ginásio de Urandi, sem contrato e sem nenhum vínculo empregatício, eram cientes de que o pagamento das aulas seria na forma de pequenas gratificações. A maioria dos docentes eram professores da rede estadual na Escola D. Pedro II, além do médico, juíza, promotor, advogado e funcionário da Coletoria Estadual. Todos os professores dariam parte do seu tempo naquela escola com a finalidade de dar uma grande contribuição a Urandi.

Todos os recursos financeiros eram administrados pela Sociedade Cultural de Urandi. O primeiro tesoureiro foi o Sr. José Borges de Carvalho, conhecido como Seu Bebê. A contribuição no valor de cinco mil cruzeiros de cada sócio fundador da Sociedade Cultural de Urandi foi somente levantada nos primeiros meses da fundação da entidade mantenedora. Em março de 1963, iniciadas as aulas, o valor das mensalidades do alunado correspondia a Hum Mil Cruzeiros, e com esse montante em caixa, pago por mais de quarenta alunos, dava para pagar as gratificações aos mestres pelas aulas dadas, serviço de portaria, secretaria e limpeza. O diretor, Dr. Dorivaldo Dantas, na função, dispensou os honorários. Sem nenhuma gratificação, esteve à frente da direção da escola durante treze anos. Dividia seu tempo como médico e como educador, pois além de diretor era professor de Ciências, Inglês e depois, no II Grau, professor de Biologia e Química.

A professora Edith insistiu com Dra. Carmem dos Santos, juíza da Comarca, para lecionar francês, visto que ela havia passado uma temporada na França e tinha domínio

daquele idioma. E o padre Homero Leite Meira, logo depois, para o ensino do Latim. E dessa forma, logo que um promotor ou juiz fosse designado para a comarca, dona Edith o procurava e pedia ajuda para ministrar aulas do ginásio. A sociedade foi muito atenciosa com ela e com Dr. Dantas, nesse sentido. Seus pedidos para qualquer contribuição ao Ginásio de Urandi não eram negados.

Se uma disciplina ficasse sem professor, dona Edith pedia socorro aos universitários ou seminaristas que por acaso estivessem na cidade ou a passeio ou de férias, de forma que vários filhos de Urandi que eram acadêmicos em várias áreas auxiliaram a escola: Jeová Nina Rocha, atual cientista da USP no Campus de Ribeirão Preto (SP), os acadêmicos em direito José Cândido Silveira Santos, Fernando Santana e Caio Leão Gomes, bem como jovens normalistas de Caculé, colegas de sua filha Nádia. E esta, recém-formada professora, no Colégio Estadual Norberto Fernandes, de Caculé e mais dois filhos de Urandi, Euler Jackson Rocha e Helenita Novato, lecionaram durante os primeiros anos do Ginásio. Nádia foi, em seguida, para Salvador, fazer faculdade. Euler foi secretário e professor de Matemática por certo tempo e deixou as atividades de educação ao ingressar como funcionário no Banco do Estado da Bahia. A professora Helenita permaneceu lecionando Português e anos depois foi diretora da escola. Não havia exigência de formação específica para lecionar naquela época. Dessa forma, dona Edith organizou o quadro de professores observando as habilidades e competências de cada um.

Com toda a documentação e autorização para funcionamento do Ginásio de Urandi publicadas no Diário Oficial do Estado da Bahia, em dezembro de 1962, foi realizado o primeiro Exame de Admissão ao Ginásio. Em fevereiro de 63, o exame em segunda época. As provas foram realizadas na escola D. Pedro II, visto que o prédio do almoxarifado ainda não tinha sido reformado para funcionamento da escola.

O Exame de Admissão, por lei, era realizado em dois momentos. Quem não conseguisse aprovação ou não pudesse comparecer por algum motivo na primeira época, em dezembro, fazia-o em fevereiro. As provas eram escritas e orais. Português e Matemática, as primeiras provas escritas eram eliminatórias. As provas orais eram realizadas por sorteio do chamado ponto ou conteúdo retirado dentro de uma urna por cada aluno submetido às perguntas. Em Português, todo aluno temia tirar o ponto que abrangia as conjunções; em História, as Capitânicas Hereditárias ou os governos das regências Trina e Provisória do segundo reinado monárquico brasileiro; em Geografia, os aspectos físicos ou políticos da África. Todos os alunos prestavam o referido exame de admissão diante de uma banca examinadora constituída por cinco professores e na presença do Inspetor Regional de Educação, da Seccional do MEC (Ministério da Educação e Cultura) nesta sub-região da Bahia, na época o médico Dr. Galba Oliveira, residente em Caculé.

Embora o colégio fosse fundado e organizado por uma sociedade filantrópica, o MEC (Ministério da Educação e Cultura) obrigava toda e qualquer escola a se vincular ao Sistema Federal de Ensino vigente em todo país.

Foram aprovados no exame de admissão, em primeira e segunda época, quarenta e sete alunos ao todo. Estes formaram duas turmas: uma com os estudantes mais jovens, outra, com os mais adultos.

Turma “A”:

Adna Márcia Souza
Adnaldo Moreira Souza
Alfrida Isabel dos Santo
Alvacir Rocha Carvalho
Amilton Menezes MascarenhasAna Lúcia Santos Freire
Antônio Cristóvão Mascarenhas
Antônia Abigail Neves Brito
Eduardo Baleeiro
Gleide Públio Ferreira
Helena Alves Monteiro
Iêda Maria Novato AguiarJosé Humberto Freitas
José Peixoto Filho
José Leite do Nascimento
Joaquim Pereira Primo
Jubilino Peixoto de Almeida
Laurita Dias PúblioMaria Isaura Reis OliveiraMaria Nise Aguiar
Maria Amélia da Silva
Mário Oliveira Rodrigues
Rubem Carvalho Morais
Válter Vilas Boas de Castro
Venceslau Amaral Lélis
Veralúcia Rodrigues Públio

Turma “B”:

Antônio Carlos Souto Castro
Antônio Richelier Nina Rocha
Deusa Novato
Deusedina Isaias dos Santos

Edivaldo Pereira Donato
Elita Amaral
Elzeir Alves de Souza
Everardes Batista Silva
Eufrásio Gomes Neves
Geraldo Gomes Neves
Hilda Andrade Silva
Januário Ferreira José Gomes Soares
Jovino Alves Carvalho
Jotálio de Castro Gomes
Milton Oliveira Rodrigues
Neusa Novato
Osmany Alves Carvalho
Ubiraara Alves Monteiro-
Vivaldo Botelho Wilson Borges Paixão

No segundo semestre vieram transferidas do Colégio Norberto Fernandes de Caculé as alunas Elza Souza Oliveira e Rilda Souza Oliveira.

Doado o almoxarifado pelo Ministério dos Transportes à Sociedade Cultural de Urandi, num curto espaço de tempo, foram mobilizados pais de alunos que eram carpinteiros, pedreiros, serralheiros etc, sob a orientação do Sr. João Ezequiel Públio (Seu Tozinho), considerado engenheiro rábula, e com a mão de obra dos colaboradores, a reforma do prédio ficou em parte adequada para o funcionamento da escola. Foram feitas doações de alguns mobiliários necessários oferecidos por professores, por cidadãos locais e de cidades vizinhas e por alguns pais de estudantes e outros fabricados pelos carpinteiros: José Gonçalves Neto (Seu Mimi), Mário Públio (Seu Tudininho) e Valdivino Silva, além de doações de mesas, cadeiras, balcões, máquina de datilografia, armários - estes últimos, doados pela agência do Banco BANEB da cidade. Estavam em condição de funcionamento a diretoria, secretaria, sala de professores e duas salas de aula, banheiros masculino e feminino para alunos, e outros dois para professores.

Na manhã de 15 de março de 1963 ocorreu a Aula Inaugural do Ginásio de Urandi com a presença dos professores, dos sócios fundadores, prefeito e câmara de vereadores, autoridades locais, alunos e pais que, emocionados, ouviram atentamente o belo discurso do presidente da sociedade, o Dr. Teodolindo Pereira Rodrigues.

Iniciado o ano letivo em 15 de março de 1963, Dr. Dorivaldo Dantas, o diretor, dividia

seu tempo assim: das sete até às nove horas: aulas e na diretoria para verificação do andamento da escola. Exceto às terças feiras, que atendia como médico em Licínio de Almeida, contratado pela Mineração Urandi.

O laboratório de Ciências foi organizado com materiais necessários: provetas, esqueleto humano, tubos de ensaios, amostra de petróleo, areia monazítica, insetos e outras classes de pequenos animais marítimos e terrestres, todos desidratados. Álbum de ciências e materiais doados por ele, o diretor. Minerais, bateia e outros foram doados pela Mineração Urandi S/A, a pedido de Dr. Dantas e da professora Edith aos chefes daquela empresa. Eles, residentes na cidade de Licínio de Almeida, deram grande contribuição à fundação, organização e início das atividades ao Ginásio de Urandi. Os chefes daquela empresa convidavam a escola, com seu corpo administrativo, docente e discente, para fazer excursões às minas de manganês, no município de Licínio de Almeida. Atendiam constantemente aos convites feitos por Dr. Dantas, para que os engenheiros dessem palestras no colégio.

A Seccional do Ministério da Educação exigia com urgência a organização da biblioteca, com no mínimo dois mil volumes num ambiente com prateleiras, mesas e cadeiras para atendimento dos estudantes.

A professora Edith, juntamente com seu esposo, numa campanha na cidade, bem como nas cidades vizinhas e também em Salvador, conseguiu doações de livros necessários para organizar o acervo da biblioteca, que ultrapassou em pouco tempo o registro de mais de dois mil exemplares. Para os anos 60 foi considerado um grande avanço, visto que livros eram materiais ainda escassos. E como admiradora do educador baiano, Isaías Alves, de quem tinha sido aluna na capital do estado, a professora Edith sugeriu o nome dele para a biblioteca, que foi aceito de forma unânime pelos membros da Sociedade Cultural de Urandi.

Inicialmente o sinal tocado para início e término das aulas era batido num pedaço de trilho da ferrovia, encontrado no pátio do almoxarifado. Depois, o Sr. João Ezequiel Publio (Tozinho) pediu um sino que estava na cadeia da cidade, passando a ser utilizado para aquela finalidade, substituindo o pedaço de trilho (o sino encontra-se atualmente na pequena torre da Capela de Santos Reis, no Alto do Cruzeiro N.R). O Sr. Tozinho também doou muitas mudas de plantas para Dr. Dantas iniciar o cultivo de um jardim na frente do Ginásio.

Com suas próprias mãos, o Sr. Tozinho plantou abaixo do pátio do Ginásio, no largo da praça que anos depois ganhou o nome de Praça Henrique Brito, mudas de árvores trazidas de Belo Horizonte. Quase sessenta anos depois elas permanecem vivas, frondosas e proporcionando enorme sombra para os transeuntes que sobem e descem pela Avenida

Anísio Teixeira, no Bairro DC-5, amenizando o calor de setembro, outubro, novembro e dezembro, os meses mais quentes do ano.

O Sr. Diógenes Baleeiro doou um relógio de parede que, colocado na diretoria do Ginásio, tornou-se um cronômetro para demarcar os horários das aulas. Esse sócio doou também uma fanfarra, adquirida com a remuneração de vereador que ele nunca quis usar para si, que foi o encanto para os alunos aprenderem a tocar aqueles instrumentos e participarem dos desfiles cívicos apresentados pelo Ginásio, na semana da pátria, no 21 de abril e na primavera. Muitas doações de bens, de ideias e de tempo foram oferecidas ao Ginásio de Urandi, para o início de seu funcionamento.

As aulas de Educação Física aconteciam em contraturno, no período vespertino. Durante dois anos as atividades físicas eram desenvolvidas no pátio de chão batido. Só em 1965 o espaço foi revestido com piso de cimento, cujo material foi em parte adquirido por doações de pais de alunos, e novamente à frente daquele trabalho estava o Sr. Tozinho, assim como no final dos anos 60, quando a Sociedade Cultural de Urandi recebeu uma doação do Ministério da Educação através do Deputado Federal Vasco Neto, para a construção de um auditório e de uma nova sala de aula.

O uniforme feminino era saia azul marinho de pregas e blusa branca, com gravata do mesmo tecido, sapato preto ou congá azul com meias pretas (era padrão no Brasil). O uniforme masculino era calça e camisa cáqui, gravata da mesma cor, congá ou sapato ou “kichute” pretos. As gravatas dos uniformes, tanto feminino quanto masculino, eram bordadas com listras azuis que identificavam a série que o aluno cursava. Uma listra indicava a primeira série do curso ginásial. Duas listras, a segunda série, e assim por diante.

Em 1963, o Ginásio de Urandi iniciou seu ano letivo com quarenta e sete alunos. Era um orgulho para eles e especialmente para os pais ter os filhos ginásianos. A cada ano o número de estudantes foi aumentando gradativamente. A escola funcionava no período matutino. Anos depois, a professora Edith, percebendo que havia jovens trabalhadores, donas de casa e empregadas domésticas ansiosos para estudar, estendeu o curso para o noturno. Ela era diretora da Escola D. Pedro II, cedeu uma sala daquela Escola para funcionamento de uma classe do Ginásio, visto que com a dificuldade de energia, aquela escola mais centralizada facilitava bastante tanto para os alunos, como para os professores que ministravam aulas naquela turma.

À medida que os alunos concluíam o curso ginásial, os que tinham condições financeiras melhores se deslocavam para cursar o secundário em outras cidades e uns poucos ingressavam no ensino superior. Os mais pobres permaneciam aqui. Diante disso, novamente a professora Edith se empenhou para conseguir o funcionamento do ensino

do segundo grau. Era o momento em que a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a 5692/71, havia sido implantada, trazendo reformas profundas na educação brasileira. Portanto, muitas adequações eram necessárias para a implantação da nova etapa do ensino de segundo grau. Foram dois anos (1972-1973) de buscas de informações nos Conselhos Estadual e Federal de Educação. Enfim, em 1974, com muito empenho, ela conseguiu, junto aos referidos Conselhos, a autorização para o funcionamento da nova modalidade de ensino com duas habilitações: Curso Magistério e Técnico em Contabilidade, e a instituição passou a ser chamada de Centro Educacional de Urandi – CEU. Nessa época o prefeito era o Sr. Sebastião Alves Santana, que, junto ao deputado Henrique Brito, muito ajudou a professora Edith com toda a parte burocrática da documentação em Salvador junto à Secretaria de Educação e Cultura. Mas a escola continuava vinculada à Sociedade Cultural de Urandi, sem vínculo com o poder público.

Quando Dr. Dantas deixou a diretoria, após treze anos naquela função e honorários dispensados, a professora Edith assumiu o cargo, através de votos numa assembleia geral da Sociedade Cultural de Urandi. Anos depois, seu filho, Dr. Roberto Meireles Dantas, foi diretor, indicado pelo mesmo procedimento e, também como o pai, dispensou os honorários. Antes disso, ele ministrou aulas para as turmas do segundo grau.

Dona Edith, desde a fundação do Ginásio de Urandi, sempre solicitava às famílias da sede que recebessem em suas casas estudantes que vinham da zona rural cursar o ginásial, ou que parentes ou padrinhos hospedassem alunos. Estes, por sua vez, poderiam contribuir com alimentos ou com ajuda nos trabalhos domésticos. Dessa forma, inúmeros estudantes encontraram espaços para permanecerem na cidade durante o período letivo. Ela mesma recebeu em sua casa várias meninas para estudarem. Dona Júlia A. Monteiro fez o mesmo e recebeu sobrinhas, afilhadas, vários filhos de amigos em sua casa. A professora Edith orientou também outras pessoas a abrirem pensionatos para estudantes. Dona Francina Rocha Nascimento (Dona Santa), dona Olívia Ribeiro e Maria Leal foram as primeiras nessa atividade. Hospedaram jovens da zona rural, de Candiba e de Licínio de Almeida, de Pindaí. Hospedaram também professoras de Caetité que vieram dar aulas naquela escola e no Grupo Escolar Pedro II. Havia a Pensão Pereira, de dona Dudu, no centro da cidade, que recebeu muitos jovens estudantes das cidades vizinhas: Pindaí, Jacaraci, Licínio de Almeida, Sebastião Laranjeiras. Além do Hotel Bahia de dona Theolinda e Sr. Vitalino, que também recebia estudantes.

No caso de alunos de famílias muito pobres, ou quando se tratava de três ou quatro irmãos, em consenso com o diretor, seu esposo, e a diretoria da Sociedade Cultural de Urandi, ela conseguia dispensar um dos irmãos de pagar a mensalidade. Ou um deles pagava somente metade. Conseguiu com o Deputado Federal, Vasco Neto, grande amigo

de sua família, a aquisição de bolsas de estudos do MEC (Ministério da Educação e Cultura) para os alunos mais carentes.

Com o dinheiro das mensalidades pagas pelos alunos, mantinham-se os serviços essenciais da escola, como o pagamento dos professores e do quadro de funcionários, com apenas uma faxineira, um porteiro, uma secretária e uma auxiliar de secretaria, os quais recebiam pequenos valores. Ninguém tinha carteira de trabalho assinada, nem contrato de trabalho. Mas a escola funcionava sem abandonar o lema que foi estabelecido pelo diretor fundador, Dr. Dorivaldo Dantas: “Se não podemos ser o maior, temos que ser o melhor”. Às vezes Dr. Dantas e Dona Edith davam uma atividade (capinar o pátio da escola, reformar salas, banheiros, consertar telhados, desentupir esgoto, trocar torneiras, instalações elétricas, pavimentação de algumas áreas, etc.) para o aluno muito pobre fazer, correspondendo ao pagamento de uma ou mais mensalidades durante o ano letivo. Várias meninas ajudavam na secretaria para receberem o mesmo benefício. Eu fui uma daquelas meninas. Trabalhei como auxiliar de Secretaria para pagar as minhas mensalidades durante os quatro anos do curso ginasial. Meus pais não tinham condições de arcar com aqueles valores. Por isso, venho declarando ao longo da minha vida toda gratidão à mestra Edith Meirelles Dantas e a seu esposo, Dr. Dorivaldo Dantas, que me presentearam com régua e compasso... com livro, caneta, papel e tinteiro.

Todas as despesas documentadas em recibos eram entregues ao tesoureiro e toda prestação de contas era apresentada à Diretoria e Conselho Fiscal da Sociedade Cultural de Urandi. Quem mais atuou nos reparos do prédio do Ginásio de Urandi, para angariar valores com finalidade de pagar suas mensalidades, foi o estudante filho da faxineira Odília A. Dias, o jovem Eduardo de Almeida Dias, que anos mais tarde, após concluir o Magistério, foi professor de Matemática e, na sequência, diretor da escola.

No primeiro ano do funcionamento do Ginásio, dona Edith convidou a senhora Dilzete Luanda Gonçalves para abrir uma cantina na escola, porém, permaneceu por pouco tempo. Os alunos eram poucos e as vendas eram mínimas. Na sequência, Edith Carvalho Rocha instalou sua própria cantina. Na verdade, o que se chamava de cantina era uma barraca no pátio de chão batido na parte central do prédio. Edith Rocha não permaneceu. Assumiu, a partir daí, Anita Maria das Neves, por longos anos. A casinha do motor de energia do velho almoxarifado foi adaptada e transformada numa pequena cozinha para ela. Anita fez parte da história e da lembrança de grande número de estudantes do Ginásio de Urandi. Ela guardava até pouco tempo uma caderneta na qual os próprios alunos anotavam suas compras. Ah! Se aquela caderneta falasse! (rsrsrs).

A primeira secretária foi a professora Zilene Silva, substituída no segundo semestre pela professora Maria Dolores das Neves Brito. Auxiliar de Secretaria, Maria Isaura Reis

Oliveira. Faxineira, Antonieta Reis Oliveira, substituída no ano seguinte por Odília de Almeida Dias. O primeiro porteiro foi Edielson Silva Mendes, que, por motivo de saúde, foi substituído por Ernesto Silva.

Assim foi o trabalho da professora Edith juntamente com seu esposo, médico e educador, que estiveram na direção do colégio durante anos, sem auxílio do poder público. Foram, na verdade, as âncoras na direção do Ginásio de Urandi. Logo após a saída deles, realizou-se convênio entre a Sociedade Cultural de Urandi, a Prefeitura Municipal e Secretaria Estadual de Educação, na gestão do Prefeito Antônio Gomes Bitone, que muito se empenhou para o referido procedimento. Contratos de professores foram feitos pelo estado, através da Secretaria de Educação e Cultura e a Sociedade Cultural de Urandi. Já não era Ginásio de Urandi, e sim o Centro Educacional de Urandi, pois os cursos não eram o Ginasial e Secundário, eram o Ensino de I e II Graus.

No início dos anos 90, por grande empenho do prefeito Geraldo Dias Santana, a escola se tornou estadual, com um novo prédio, no bairro Xavier e com o nome de Colégio Estadual de Urandi. A partir da década de 90, estados e municípios foram gradativamente assumindo a educação básica no Brasil, das creches, da educação infantil, do primeiro e segundo grau, em cumprimento à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN, a 9394/96).

Hoje o Colégio Estadual de Urandi, considerado de médio porte, atende a demanda do alunado do Ensino Médio. Ah! Mas sem o altruísmo, a doação do tempo, das ideias, da energia e dedicação dos fundadores do Ginásio de Urandi, três décadas antes da referida LDBEN, que expandiu a educação pública em todo território nacional, muitos não teriam estudado, principalmente os mais pobres, que não tinham condição de sair daqui para outras cidades naqueles tempos. O Ginásio de Urandi não foi criado para uma elite, como alguns pensam, mas para dar oportunidade a muitos que, naquela época, jamais poderiam sair daqui para galgar outras etapas de estudos, além do ensino primário. A minha geração, que está na fase dos 70-80 anos, tem manifestado toda gratidão aos fundadores do Ginásio de Urandi e, em especial, aos abnegados mestres, à professora Edith M. Dantas e seu esposo Dr. Dorivaldo Dantas, que se dedicaram a uma das causas mais nobres de uma sociedade, a educação.

O referido colégio ajudou a construir grande parte da história de Urandi, além de ter contribuído para o seu desenvolvimento social, educacional e cultural. Perto de completar sessenta anos há uma grande lista de ex-alunos que galgaram PhD e Pós-PhD em várias áreas de formação pelo Brasil afora. Grande número de professores e quase a totalidade dos que foram diretores da escola estudaram dali.

A professora Edith Meirelles Dantas, quando atuava como diretora e professora no

Ginásio de Urandi, era também diretora da escola D. Pedro II. Em 1977 se aposentou como diretora dessa escola com um regime de vinte horas semanais, antes de vigorar a carga horária dobrada. Já havia deixado o Ginásio de Urandi. Deste, nem tempo de serviço pode ser contado. Seu trabalho na escola em que foi sócia fundadora, juntamente com Dr. Dorivaldo Dantas, além de professora e diretora, na verdade, pode ser considerado um voluntariado, Bem como o trabalho prestado por todos os mestres, no início da fundação do **Ginásio de Urandi**.

Pode-se comparar a trajetória da mestra Edith Meirelles Dantas, durante muitos anos aqui no seu envolvimento com a educação, com dois educadores baianos: Cosme de Farias e Isaias Alves. Uma comparação de suas ações, cujo trio via na escola, na aquisição do conhecimento, uma transformação social individual e coletiva. E todos eles se preocuparam com a educação das classes populares.

A professora Edith visitava famílias pobres que alegavam não ter condições de matricularem seus filhos no Ginásio, para sugerir uma possibilidade. Solicitava aos alunos que tinham livros a emprestarem aos que não podiam comprá-los. Orientava para muitos o reuso de uniformes de amigos ou parentes. Ajudava alunos a aproveitar as folhas de cadernos não utilizados, formando outros para serem aproveitados. Emprestava seus atlas para que os alunos multiplicassem os mapas necessários, através de cópias com papel carbono (antes do mimeógrafo e da Xerox). E assim, com tal recurso, conhecia-se o município, a Bahia, Brasil e mundo nos seus vários aspectos: político, físico, demográfico, econômico, histórico, etc. Incomodava-se demasiadamente com aqueles que não avançavam no aprendizado. Sugeriu às colegas e amigos para comprarem produtos das famílias dos alunos, como ovos, galinhas, frutas etc., a fim de que eles pudessem comprar lápis, caneta, papel para prova, etc. Emprestava seus livros. Tudo copiado a mão. Se alguém deixasse de frequentar a escola, ela mandava recado pedindo para conversar com os pais ou os convidava a irem à escola ou à sua própria residência. Não havia uma colocação de qualquer dificuldade, alegada pela família, para a qual a professora Edith não conseguisse uma sugerir uma solução. Sua empatia era tão intensa, tinha tanto carisma, que conseguia operar milagres com os alunos que não gostavam de estudar. E muitos outros se apaixonaram pelos estudos. E voaram! Alguns voaram como águias!

Pode-se dizer que a mestra Edith Meirelles Dantas exerceu a função de educadora com maestria. Portanto, muitos filhos de Urandi lhe têm profunda gratidão.

Ao concluir este texto, nos primeiros dias de 2021, observei que entre todos os sócios fundadores da Sociedade Cultural de Urandi e Ginásio de Urandi, estavam entre nós, apenas, a professora Edith Meirelles Dantas e Dermeval Afonso dos Santos. Hoje, na revisão de novembro de 2022, apenas a nossa educadora.

FUNDAÇÃO DO CLUBE DE MÃES DE URANDI

A professora Edith Meirelles Dantas, desde que chegou de Salvador, recém-casada com o médico Dr. Dorivaldo Dantas, no ano de 1946, preocupava-se com as questões sociais da população desse pedacinho de chão onde o casal veio morar. Católica praticante, envolveu-se de forma atuante com as atividades da igreja na cidade, ao longo do tempo. Na área da educação, seu trabalho foi considerado ímpar em Urandi. Seu legado é imensurável e reconhecido por todos que direta ou indiretamente receberam sua influência intelectual e humanitária.

Na época, na maioria das casas não havia água encanada na cidade e havia muitas lavadeiras de roupas, uma atividade comum na época. Lavavam durante toda a semana, nos rios Raiz e Cachoeira, nos leitos que cortam a cidade. Ela procurou os padres que atuavam aqui: os italianos, Antônio, Gianni e Arnaldo, para a ajudarem na organização e construção de uma lavanderia pública, como já havia em outras cidades, a fim de proporcionar uma estrutura mais adequada àquelas lavadeiras: área coberta, tanques com água encanada, etc. Mas enquanto se providenciava a documentação, definição e aquisição do local, a rede de água encanada chegou praticamente a todas as casas. Algumas lavadeiras continuaram com seu trabalho, ou em suas residências ou nas residências para quem elas prestavam tais serviços. Lembrando que o ferro de passar era a brasa e ventilado por um fole. Hoje, com a máquina de lavar, a profissão de lavadeiras praticamente foi extinta.

Na sequência, dona Edith idealizou a fundação, em Urandi, de uma casa de apoio para os idosos - uma das parcelas da população que ela percebia que cresceria rapidamente em todo o mundo. Idealizada a associação, novamente procurou o pároco da cidade e pessoas representantes de vários segmentos, mas seu projeto não avançou, devido às inúmeras dificuldades de recursos financeiros e pessoal de apoio para atuar nas atividades exigidas. Era início dos anos 70.

A professora Edith, já aposentada, ouvia falar sobre os clubes de mães que funcionavam em várias cidades, em todo Brasil, com objetivo de oferecer respaldo às gestantes e mães carentes. De repente, Maria Celeste Lopes e Olívia Fialho Araújo, participantes ativas de uma das pastorais da igreja católica, foram a um encontro diocesano em Juazeiro da Bahia e um dos assuntos tratados foi a organização e fundação de Clube de Mães nas cidades, em todas as dioceses do Nordeste, como instituição capaz de auxiliar as mulheres mais carentes de suas comunidades. Quando elas voltaram daquele encontro e lhe fizeram a exposição do assunto, a professora Edith abraçou a causa e, de imediato, começou seu novo projeto. Convidou mães da cidade e, dentro de alguns meses, com estatuto pronto, realizou a primeira reunião da instituição com sócias efetivas

e sócios contribuintes, com eleição para Diretoria e Conselho Fiscal. Era janeiro de 1984.

Transcrevo abaixo alguns parágrafos da Ata de Constituição de Associação:

Ata da Assembleia de Constituição do Clube das Mães de Urandi, realizada no dia seis (6) de janeiro de mil e novecentos e oitenta e quatro (1984), às quatorze horas (14), na Igreja Matriz desta cidade, à Praça da Matriz, S/N, reuniram-se em assembleia geral de constituição e fundação, as senhoras membros fundadores do Clube de Mães. Assumi a presidência do trabalho, por aclamação unânime a senhora Iolanda Pereira Dantas..., convidando a mim, Nadir Alves Guimarães, para secretariar os trabalhos...

[...] Convocada esta Assembleia Geral com o seguinte teor: discussão e aprovação do projeto dos estatutos sociais/ Capítulos, da Diretoria e do Conselho Fiscal, do Período de apresentação de chapa para eleição anual, Gestão, da Denominação, Sede, Objetivos, etc. Sendo aprovados após a apresentação, discussão e votação. Ficando assim oficialmente fundada a instituição, Clube de Mães de Urandi, procedendo-se então, a eleição da Diretoria e Conselho Fiscal para o primeiro período de gestão, com a chapa única assim constituída Diretor-Presidente Edith Meirelles Dantas; Diretor-Vice Presidente Odete Alves Afonso Diretor Tesoureiro: Eliezita Rodrigues Soares Santana Diretor-Socia: Deusedina dos Santos Pires; Diretor- Secretário Maria Isaura Reis Costa. Conselho Fiscal: Maria Camargo Rodrigues, Maria Botelho Rocha, Adalgisa Maria de Aguiar. Membros Suplentes: Benzoete Pires Da Silva, Maria José Leal Luz e Helenita Novato Silveira Pinto. Todas identificadas com RG, CPF e Título Eleitoral. Após a apuração dos votos, as eleitas foram empossadas."

[...] A Presidente após apurados os votos, suspendeu a sessão pelo tempo necessário para a lavratura desta ata, o que fiz como secretária e, após reaberta a sessão, a mesma foi lida e aprovada e segue assinada pela Presidente da Assembleia por mim, Secretária e por todas as demais presentes, que passam a ser consideradas membros fundadores.

Urandi, 06 de janeiro de 1984.

Nadir Alves Guimarães

Iolanda Pereira Dantas

Edith Meirelles Dantas

Odete Alves Afonso

Eliezita Rodrigues Soares Santana

Deusedina dos Santos Pires

Maria Isaura Reis Costa

Maria Botelho Rocha

Adalgisa Maria de Aguiar Silva

Benzoete Pires da Silva

Maria Camargo Rodrigues

Maria José Leal Luz

Helenita Novato Silveira Pinto
Olívia Lima Ribeiro Novais
Zorilda Lima Almeida
Nair Soares de Carvalho
Julinda Barbosa dos Santos
Veralúcia Magalhães Maurício
Ângela Maria Gonçalves Carvalho
Julina Áurea de Magalhães
Vilma Barros da Silva
Elília Camargo Guimarães
Odélia Carvalho Alves

Com Estatuto registrado em cartório, com o CNPJ emitido pela Receita Federal, foi aberta uma conta bancária na agência do Baneb, Banco do Estado da Bahia e, quando fechado, a conta foi para o BB, Banco do Brasil, agência também local, para a movimentação legal dos recursos financeiros e entregue o serviço de contabilidade da instituição ao escritório contábil do Sr. Getulino Ribeiro.

A primeira sede da associação foi em uma casa alugada, conhecida como Casarão do Sr. Estênio, na Rua Dr. Deocleciano atual Bertoldino Mendes Luz, mantida com a arrecadação das mensalidades pagas pelas sócias efetivas e pelos sócios contribuintes. Mobiliário, fogão, geladeira e outros eletrodomésticos, bem como todos os materiais necessários para a cozinha foram, ao longo do tempo, adquiridos através de doações e de compras com recursos próprios.

O clube manteve cursos de bordado, crochê, tricô, pintura, manicure e pedicure, culinária, corte e costura, confecção de bonecas de pano, de tapetes etc., sempre gratuitos, com monitoras voluntárias sócias ou convidadas da comunidade e de outras localidades. Dona Edith conseguiu com o Hospital de Caetité um treinamento para senhoras que eram ou desejassem ser parteiras. Antes da construção do Hospital Padre Antônio Manoel da Rocha, na gestão do prefeito Adonai Nina Rocha, os partos eram realizados ainda em casa ou as parturientes davam à luz nas Maternidades de Caetité e de Montes Claros.

No Posto de Saúde onde o médico seu esposo trabalhava, ela conseguiu com ele que Dina e Teresinha, as auxiliares, ensinassem às jovens interessadas, matriculadas no clube, a aplicar injeção e aferir pressão. Estava muito longe de chegar o curso técnico em enfermagem por aqui.

Dona Edith movimentava o Clube de Mães na organização de palestras com profissionais específicos para melhoria da saúde de gestantes e de crianças, orientação sobre saúde bucal, higiene pessoal, etc.

Ela mesma ensinou às jovens preparar e servir uma mesa para um jantar ou almoço. Ensinava a boa postura para andarem e se sentarem. Com a grande mestra aprendiam a se trajar de acordo com o momento, o lugar e o evento. Aprendiam sobre ética e estética, bem como se comportarem em cada ambiente. Do que mais gostava dona Edith? De ensinar. E de viver rodeada de aprendizes.

Naqueles anos a médica Dr^a Zilda Arns, fundadora e coordenadora do projeto *A Pastoral da Criança*, havia lançado uma cartilha com alimentação alternativa para crianças desnutridas. Farinha da folha de mandioca (rica em ferro) e pó da casca de ovo (rica em cálcio) eram as receitas mais utilizadas pelas pastorais da criança no sertão. Embora esse problema aqui não fosse agravante, o clube fez uso daquela cartilha, que também tinha uma lista de chás importantes para melhorar determinados quadros de virose, diarreia, verminose, e receita do soro caseiro para desidratação, etc.

O Clube mudou de sede três vezes. A primeira sede foi o casarão do Sr. Estênio. A segunda, na casa conhecida como casa de Seu Tozinho, situada na mesma rua do primeiro endereço, Rua Bertoldino Mendes Luz. A terceira foi uma casa de Júlia Alves Pereira, na Praça da Matriz, hoje Ananias de Matos, até se estabelecer em sua sede própria, na Praça João Guimarães. O terreno para a construção da sede do Clube de Mães foi cedido pela Prefeitura Municipal e, com o auxílio da Alemanha, solicitado pelo padre Alfredo, daquele país e pároco em Urandi na época, foi construído o prédio com boa estrutura física, salão amplo para reuniões e realização dos cursos, secretaria, duas salas para exposição dos produtos feitos na associação, cozinha, banheiros e depósito.

Dona Edith, no seu dinamismo, conseguia doações de diversas pessoas para melhoria física da instituição e desenvolvimento de atividades culturais como peças teatrais apresentadas em determinadas datas, encontros de casais, excursões, concursos de beleza de idosas com senhoras da comunidade. Aproveitando a data de 26 de julho, dia da vovó, através de votos, era escolhida a Rainha que recebia o cetro e uma coroa. No ano seguinte aquela senhora passava o cetro e a coroa para a próxima vencedora. O local também era utilizado para cursinho de reforço escolar, feira dos bordados, pinturas e vários artesanatos feitos pelas alunas do clube, solenidades no Dia das Mães, dos Pais, das Crianças, da Mulher, do Idoso, festas natalinas, solenidade de posse anual da diretoria, comemoração do aniversário do Clube e também das sócias - essas eram atividades realizadas em cada trimestre.

Em todos os encerramentos de quaisquer cursos, eram organizadas solenidades para entrega dos certificados, com a presença das sócias, dos pais, dos monitores dos cursos. Em todos aqueles momentos, era oferecido um pequeno coquetel aos presentes.

As sócias costureiras produziam peças que eram vendidas a preços bem baixos

no espaço do clube. Tecidos de flanela eram comprados e elas preparavam cobertinhas, cueiros, fraldas, casaquinhos que o Clube doava para as gestantes carentes da comunidade. Os tecidos e aviamentos eram comprados com a renda dos produtos comercializados. Brechós eram realizados com roupas, sapatos e diversos objetos para angariar fundos para o Clube. Em eventos maiores, como, por exemplo, durante as comemorações do aniversário da cidade, eram expostos nas feiras de arte no jardim da Praça Luís Gomes ou do mercado os trabalhos confeccionados no Clube de Mães, juntamente com todos os trabalhos artesanais de outros grupos, das escolas e de artesãos individuais.

Dona Edith conseguiu com a Secretaria Municipal de Educação de Urandi merenda para as alunas que frequentavam os cursos no clube, pois, na maioria das vezes, ela levava a merenda de sua casa para o lanche das meninas.

Ventiladores, aparelho de som, máquinas de datilografia (quando se usava), muitas máquinas de costura e pacotes dos aviamentos para confecções de roupas e bordado, tudo foi-se adquirindo ao longo do tempo.

O clube manteve um curso de datilografia, e por uns anos quem o ministrava era Maria B. Câmara. Tempos depois, o curso de informática, com um computador que foi oferecido ao Clube pelo casal Salvador e Iraci. Ele, funcionário do Banco do Brasil. Ela, professora da rede estadual, vindos de Guajeru, Bahia.

Entre todo mobiliário necessário, dona Edith conseguiu até um berço com colchão para qualquer mãe interessada em um dos cursos e sem ninguém com quem deixar o filho pequeno, para que pudesse levá-lo e acomodá-lo. Eram oferecidos jogos didáticos, como dama, xadrez e outros para o envolvimento das crianças, bem como material de desenho para atividades em idades diferentes. Dona Edith gostava de envolver as alunas do clube nas mais diversas brincadeiras, porque achava que a televisão em todas as salas permitia a diversão com pessoas fisicamente jamais recebidas em casa. Considerava importante, portanto, a interação entre as alunas.

Promovia, também, atividades para as meninas mais tímidas desenvolverem, a fim de vencerem aquele entrave: proporcionava-lhes atividades de liderança, como fez durante muitos anos na escola.

Dava um percentual para aquelas garotas que se dispunham a cobrar as mensalidades das sócias em suas residências.

Quanto às meninas que não conseguiam avançar no aprendizado dos bordados, ela as levava para sua casa e as ajudava em horário oposto ao do curso.

Sempre teve sede de ensinar. E se sentia feliz rodeada pelas aprendizes. Repetia continuamente que todos deveriam aprender algo a fim de ter seu próprio anzol para pescar, sem estarem recebendo o peixe de alguém. Levava para o clube revistas, jornais e alguns

livros, incentivando a leitura entre as sócias e as alunas dos diversos cursos. Organizou ali uma pequena biblioteca.

Através de suas ideias o Clube de Mães elaborou um projeto, solicitando através da Câmara de Vereadores o auxílio da Prefeitura Municipal na primeira gestão do Dr. José Humberto Carvalho Rocha, que concedeu meio salário mínimo, por determinado tempo, à instituição.

Eram organizadas excursões com as sócias e pessoas da terceira idade. Dessa forma, muitos tiveram a oportunidade de conhecer os Núcleos do perímetro irrigado da Codevasf, abaixo da barragem do Estreito II, a Escola Agrícola de Licínio de Almeida e o Clube de Mães daquela cidade.

Com recursos do clube, no início dos anos 90, e com doações de material de algumas pessoas da comunidade, em um trabalho de mutirão (alguns pedreiros), foi construída, no Bairro Áurea, uma casa para a residência da viúva e filhos de Geraldo Azevedo, numa manifestação de gratidão *in memoriam* àquele cidadão que prestou inúmeros serviços a Urandi, como enfermeiro, nos anos 40-50.

Mais de uma vez dona Edith organizou uma comissão com as sócias efetivas para procurar os prefeitos, a fim de expor ao gestor do momento a necessidade urgente da construção de um novo cemitério na cidade. Não teve êxito. Nunca recebeu uma resposta.

Dona Edith, por vários anos alternados, foi presidente do Clube de Mães de Urandi, escolhida pelas sócias de forma unânime. Adotava com todo rigor, ou ao “pé da letra”, como se diz na linguagem popular, todas as determinações do Estatuto da instituição.

Por quase três décadas ali permaneceu ativamente. Nos arquivos do Clube de Mães de Urandi, na sua sede se encontram seus anais nos livros de atas com os registros das atividades realizadas, prestações de contas, bem como os nomes de todas as mães de Urandi que se tornaram sócias efetivas, na sua fundação e no decorrer dos anos subsequentes. Também os nomes das mães que constituíram a Diretoria e Conselho Fiscal, que vem se renovando durante todo o tempo. Nos últimos anos, o Estatuto foi devidamente alterado para adequar-se às necessidades da instituição. A atual Diretora Presidente é Leonice Ferreira Dias.

FILHOS E DORI E DIDI

São quatro filhos, que nasceram, foram batizados e cursaram o ensino superior em Salvador.

Nádia, a primogênita, nasceu na Maternidade Climério de Oliveira. Roberto e Fred, no Hospital Português. George, na Prometer. Dr. Dantas presenteou a esposa com um anel na maternidade quando cada um deles nasceu. Muito tempo depois, ela deu essas joias a cada um dos filhos, assim que eles construíram suas famílias.

Os quatro viveram sua primeira infância em Urandi. Adolescência também. Exceto Nádia. Os quatro foram alunos da escola D. Pedro II. Nádia ali cursou do Infantil à quarta série. Quinta e a primeira série do curso ginásial em Salvador, na Escola Nossa Senhora do Carmo, da professora Olga Pereira Mettig, que se transformou a seguir na Faculdade de Educação, com o nome dessa educadora. Da segunda série desse ciclo até o último ano pedagógico, Nádia cursou no Colégio Norberto Fernandes em Caculé. E o superior em Salvador. Sempre afirmava que os melhores anos de sua vida e as doces lembranças ela guardou de Caculé, onde passou parte de sua adolescência e início da juventude.

Dos quatro filhos, foi a que menos tempo viveu em Urandi. Mas, assim como seus irmãos, tem muito amor por essa terra. Ela se casou em Salvador e foi morar em Maceió, onde atuou como educadora, construiu sua família e naquela cidade permanece.

Os outros cursaram as primeiras séries do ensino primário na Escola D. Pedro II, o curso ginásial no Ginásio de Urandi, o médio e superior em Salvador. Os dois mais novos residem e trabalham na capital. Somente Roberto, no exercício da advocacia, passou a morar em Urandi com sua esposa Iolanda e uma das filhas, Jacira, que cursou Odontologia em Salvador e Direito em Guanambi e está atuando juntamente com seu pai na empresa Dantas Consultoria. As outras três filhas, Maíra, Bartira e Andira estudaram, trabalham e residem em Salvador.

Em 1979 dona Edith, em comum acordo com o esposo, adotou uma criança, a quem deram o nome de Irundi Antônio, que partiu para a eternidade ainda muito jovem.

Todos os filhos, inclusive o adotivo, fizeram sua rede de amigos e brincaram muito pelas ruas da cidade, como qualquer criança do interior daqueles tempos. Subiram morros, jogaram bola, passearam na praça, tomaram banho de rio, comeram manga, pitomba e umbus nos pés nos arredores da cidade e nas chácaras dos amigos. Brincaram, brigaram, deram e receberam apelidos, separaram brigas de amigos, namoraram etc. Participaram das festividades da cidade. Todos têm guardadas em suas memórias boas lembranças do tempo vivido na pacata Urandi de outrora.

Nádia tem muitos amigos em Urandi, apesar de ter morado menos tempo aqui. Ao

longo de todos esses anos, morando em Salvador e Maceió, vem constantemente passar temporadas aqui e, na maioria das vezes, traz seus filhos.

George passa sempre em Urandi todos os feriados prolongados e parte de suas férias.

Fred Dantas, o caçula, é conhecido na Bahia e fora dos limites do estado como um expoente trombonista e maestro, graduado em Composição e Regência, Instrumento (trombone), mestre em música (Etnomusicologia) e com Doutorado em composição, sempre pela UFBA, da qual é músico concursado da Orquestra Sinfônica (OSUFBA). Com seu coração ligado a essa terra compôs, há alguns anos, uma música, que é na verdade uma poesia a Urandi e a seus amigos de infância.

Verde Vale (Fred Dantas)

Ái mundo véi, parece que dessa vez tu vai.

São tantas notícias, tantas que já levo em conta

Ferida a natureza, **é** chegado aqueles dias que João falou.

Ái mundo véi, tu não aguenta tanta agressão,

Furam tanto o teu solo e derramam óleo,

Ferida a natureza, é chegado aqueles dias que João falou.

Nesse momento de aflição me acode a recordação

Daquele verde vale onde eu menino corria feliz.

Pegano gafanhoto e chupano manga,

vadiano na beira do rio.

Heraldo, Nena, Cildin, será que esqueceremos do jardim?

Cadê Tabate, Side, Mêi Tião, **ái** que sodade de Funfa,

de Leobino, Dôta e Undim.

Se chegou a hora que eu vá embora com as serras cinza em meu olhar.

A bonita região que tanta recordação prá outros mundos hei de carregar".

Fred dá uma atenção especial a Urandi. Quando esteve preparando sua pesquisa em Etnomusicologia para sua dissertação do mestrado na Universidade Federal da Bahia, sobre Festas de Reis, o seu foco de pesquisa foi o município de Urandi, com o tema Santo Reis de Bumba, sendo pesquisados três conjuntos: os Reis de São José, os Reis da Istrela Incantada, na área urbana, e os Reis da Água Branca, na zona rural de Urandi. Aqui esteve durante várias vezes fazendo levantamento de dados numa pesquisa de campo para seu trabalho. Sua dissertação contém registros históricos, geográficos, políticos, econômicos, culturais, religiosos e sociais valiosos desta terra, de forma que deve ser mantida em uma biblioteca, servindo como fonte de pesquisa para quem se interessar em conhecer tantos

aspectos importantes deste local.

Durante muito tempo, sempre que vinha a Urandi, nos finais de ano, Fred movimentava o grupo que integrava o Reis de Bumba da cidade, o Reis da Istrela Incantada para se apresentar durante a primeira semana de janeiro com o encerramento no dia seis, o dia de Santos Reis, incluindo a lavagem da frente da Igreja Matriz, semelhante à lavagem da Igreja do Bonfim de Salvador, com a participação de várias jovens e senhoras, vestidas de baianas. Além disso, com a participação do grupo dos Reis e amigos construiu no Bairro Cruzeiro uma capela para os Reis Magos, ao lado do Cruzeiro de madeira com objetivo de preservar o monumento de madeira que foi fixado naquele ponto, como um dos marcos da cidade, desde a sua fundação.

Além dos filhos biológicos e do adotivo, temos Dina, que não passou pelo processo de adoção, mas se tornou uma filha muito amada. Chegou pequena à casa do casal Dantas e ali cresceu. Estudou no D. Pedro II, no Ginásio de Urandi. Fez magistério. Não seguiu a carreira de educadora a exemplo de dona Edith, porque se tornou auxiliar de Dr. Dantas ainda muito jovem e foi contratada no serviço público para o Posto de Saúde na sede, onde atuou até se aposentar. Casou-se com Florisvaldo Pires (Valtinho), que era agente da estação ferroviária de Urandi. Dona Edith e Dr. Dantas prepararam o casamento dela em Salvador, na Igreja Santo Antônio, com lua de mel na capital. Dina morou em Urandi até início dos anos 90. Aqui nasceram suas três filhas, Mônica, Leila e Tatiane e a primeira neta, Daniele. Quando ela e esposo se aposentaram, foram com a família morar em Jales, Interior de São Paulo, onde permanecem.

Dona Edith tem vários netos e bisnetos, considerando também as filhas e as netas de Dina.

Todas as jovens que trabalharam na casa dela, como arrumadeira, cozinheira ou babá, geralmente só saíam após se casarem. Gostava de dizer que a causa disso era porque a casa dela estava ao lado da igreja de Santo Antônio, o santo casamenteiro. E sempre que uma Eva vinha trabalhar com ela, aparecia um Adão. Ficava feliz quando qualquer uma de suas auxiliares se casava e dava início a uma nova família.

Admirável era a sua atitude com as meninas ou mocinhas que moravam com ela. Às tardinhas, após o banho, animava-as a se arrumarem e saírem para o tradicional passeio no jardim. Quando aqui tinha cinema, ela ou Dr. Dantas davam o dinheiro para compra do ingresso, da pipoca, ou pirulito. Faziam o mesmo com as idas delas ao circo, quando estes passavam aqui. Incentivava-as a participarem das atividades da Igreja - ou a católica ou a evangélica. Se fossem maiores, permitia que fossem às festas e que saíssem para namorar. Gostava de ter a casa cheia de meninas, de moças.

Estava sempre recebendo mais uma, logo após a saída de outra. Cuidava da saúde

de todas com boa alimentação, remédio de vermes e vitaminas. As mães entregavam com prazer e toda confiança suas filhas para morarem na casa dela. No geral, eram suas afilhadas, ou meninas recomendadas pelas suas comadres, ou filhas de algumas famílias sem recursos, que pediam socorro à dona Edith. Até jovens de outras cidades vieram morar na casa de dona Edith.

PERFIL DE EDITH MEIRELLES DANTAS

Inteligente, elegante e de uma beleza extraordinária. Muitos lhe atribuem o porte de rainha, de uma *lady*, mesmo na terceira idade. Em questões de moda, parece uma consultora comparada a Glória Kalil. Veste-se com sobriedade, com cores e adereços adequados ao momento, às estações e ao lugar. Sempre com muita elegância, longe dos exageros e das extravagâncias. Repete que prefere o conforto ao luxo. Não gosta de ostentação. As joias são discretas e usadas de acordo com o evento. Ela é glamourosa por naturalidade. Dotada de boas maneiras. Prima sempre pela ética.

Nasceu privilegiada pela beleza, pela inteligência e boa memória.

É de uma sabedoria fascinante, educada e muito reservada. Sensata em todas e quaisquer situações. Portadora de um caráter admirável.

Com cem anos, seu rosto não tem rugas. E se alguém lhe pergunta o motivo da falta de rugas, ela diz que foi o cuidado que manteve em não se expor ao sol desde muito cedo. Na praia, além do uso de chapéu, protegia-se embaixo do guarda-sol. Na sua juventude, as indústrias de cosméticos e farmacológicas ainda não produziam filtro solar.

É Observadora dos comportamentos humanos, bem como das transformações sociais e culturais que ocorrem na humanidade, sem se assustar com as mudanças.

Apreciadora da literatura portuguesa e brasileira, da poesia, (tem, aos cem anos de idade, algumas poesias de memória e gosta de recitá-las para filhos e netos quando estão à mesa para as refeições). Apreciadora das boas músicas. Até hoje canta, entre outras, uma canção de Carlos Galhardo, um dos principais cantores da era do rádio: *Eu sonhei que tu estavas tão linda*.

Eu sonhei que tu estavas tão linda (Carlos Galhardo)

Eu sonhei que tu estavas tão linda
Numa festa de raro esplendor
Toda vestida de branco
Lembro ainda era branco,
Todo branco meu amor
A orquestra tocou uma valsa dolente
Tomei-te em meus braços
Fomos dançando
Ambos silentes
E os pares que rodeavam entre nós
Diziam coisas
Trocavam juras a meia voz

Violinos enchiam o ar
De emoções de mil desejos
Uma centena de corações
Prá despertar teu ciúme
Tentei flertar alguém
Mas tu não flertaste ninguém
Vitória de amor contei
Mas foi tudo um sonho
Acordei!

Gosta de nos contar que Dr. Dantas tinha ciúmes quando ela cantava essa música. Se lhe perguntasse por quais motivos ela sentia ciúmes dele, a resposta era essa: “eu tive ciúmes da Rainha Elizabeth da Inglaterra, de quem Dori era admirador. Tive ciúmes também de Ayrton Senna, porque durante as manhãs de inúmeros domingos, quando Senna era um dos participantes da Fórmula I, Dori não tinha tempo pra mim, assim como nos dias em que o time Bahia jogava. Considero estes três elementos meus rivais... (risos)”

Ela é portadora de um humor formidável. Ao contar um caso, ao saber de um fato, ao ouvir uma notícia de alguém, ela rapidamente traz uma resposta, ou um complemento bem humorado. Crianças perto dela, ou quaisquer pessoas em momentos de tristezas, encontram motivos para sorrirem com suas colocações humorísticas adequadas à situação exposta. É o que pode se chamar de humor inteligente. Com raciocínio rápido é capaz de transformar imediatamente uma informação qualquer numa piada fantástica.

Dona Edith nunca se envolveu com a política partidária local, embora os líderes políticos desejassem o apoio do seu esposo, ou mesmo a candidatura dele ao cargo de prefeito da cidade. Mas pode-se afirmar que a sua política tem sido pautada na filosofia Aristotélica. “A Política é a ciência que tem por objetivo a felicidade humana e divide-se em ética (que se preocupa com a felicidade individual do homem na *pólis*) e na política propriamente dita (que se preocupa com a felicidade coletiva da *pólis*)” (Fonte: Wikipedia). Não há como negar que sua vida vivida em Urandi tem sido dedicada à política, segundo o conceito acima.

Em sua casa sempre foram bem recebidos os amigos deputados Vilobaldo e Vasco Neto, bem como chefes da Mineração Urandi, com quem Dr. Dantas trabalhava, médicos amigos de Dr. Dantas, bispos, padres, assim como parentes e também os amigos de seus filhos. Padres estrangeiros que atuaram aqui recebiam dela e de Dr. Dantas uma atenção especial, de modo que eles, ao voltarem para seus países de origem, continuaram se comunicando por cartas e telefone.

O grande propósito dessa mestra foi sempre acrescentar valores à vida de outras

pessoas - veio ao mundo com talentos e habilidades específicas para usá-los e compartilhá-los. Jamais apregoa isto. São qualidades reconhecidas e declaradas por quem vive perto dela.

Desafia seu cérebro fazendo palavras cruzadas, lendo as revistas *Veja*, *Casa & cozinha*, *Claudia*, *Superinteressante*, jornais e livros. Mas no tempo da circulação das Revistas *Cruzeiro*, *Manchete*, *National Geographic*, *Isto é* e outras, era assinante e leitora assídua delas. Além das assinaturas do jornal *A Tarde*, de Salvador, *O Globo*, do Rio de Janeiro, e o *Estadão*, de São Paulo.

Ela está sempre articulada com os assuntos políticos, científicos e econômicos do Brasil e do mundo. Disposta a discutir os mais variados temas com quem se dispuser a manter longas conversas. Quem estiver disposto a aprender não se cansa de ouvi-la, pois tem uma maneira agradável de expor suas colocações.

Nunca deixou de orientar os jovens com leituras adequadas a cada idade. Quando Nádía era adolescente, os livros de Adelaide Carraro viraram uma febre em todo Brasil. Ela recomendava à filha e à turma da mesma idade para não lerem, pois, segundo ela, não era uma leitura indicada para garotas.

Ela é uma dessas pessoas que conta com ajuda da natureza ou foi sorteada por esta, pois, aos 100 anos (101, quase 102 no momento desta revisão), tem uma saúde física, mental e emocional invejável. Envelheceu sem ficar velha. Tem uma vida longa, com a prática de hábitos saudáveis, com bem-estar, sem as comorbidades comuns à terceira idade, afirma para todos que com certeza foi agraciada por Deus em todos os quesitos de sua vida.

Gosta de repetir para as pessoas que ela é um “jequitibá rei”, aquela espécie de árvore da Mata Atlântica que fez parte de sua vida na infância, na região de Gandu. Só teve um problema grave de saúde, uma embolia pulmonar após os 94 anos. Foi cuidada em Salvador e, com uso de medicamento, leva uma vida normal.

Viajou pouco. Suas viagens têm sido a Salvador, ao longo dos 75 anos morando aqui. Dr. Dantas não gostava de viajar, de ficar fora de Urandi e ela se acostumou a isso. Na época que circulava o transporte ferroviário, eles mandavam a bagagem e a auxiliar doméstica de trem para Salvador e viajavam no próprio carro com os filhos. Somente nos primeiros anos de casada, com apenas a primeira filha, criança, fizeram uma viagem de navio, com ida e volta de Salvador ao Rio de Janeiro.

Tem ido algumas vezes a Maceió, onde mora a filha Nádía e família. E a Aracaju, onde tinha duas irmãs. Mas conhece qualquer percurso dentro e fora do Brasil, mentalmente, por ter conhecimento profundo de cartografia.

Em Urandi, seus passeios juntamente com Dr. Dantas e filhos eram na fazenda Boa

Vista, de dona Otacília, ou passavam finais de semana em Jacaraci, na casa do Sr. Mozart David, grande amigo do casal. Os filhos, ainda crianças, amavam aqueles passeios.

Iam a Pindai, Licínio de Almeida a convite de amigos; a Montes Claros, visitar os médicos amigos, Dr. Constantin e Dr. Geraldo. Quando atuavam no Ginásio de Urandi, ela acompanhava o esposo, os professores e alunos nas diversas excursões organizadas pela escola.

Acompanharam os ginasianos à estância hidromineral de Água Quente ou Montezuma. Aproveitou aquela visita para uma aula, explanando para os alunos sobre o núcleo central da terra e o manto que a envolve. Oportunidade para os estudantes conhecerem uma fonte que jorra água a quarenta graus de temperatura, nascendo num sopé de uma montanha. Era um filete de água que corria ladeira abaixo. Hoje Montezuma tem piscinas, hotéis e restaurantes, com uma área verde e estrutura para receber turistas, que não perde para parques aquáticos de vários lugares do Brasil.

Dona Edith acalmou inúmeras mães desesperadas com filhos pequenos adoecidos, que procuravam o Dr. Dantas em casa, nos mais variados horários, pedindo socorro médico. Antes do atendimento, ela procurava tranquilizá-las ou ensinava algum tipo de chá que, na sua experiência, poderia resolver pequenas disfunções físicas.

Ao longo desses anos, mais de sete décadas, fez muitos amigos aqui e nenhum inimigo. Tem dezenas e dezenas de afilhados de batismo e de crisma. Um número imenso de compadres e comadres. Continua admirada por todos. Todas as vezes que um filho ou neto posta uma foto dela numa rede social, dá prazer em fazer a leitura de cada comentário postado por seus ex-alunos e seus amigos.

No seu centenário de vida, continua linda. Com seus cabelos brancos, mas com os mesmos traços de beleza que a natureza lhe presenteou.

SUA METODOLOGIA DE ENSINO

A professora Edith Meirelles Dantas tinha uma metodologia própria para ministrar suas aulas, que são lembradas por todos os que foram seus alunos.

Na sua prática de ensino, combatia persistentemente “a lei do menor esforço”, no intuito de formar cidadãos compromissados, responsáveis e éticos, capazes de atuar com seriedade na sua comunidade (Política Aristotélica, disponível em www.todamateria.com.br).

Via a escola como o melhor lugar para se aprender a conviver e nos livros a perspectiva de novos horizontes. Eram tesouros que deveriam ser bem cuidados. Restaurava cada livro, cada mapa que não estivesse em bom estado, sempre auxiliada por um aluno, com o objetivo de despertar nele o senso de recuperar os tão preciosos bens.

Todo e qualquer aluno com dificuldade de aprendizagem era conduzido por ela até a sua mesa, para ficar mais próximo dela e do quadro negro, recebendo maior atenção.

No primário ou no curso ginásial não dava aula de Geografia sem um mapa: físico, político, econômico, demográfico, dependendo do conteúdo explanado. Não utilizava esse material distante dos alunos, mas trabalhando individualmente os aspectos cartográficos complementados pelos cadernos de cartografia que ela comprava nas livrarias de Salvador para eles. Esses cadernos e os lápis de cor eram os materiais essenciais para suas aulas apaixonantes de Geografia. Nós, os alunos, embarcávamos naquelas viagens imaginárias pela Bahia, Brasil, Mundo e espaço sideral. Dessa forma conhecíamos as diversidades de cada espaço da Terra. O mais difícil para os alunos do sertão era aprender sobre mares, oceanos, ilhas, arquipélagos, falésias, recifes de corais, marés alta e baixa, ou as chamadas marés de sizígias ou vivas e as marés de quadraturas ou mortas, enseadas, ressacas etc. Para facilitar, ela trazia revistas com fotos ou fotos reais em preto e branco para a sala de aula, num tempo remoto à riqueza de imagens encontradas no *Google*. Ah! Agora, com um clique no celular durante a aula, o *Google* mostra, em questão de segundos, qualquer imagem procurada, numa velocidade inimaginável!

Ela descrevia os Andes, os Alpes, o Himalaia, o Everest, as Rochosas, o Saara, o Atacama, a Sibéria, o Ártico, a Antártida, o subdesenvolvimento da África, o modo de vida dos povos nos mais diversos contextos do planeta, como se estivesse ao vivo naqueles lugares. Para nós, os alunos, a mestra Edith era um oceano de conhecimentos. De acordo com os espaços estudados, os alunos iam confeccionando os chamados “álbuns seriados”. Neles iam sendo coladas as imagens tiradas de revistas, e com descrição sobre vários de seus aspectos, encontrados nos livros. Ela dava um valor significativo à imagem como recurso importante para o aprendizado, porém, diferente da atualidade, que, com o excesso

de imagens, até tira o foco de atenção do aprendiz.

Na escola, era seu costume chamar cada aluno em particular para orientá-lo nas questões de educação e ética. Orientava as meninas na puberdade a começarem o uso do sutiã; o cuidado com a higiene do corpo; como se sentar etc. Observava até o comprimento das saias. Dava receitas práticas e caseiras de combate ao desagradável cheiro do suor naquela idade. A maioria dos alunos da escola primária estava na puberdade. Não havia os desodorantes. Recomendava o uso do leite de magnésio e do limão para amenizar o cheiro forte tão característico naquela idade. Dava receita para combater os piolhos, tão comuns naqueles tempos.

Entendia muito bem a garotada com comportamentos alterados pelas descargas dos hormônios naquela fase. Ninguém se rebelava contra ela. Os pais, em geral, agradeciam-na.

Durante os anos na função de inspetora e, depois, diretora na escola D. Pedro II, entregava as turmas para cada professor, observando a habilidade destes para atuação da alfabetização ou em cada série subsequente até o quinto ano primário. E assim ela gostava de afirmar que a professora *x* era uma catedrática no ensino pré-escolar ou num quinto ano. Se observasse que uma mestra não possuía habilidades para determinada turma, fazia a troca. Solicitava que um aluno com bom desempenho de aprendizagem se sentasse ao lado do colega com dificuldades, para o devido auxílio e, dessa forma, conduzir toda a classe num aprendizado sem diferenças marcantes.

A escola D. Pedro II tinha apenas quatro salas de aula. Havia um espaço para os meninos e outro para as meninas brincarem durante o recreio. Era o modelo da época. Sempre um menino quebrava a regra e invadia o pátio onde as garotas brincavam.

Guiomar Maria dos Santos, a servidora na limpeza daquela escola, abastecia os potes em cada uma das salas, carregando do “rego do padre” latas d’água na cabeça. Não tinha filtros. Havia sobre o pote coberto um prato e um copo que deveria ser utilizado para retirar água e passar para o copo do aluno. A recomendação era que cada criança levasse seu copo. Não havia o de plástico, nem o descartável. Era de alumínio de esmalte ou de flandres. Guiomar era escalada para ficar de olho nas malandragens dos alunos com aqueles potes. Sempre que algum aluno aparecia com um litro (era de vidro) com sua própria água, a professora Edith passava a observá-lo. Muitos foram pegos nas suas traquinagens, chegando mais cedo à escola para jogar sujeira na água daqueles potes. Nas sujeiras, estava incluída a urina.

Anualmente organizava eleições na escola, com alunos do quarto e quinto anos, para escolha de Vereadores Mirins da unidade escolar, com direito a campanha, eleição e posse, semelhante a uma eleição eleitoral de fato. Interessante que, trinta ou quarenta anos

depois, vencedores daquela brincadeira se tornaram vereadores da Câmara Municipal de Urandi.

Durante o ano letivo, pedia às alunas do 4º e 5º ano para levarem nas sextas-feiras agulha, botões, linha e retalhos. Ela estabelecia um horário para cada professora ensiná-las a pregar botão e ensinar pontos simples de bordados. Se a professora não tivesse aquela habilidade, ela conduzia as alunas para o pátio, corredor ou para diretoria e as ensinava a dar os primeiros pontos, sempre com a recomendação de que tal aprendizado seria útil à vida delas no futuro.

No curso ginásial, havia no currículo a disciplina Economia Doméstica, somente para o sexo feminino. Dona Edith, como professora da matéria, dava as aulas na sua casa. Eram aulas práticas de culinária, dividindo os ingredientes entre ela e as alunas. Até a lenha era rateada para aquecimento do forno e do fogão. Assim, aprendemos a fazer bolos, sobremesas, sopas e o aproveitamento das sobras de cada receita para produção de outros alimentos. Estava sempre contra o desperdício. Era a prática do minimalismo.

Com sua metodologia de ensino, construiu um bom nome e continua tratada com carinho e respeito pela sociedade urandiense.

Ela faz parte da lista dos grandes mestres que fizeram do ensino um sacerdócio. Que não gozaram do poder, nem amealharam fortuna material. Sua missão de mestre foi como a de um apóstolo, a coragem de ensinar aquilo que sabe e professar aquilo que ensina.

Seus ex-alunos guardam pela vida afora os ensinamentos transmitidos por ela e os laços de afinidade ficaram para posteridade. Sempre lutou na seara da educação, sendo comparada a um verdadeiro semeador.

Sua paixão, além da Geografia, era a Matemática. Gostava de nos dizer que se não fosse professora, seria economista. E como D. Pedro II era o patrono da escola e logo no *hall* da entrada havia uma foto grande dele, ela gostava de contar sobre as ações daquele imperador em todas as áreas governamentais e, especialmente, na área da educação. Ela lia muito e conhecia a história, afirmando-nos que o segundo imperador do Brasil sustentava vários jovens nos estudos e chegou a aplicar provas no famoso colégio que ele fundou e que recebeu seu nome na cidade do Rio de Janeiro. E que D. Pedro II afirmava que se não fosse imperador, seria professor. Era interessante ouvir dela tantas histórias importantes.

Urandi considera a professora Edith Meirelles Dantas a baluarte da educação!

SEU PERFIL DE PROFESSORA

Quando Augusto Cury lançou o livro *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, pela Sextante, em 2003, li cada página, cada colocação do autor e identifiquei nas suas explanações o perfil da professora Edith, conforme listo a seguir:

- nunca corrigia seus alunos publicamente;
- não expressava sua autoridade com agressividade;
- jamais perdia a paciência e o desejo de educar;
- nunca deixou de cumprir sua palavra;
- jamais destruía a esperança e os sonhos dos alunos;
- era habilidosa na resolução dos conflitos entre os alunos, tanto em sala de aula, como no pátio, durante o recreio;
- destacava-se na escola por ser uma mestra que semeava ideias;
- sua metodologia era transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência;
- sempre revolucionou a sala de aula sem os aparatos que as escolas recebem do sistema da atualidade;
- ela semeava com sabedoria e esperava a colheita com paciência.

Nos últimos anos, uma problemática social tem sido a gravidez na adolescência. Situação que tem obrigado muitas meninas a deixarem a escola por conta de um filho que chega, sem a mínima estrutura tanto dela, quanto do pai ou das famílias de ambos para assumir esse novo ser.

A ONU – Organização das Nações Unidas - vem declarando que o problema da gravidez na adolescência é intenso em toda América Latina, com destaque para o Brasil, sendo considerado um agravante para o aumento da pobreza em todo país.

Projetos variados têm surgido em vários municípios com o objetivo de fornecer suporte às mães adolescentes, a fim de darem continuidade aos estudos, na busca da profissionalização e entrada no mercado de trabalho.

Até os anos 60, esse agravante não era tão intenso. Também se deve levar em consideração que o número de estudantes era reduzido.

E, de acordo com a cultura daquela época, se uma jovem engravidasse obrigatoriamente o rapaz assumia a responsabilidade através do casamento. Assim, ocorriam muitos casamentos apressados, antes que a sociedade percebesse a moça com sinais de gravidez. Umás escondiam até quase o último período. Crianças nasciam seis, sete meses após o casamento e, geralmente, a família declarava que o bebê nasceu fora

de tempo. As meninas grávidas cujos namorados não se casavam com elas para corrigir o seu “erro” ficavam à margem da sociedade.

Na minha geração, no tempo do ginásio, só me lembro de um caso de uma jovem, no último ano do curso, engravidar e ser abandonada pelo namorado, que foi embora para São Paulo.

O interessante desse fato foi que um pai de uma estudante colega da gestante, quando tomou conhecimento do fato, procurou a professora Edith na casa dela e lhe disse:

“_Dona Edith, eu sei que a senhora não é diretora do Ginásio. O diretor é seu esposo, Dr. Dantas. Mas como eu sei que ele tem o tempo muito ocupado, com o consultório e por ser a senhora esposa dele e professora da minha filha, vim até aqui, com muito respeito pela sua pessoa, lhe pedir que afaste (expulse) da escola a aluna fulana de tal que tá grávida e o namorado foi embora pra não se casar. Eu como pai não acho conveniente que a aluna tal continue estudando com a minha filha ou com as filhas de outros pais de família”.

Ela deixou aquele senhor falar, falar... pediu a uma das meninas que a ajudavam em casa para trazer água para o visitante. Ofereceu-lhe um café. Deu um tempo e fez a seguinte colocação:

“_Meu senhor, eu já estou sabendo da situação. Quero que pense comigo o seguinte: o anticoncepcional, o maior salto contraceptivo, já chegou às farmácias locais. Quem nos garante que haja adolescentes, inclusive a sua, fazendo uso da pílula para não engravidar? As informações sobre os contraceptivos estão por aí. E outra coisa, essa jovem, entre todas as colegas na sala, não pode parar de estudar. Ela precisa do nosso apoio. Do apoio da escola, dos professores, da família dela e da sociedade em geral. Deve continuar os estudos para depois ter trabalho que lhe possibilite criar o filho que não terá pai. O senhor não pensa assim como eu?”.

Aquele senhor apanhou o seu chapéu sobre o seu joelho e, cabisbaixo, agradeceu à professora pela atenção concedida e saiu.

Há meio século, essa foi a atitude tomada pela professora, que tinha, de fato, uma visão além do seu tempo. Seu bom senso e sua sabedoria me levam de volta aos tempos bíblicos quando, no Velho Testamento, no período dos reis do povo hebreu, o rei Salomão, com uma espada, afirmou que iria dividir um bebê ao meio, a fim de solucionar o impasse entre as duas mulheres que alegavam ser a mãe legítima da criança. Embora uma delas tivesse, sem intenção, deitado sobre seu bebê, que amanheceu morto, sob a ameaça da espada do rei a mãe legítima pediu que entregasse a criança à outra mulher. E, assim, o rei Salomão descobriu quem era, de fato, a verdadeira mãe, e o filho foi devolvido a ela.

Certa feita a professora Edith ameaçou procurar a promotoria pública da cidade,

porque uma senhora colocou os filhos no Ginásio e os seus enteados não foram matriculados, alegando que o dinheiro que o esposo recebia não era suficiente para arcar com as mensalidades dos filhos dele. E somente com a ameaça o problema foi resolvido. Era a década de 60. Não havia obrigatoriedade para a família matricular os filhos na escola.

Nossa amada professora, até onde vai sua influência? A Palavra de Deus responde: “Os mestres sábios, aqueles que ensinaram muitas pessoas a fazerem o que é certo, brilham como estrelas do céu, com um brilho que nunca se apagará” (Daniel 12:3).

O esposo, o abnegado médico Dr. Dantas, salvou centenas de vidas. Ela, professora, salvou milhares da morte do analfabetismo, da ignorância, da falta do conhecimento!

A geração que está com 70 ou 80 anos, das classes mais pobres que galgaram graus de escolaridade mais avançados, ou que ao menos concluíram o quinto ano primário, nunca se esqueceram de sua interferência.

“Ser bondoso com os pobres é emprestar ao Senhor” (Provérbios 19:17).

Ah! Mestra Edith, Malala, embora separada por quilômetros de distância e por décadas, pensa como você: “Uma caneta, um aluno, uma professora podem mudar o mundo”. Ah, Grande mestra Edith, você mudou o mundo de muita gente!

Gostava de repetir na escola, para o corpo docente, que prestassem muita atenção nas trajetórias de seus alunos, fazendo aquela analogia: “nos pomares podem nascer urtigas e nos pântanos também nascem orquídeas”. Alertava aos mestres para não rotularem seus alunos de acordo com suas origens. Recomendava que, se fosse possível, procurassem conhecer a história real de José Roberto, o menino que morou na rua, foi para a FEBEM (Fundação da Educação e do Bem-Estar do Menor, hoje Fundação Casa) na cidade de Belo Horizonte e, depois de aprontar todo tipo de infração, foi salvo pela educação, tornou-se professor e escritor e levou a vida na capital mineira atuando entre meninos infratores que, como ele, procuraram a rua, vindo de famílias desestruturadas de áreas de risco. A história de José Roberto se transformou no filme *O contador de histórias* e tem motivado muitos educadores a mudarem sua forma de pensar, sua postura e sua prática de ensino.

“O bom mestre é valorizado e lembrado durante o tempo de escola, enquanto um excelente mestre jamais é esquecido” (Augusto Cury).

O trabalho da educadora Edith foi fecundo! Seus ex-alunos são os seus troféus! Ela fará parte, para sempre, da história deles.

Dona Edith é uma pessoa boa na vida, não apenas na profissão que abraçou. Mas não resta dúvida de que durante sua trajetória teve seus momentos difíceis, de incerteza, de decepção, de angústia. Principalmente porque trabalhou com gente. E gente dá trabalho. Mas com certeza, ela foi sustentada pelas mãos do Senhor, ao longo de sua vida.

TEMPOS DIFÍCEIS

As décadas de 40, 50 e 60 foram difíceis aqui e em todo Brasil. Vivia-se o pós-guerra e ciclos de seca no sertão. Ocorriam migrações internas nunca vistas em nenhum país das Américas e o mapa da fome aumentava especificamente por todo o Nordeste brasileiro. Havia andarilhos pelas estradas e cidades, pedindo comida e roupa, com muitos filhos, passando temporadas embaixo de árvores, margens de estradas, de rios. Uma realidade comum em toda região sertaneja. Era a representação do quadro dos *Retirantes*, de Cândido Portinari, inspirado na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Crianças morriam pelos caminhos. Pais davam filhos por onde passavam. Nesse torrão ficaram alguns degredados filhos da seca e nunca mais tiveram um encontro com sua família. Era um tempo de grande escassez.

Urandi era passagem para quem vinha de lugares mais secos e mais pobres, rumo a Minas Gerais e São Paulo.

Muitos operários desempregados da construção da ferrovia permaneceram aqui após a finalização da obra, procurando meios para a sobrevivência.

A economia de Urandi era baseada na agricultura. O comércio era pequeno, havia as chamadas vendas, padarias, algumas lojas nas quais trabalhavam os próprios donos e seus filhos. Não geravam empregos. Para as mulheres da cidade, as atividades mais comuns eram de lavadeiras, cozinheiras, vendedoras de alimentos na estação ferroviária. O casal Dantas, aqui em Urandi, era visto como rico. E era comum que pais, principalmente os compadres do casal, pedissem para os (as) filhos(as) morarem em sua casa, com a finalidade de estudar. Eles receberam muitos. Mas era impossível atender a todos. Recebiam principalmente meninas. Estas se tornavam ajudantes nos trabalhos domésticos e estudavam. Dona Edith ensinava a cada uma as regras de educação, as lições da escola e lhes dava a alegria da comemoração dos seus aniversários. Muitas garotas desejavam morar ali. Ela não dava conta de receber tanta gente, afinal, a casa não era tão grande. Certa vez uma comadre lhe entregou uma afilhada, e uma irmã dela em Salvador se encantou com aquela garota e, com a permissão da mãe, dona Edith a levou para a capital. A menina foi matriculada num colégio de freira, com todo enxoval e material exigido por aquele educandário. Mas a menina não se adaptou e voltou para sua família em Urandi.

O casal Dantas batizou muitas crianças e foram padrinhos de casamento de muitos nubentes. Anos depois, com os filhos adultos, estes batizaram outra geração de pequeninos aqui. Até um casal dono de um circo, o Circo Elzener ou Circo de Cata Lito, que sempre se apresentava em Urandi, deu um dos filhos para Dr. Dantas e dona Edith batizarem. Ela permanece no costume de presentear seus afilhados em datas especiais, ou quando eles

a visitam.

Nos anos 60 ela abriu um comércio, um Armarinho, na Praça que hoje leva o nome Ananias de Matos. Tinha um estoque de ótimos produtos, desde roupa de cama, mesa e banho, até enxoval de bebê e todo tipo de aviamento para costuras. Gente das cidades vizinhas vinha fazer compras no chamado Armarinho Taquary. Mas como seu tempo era dedicado à escola, aquele comércio pouco prosperou e foi encerrado. O espaço se tornou o consultório de Dr. Dantas por longos anos, pois, mesmo após a aposentadoria, ele continuou trabalhando.

HOMENAGENS RECEBIDAS

O trabalho da professora Edith sempre foi reconhecido pela população urandiense, a qual vem mostrando, ao longo do tempo, o seu agradecimento, valorizando e legitimando os seus méritos. No Dia do Professor, 15 de outubro, anualmente colegas e alunos lhe enviavam mensagens, por meio de cartões postais, telefone ou presencialmente, com um abraço, um presente.

Na década de 70, foi criada na gestão do prefeito Antônio Gomes Bitone uma sala da Cultura na cidade. Ele era grande admirador da professora Edith e deu o nome dela àquele espaço, numa das salas da Escola Orlando Spínola, no Bairro DC-5, cujo espaço cultural era administrado pela professora Sayonara Nascimento Leão.

Em 1995, na primeira gestão do prefeito Adonai Nina Rocha, foi organizado um encontro do grupo dos filhos e amigos de Urandi, grande parte deles moradores em outras localidades, para uma confraternização aqui. E os organizadores do evento, constituído por ex-alunos da professora Edith, prestaram uma bela homenagem a ela, à professora Vilma Sônia Carvalho e à servidora Guiomar da Silva, na escola D. Pedro II, onde todos eles estudaram as séries iniciais.

Em 2016, no Colégio Estadual de Urandi, ex-Ginásio de Urandi, na gestão da Diretora Dinamagna S. Nascimento, no dia 8 de março, quando se comemora o Dia da Mulher, foi feita uma homenagem à professora Edith; a Anita Maria das Neves, que por longos anos manteve uma cantina naquela escola; a Alfrida Isabel dos Santos, que atua como Secretária há mais de duas décadas na referida escola. Naquele dia, também fui uma das homenageadas.

A Câmara de Vereadores do município, na segunda gestão do prefeito Sebastião Alves, Santana concedeu o título de cidadãos urandienses ao casal Dorivaldo Dantas e Edith Meirelles Dantas. A Câmara de Vereadores de Licínio de Almeida fez o mesmo.

Em 2018, a Câmara de Vereadores daqui, na gestão do prefeito Dorival Barbosa do Carmo, concedeu ao filho, Roberto Meireles Dantas, o mesmo título, pelos serviços prestados por quarenta anos na advocacia na cidade, além de ter atuado como professor, diretor no Centro Educacional de Urandi, ex-Ginásio de Urandi e mestre na loja maçônica local.

A professora e escritora Lia Borges de Pindaí escreveu um livro sobre as memórias daquela terra, quando completou meio século de emancipação política, e há naquela obra um capítulo que trata dos serviços prestados ao povo daquela localidade pelo casal Dantas.

Quando das comemorações do centenário da emancipação política de Urandi, que coincidentemente foi o centenário do nascimento de Dr. Dantas, a cidade organizou

homenagens póstumas especiais. Foram inúmeras as homenagens naquela data.

O filho da terra, Pepe Novato Públio, que reside em Belo Horizonte e é produtor de cinema, escreveu uma peça com o título *No dia em que Dr. Dantas comeu chocolate no consultório*, trazendo alguns fatos engraçados para lembrar seu trabalho no exercício da medicina em Urandi, sob a direção da professora Lilian Leal. L. Públio. No recinto da apresentação havia muitos convidados e a maioria dos filhos e netos do casal Dantas. Naquela noite a programação foi encerrada com um grupo de mais de vinte jovens médicos, todos filhos da terra, usando jaleco branco, com uma foto do rosto de Dr. Dantas como máscara e ao lado de um post dele em tamanho real, posicionados em frente à Dona Edith, ao som da música *A noite do meu bem*. A letra da música:

A noite do meu bem (Dolores Duran, 1959)

Hoje eu quero a rosa mais linda que houver.

E a primeira estrela que vier

Para enfeitar a noite do meu bem

Hoje eu quero paz de criança dormindo

E o abandono de flores se abrindo

Para enfeitar a noite do meu bem

Quero a alegria de um barco voltando

Quero a ternura de mãos se encontrando

Para enfeitar a noite do meu bem

Ah! Eu quero o amor mais profundo

Eu quero toda beleza do mundo

Para enfeitar a noite do meu bem

Quero a alegria de um barco voltando

Ah! Como esse bem demorou a chegar

Eu já nem sei se terei no olhar

Toda pureza

Que quero lhe dar...

Dona Edith ficou muito emocionada ao ouvir a música que Dr. Dantas tanto gostava de ouvir no rádio, em disco de vinil numa vitrola e em CDs, em aparelhos de som mais modernos, durante seus momentos de descanso.

Os mesmos médicos presentes naquela homenagem ofereceram uma placa contendo os seus nomes inscritos e uma declaração de agradecimento ao médico, Dr. Dorivaldo Dantas, que durante mais de sessenta anos praticou, nesse alto sertão, uma medicina humanizada. A placa está colocada na Praça Luís Gomes, em frente à residência

da família Dantas.

O filho do casal, Roberto, após a morte de Dr. Dantas, começou a reunir, catalogar e organizar todos os instrumentos e objetos do consultório de seu pai, assim como documentos, diplomas, certificados e fotografias, e fundou o Memorial **Dr. Dorivaldo Dantas**, numa sala no térreo do seu prédio, onde funciona sua empresa, a Dantas Consultoria, inaugurado durante as comemorações do centenário de seu genitor e aberto ao público para visitação. Urandi teve, pela primeira vez na sua história, um Memorial.

O CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO DE URANDI

A professora Edith chegou em Urandi recém-casada, no ano de 1946, quando o prefeito era o Sr. Luís Gomes. Uma cidade bem pequena, enquanto o município tinha uma área muito extensa e Pindaí ainda era distrito daqui. A sede da Comarca era em Jacaraci.

O sítio urbano era constituído pelas duas praças do centro, com as ruas do entorno e o bairro do Cruzeiro. O bairro DC- surgia a todo vapor como canteiro ou polo central das empreiteiras que aqui se instalaram para a construção do trecho ferroviário, de Contendas do Sincorá a Monte Azul, norte mineiro.

Havia máquinas revirando a terra para construções de casas para os chefes e operários. Escritórios, almoxarifado, oficinas mecânicas, restaurantes, marcenarias, cinema. Ambulatório médico. Pátio para estacionamento dos carros e máquinas. Casa dos motores de produção de energia. Campo de futebol. Tanques em série para decantação da água que vinha através de um canal da barragem chamada de barragem de Seu Estênio, obra das construtoras que abastecia os moradores do novo bairro. E a lagoa artificial, construída para o lazer das pessoas, que passou a ser conhecida como Lagoa do Departamento, com suas margens arborizadas com flamboyants, bancos de madeira sob aquelas frondosas árvores e areia no seu entorno, formando uma prainha artificial. Havia um trampolim naquele espaço que atraía crianças, jovens e adultos nos finais de tarde, nos domingos e feriados.

Havia no bairro uma horta cultivada por funcionários de uma empreiteira, encarregados da distribuição gratuita a quem desejasse receber legumes, verduras, ervas para chás, etc.

Quase todo movimento de Urandi e vida social da cidade ocorria nesse bairro. Exibição de filmes no cinema, festas, campeonatos de futebol e encontros dos amigos.

Algumas festas feitas pelos chefes e encarregados das obras eram realizadas no espaço do DC-5 ou nos acampamentos instalados pelas empreiteiras Mineira e França. Para realização das referidas festas, a compra de alimentos e bebidas, assim como talheres, pratos, copos e outros objetos era feita em Montes Claros.

Espaços imensos forrados com tábuas e cobertos com lonas, com muita gente servindo aos participantes, eram os cenários das festividades.

Os moradores do bairro DC-5 iam ao centro, às missas aos domingos pela manhã e à feira aos sábados. A feira era abastecida com produtos do município que chegavam de carros de bois às sextas-feiras no finalzinho das tardes.

E havia movimento intenso durante a semana e, principalmente, nos sábados e

domingos, na histórica Rua do Meio, com destaque para o cabaré que ali funcionava. Consequentemente, devido ao fluxo de pessoas de regiões diversas, ocorriam naquela rua muitas brigas e algumas resultavam em mortes.

Os bailes familiares eram realizados no térreo do prédio que, anos depois, foi sede da Prefeitura Municipal, antes das festas realizadas no Hotel e Café Cruzeiro. Quando, no salão desse Hotel, ocorriam festas de encerramento dos festejos do padroeiro da cidade, Santo Antônio, festas de debutantes, de Miss Urandi, de casamento ou de bodas especiais, o casal Dantas era convidado especial.

Nessa época, não havia nenhuma rua pavimentada em Urandi. A Praça Luís Gomes, que já foi Praça da Bandeira quando o prefeito Jerônimo Borges fez o jardim (mas anos antes tinha recebido seu primeiro nome de Praça Rui Barbosa), era na verdade um grande largo, resultante de parte do aterro de uma antiga lagoa. Quando chovia, toda a praça era coberta de lama, carregada pelas enxurradas que desciam do morro abaixo. Chegar até a Igreja Matriz durante o período de chuvas não era fácil, bem como chegar à feira livre que se espalhava pelo espaço dessa praça até a outra, a Praça da Matriz, que atualmente tem o nome de Ananias de Matos. As empresas da construção ferroviária despejavam caminhões de areia e cascalho em todo espaço, melhorando significativamente aquele centro da cidade.

Urandi, naquele momento, tinha uma população flutuante muito grande. Talvez em alguns dias ou meses superasse a população fixa.

Nesse período a torre da Matriz desabou e as empresas que aqui estavam construíram uma nova, sob a direção dos engenheiros civis das empreiteiras.

A professora Edith é testemunha daquela reforma e da atual, quando agora, em 2020, a Igreja Matriz foi demolida e reconstruída em sua quase totalidade, menos justamente a torre: sobre a parte existente, uma pirâmide metálica foi instalada por uma empresa de transmissão de energia que atua em Urandi no momento.

Eram destaque, em Urandi, as festas religiosas da igreja católica, a de Nossa Senhora em maio e a de Santo Antônio, o padroeiro da cidade, em junho. Em maio e junho havia uma movimentação intensa do povo católico na participação dessas festas. Moradores da zona rural que tinham casas na cidade vinham com toda família e só voltavam após as festas.

Nessas ocasiões, eram realizados os batizados, os casamentos religiosos com grandes festas tanto na cidade, como na zona rural. Aquelas festas aqueciam as vendas do comércio local.

Com as novenas dos festejos de Nossa Senhora e as trezenas de Santo Antônio, eram organizadas pelos festeiros as famosas quermesses ao lado e ao fundo da Igreja.

Muitos fogos. Os foguetes de rabo eram fabricados pelos artesãos daqui, em destaque os senhores Conrado e Chico Preto. Vinha gente das cidades vizinhas e toda festividade era acompanhada por banda musical daqui (extinta há muitos anos) e, depois, uma vinda de Caetitê, a chamada Banda do Padre Valter. E a partir dos anos 70, pela Filarmônica 21 de Abril, fundada no município pelo prefeito Diógenes Baleeiro, na qual Fred Dantas se iniciou em música e se tornou componente sob a direção do mestre João Sacramento Neto. E, anos depois, o mesmo mestre dirigiu a filarmônica, que ganhou seu próprio nome, fundada pelo prefeito Geraldo Dias Santana.

Em janeiro acontecia o Terno de Reis, com a participação de muitas jovens da cidade, e o Reis, com a participação de homens da área urbana e rural, e envolvia a população naquelas festividades. A festividade de São João contava com fogueiras na frente das casas e era mais movimentada ainda na zona rural.

A professora Edith viu a construção do jardim no centro da cidade, quando o Sr. Jerônimo Borges era o prefeito (1952 - 1954), transformando aquele espaço e ganhando, anos depois, a fama de ser o mais belo da região. Viu a segunda reforma, na gestão de José Cardoso de Oliveira.

Viu bairros novos surgindo. Ruas sendo pavimentadas. Inicialmente com blocos de pedras, depois, com paralelepípedos. E agora, com asfalto.

Foi testemunha da instalação do telefone local, na gestão do prefeito José Ferreira Santos, cuja ligação demorava tanto, que às vezes ganhava-se mais tempo se um menino levasse o recado do emissor até o receptor. Também foi testemunha da chegada do telefone com ligações à distância para o Brasil e exterior, mas as ligações dependiam da telefonista de plantão. Vieram, na sequência, as ligações diretas e, enfim, o celular e a internet.

Viu a transferência da feira do centro da cidade para a Praça Barão do Rio Branco, com um novo mercado municipal, na gestão também do prefeito José Ferreira Santos (Tideca).

Durante muitos anos os bailes eram realizados naquele mercado. Viu outra reforma durante a gestão do prefeito Sebastião Santana. Viu também a demolição deste e um novo, construído na gestão do prefeito Adonai Nina Rocha. Dona Edith sempre gostou de ir à feira. Dr. Dantas a esperava, conversando com amigos e compadres ao lado de sua rural Willians. Os filhos, quando pequenos, também acompanhavam sua mãe à feira e Irundi gostava de ficar com Dr. Dantas, na parte onde se instalavam as barracas dos mascates com brinquedos.

Essa mestra foi testemunha da chegada do sinal de televisão em preto e branco, no início dos anos 70, por iniciativa do prefeito Diógenes Baleeiro. Apesar de apresentar som e imagens sem qualidade, revolucionou a cidade. Acompanhou a evolução com as

parabólicas e os inúmeros canais sintonizados, além das TVs por assinatura.

Empolga-se em ver o desenvolvimento do comércio local, pois, num passado não tão distante, muito do que se precisava aqui era comprado em Espinosa ou em Guanambi.

Tece elogios à implantação da fábrica Sudotex, do empresário Antônio Oliveira, conhecido por Antônio Bom Preço, com oferta de empregos para os jovens do município, movimentando a economia local significativamente.

É testemunha da construção de escolas na sede e na zona rural. Do asfalto na BR 122, via que liga áreas do Nordeste ao Centro-Sul do Brasil, e ainda do asfalto da rodovia que liga Urandi a Licínio de Almeida, estrada que ainda vai receber o nome de Dr. Dorivaldo Dantas, através do projeto apresentado na Câmara Municipal pelo então vereador Edilson Nascimento Leão, que tem sido apresentado à Assembleia Legislativa. Uma justa e honrosa homenagem, visto que durante anos Dr. Dantas fazia o trajeto semanalmente de Urandi para aquela cidade, a fim de dar atendimento médico a pacientes daquela localidade.

Em meados dos anos 50, viu surgir a barragem do Estreito I, obra do DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, numa garganta do Rio Verde Pequeno. E novamente um fluxo muito grande de gente de outras regiões e estados chegar a Urandi para trabalhar naquela obra.

Testemunhou a exploração do manganês pela ICOMI - Indústria e Comércio de Mineração em Licínio de Almeida e em Urandi, atividade que atraiu profissionais vindos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e do Japão. Geólogos, Engenheiros de minas, Técnicos, Químicos, Maquinistas, Técnicos em Segurança, Soldadores, Motorista, etc. A exploração do manganês deu um grande impulso no desenvolvimento dos dois municípios por quase duas décadas.

Testemunhou a produção da energia hidráulica produzida numa queda d'água do Rio Raiz e a construção de uma barragem naquele local pelo prefeito Diógenes Baleeiro, para ampliação da queda d'água, para o aumento da produção de energia. A chegada da energia elétrica da CHESF (Companhia Elétrica do São Francisco), quando Antônio Gomes Bitone era o prefeito.

Sua primeira geladeira foi à base de querosene, como em outras casas da cidade no passado - essas casas hoje possuem os mais modernos refrigeradores e toda sorte de elétricos e eletrônicos necessários à vida moderna.

Foi testemunha da chegada da água encanada em toda área urbana e em algumas regiões no meio rural. Seu coração se sentiu aliviado quando os moradores do Barreiro dos Campos, Capa, Barra, localidades à jusante da cidade deixaram de utilizar a água poluída dos rios que cortam o centro de Urandi, quando o prefeito Geraldo Santana estendeu a rede de água para aquela região. Ela poderia ser considerada uma ativista naquela questão -

incomodada com a população que utilizava aquela água impréstável ao consumo humano.

Testemunhou a construção da segunda barragem, chamada de Estreito II ou Cova de Mandioca, para irrigação de projetos agrícolas direcionados pela CODEVASF (Companhia do Desenvolvimento do São Francisco).

Ela, que sempre perguntava que dia iria começar a instalação das torres para produção da energia eólica, pois Urandi foi um dos municípios do Sudoeste contemplado com este projeto, de fato assistiu à instalação de dezenas dessas torres no município.

E que dia chegará a empresa que irá explorar o minério de ferro, bem próximo da cidade, numa área onde foi feita a prospecção desse minério e demarcada há mais de uma década?

Foi testemunha da chegada da primeira agência bancária à cidade. Era o Banco Fomento do Estado da Bahia, que se transformou em BANEB (Banco do Estado da Bahia). E da agência do Banco do Brasil, seguido da agência do Bradesco. Da construção do Hospital Municipal Padre Antônio Manoel da Rocha, na gestão do prefeito Adonai Nina Rocha, e da chegada de muitos médicos de outras localidades para atuarem ali.

Presenciou a instalação de consultórios médicos com especialidades diversas, de vários consultórios odontológicos, de centros de fisioterapia, laboratórios de análise clínica, óticas, salões de beleza, academias, escritórios de advocacia, centro de estética, etc.

Às vezes dona Edith nos fala: “Não conheço mais Urandi. A cidade cresceu e se desenvolveu como eu previa. O desenvolvimento do município contribuiu significativamente, de forma que o fluxo migratório para São Paulo foi reduzido e vejo acontecer o contrário, a volta de alguns que tinham, outrora, partido para as terras do Centro-Sul”.

2010, ANO QUE MARCOU SUA VIDA PROFUNDAMENTE

Em fevereiro de 2010, a professora Edith Meirelles Dantas, a mulher que considero a nossa Dama de ferro, teve seu coração despedaçado com a partida do seu esposo para o plano celestial. Março estava às portas, para a comemoração do sexagésimo quarto aniversário do seu matrimônio. Tinham ido para Salvador, pois Dr. Dantas não estava bem de saúde. Foi internado no Hospital Português, acompanhando pela neta, Dr^a Máira Pereira Dantas, médica daquela unidade hospitalar. Após dias de tratamento intensivo, dona Edith e família foram surpreendidas com a mais triste notícia, o falecimento de Dr. Dantas. Dia difícil aquele 25 de fevereiro para ela, filhos, netos, demais parentes e amigos. Urandi ficou em luto também. Chorou a sua partida. Uma luz se apagou por aqui porque Dr. Dantas era um ser muito significativo para essa terra, que também era a dele por adoção.

A nossa Dama de ferro repete sempre que, naquele dia e nos dias subsequentes, ela se sentia fora da realidade.

Por decisão dos filhos o sepultamento de Dr. Dantas foi realizado em Urandi, pois eles entendiam o quanto o pai amava esse pedaço de chão, escolhido há mais de seis décadas para ele atuar na medicina e na educação, bem como para construir sua história com profundos laços de amizade, dando atenção especial principalmente aos mais humildes. Como ele gostava de conversar com as pessoas simples e iletradas!

A professora Edith, ao longo dos anos e logo após a aposentadoria de ambos, desejava voltar a residir em Salvador, porém foi firme em decidir permanecer em Urandi, já que seu esposo está sepultado aqui. Continuou sempre indo a Salvador e às vezes a Maceió para passar dias com filhos e netos, mas sempre volta à sua casa.

Seus dias de luto não foram fáceis, mas, cercada pelo carinho dos filhos, netos e muitos amigos, teve força para vencer aos poucos a profunda dor que lhe cercou e o imenso vazio deixado por Dr. Dantas.

Durante os primeiros dias, sua filha Nádia veio de Maceió e passou boa temporada com ela. O mesmo fez Dina, vindo de Jales, interior de São Paulo.

Após sua viuvez, os filhos que moram em Salvador, George e Fred, vieram constantemente visitá-la. Os netos que residem em Maceió e os de Salvador fizeram o mesmo.

Em 2021, ainda no contexto da pandemia, transferiu-se para Salvador, passando a residir por um ano no Condomínio Brisas, onde seu filho Roberto e duas netas têm apartamento. Em 2022 passou a residir no Condomínio Vela Branca, no bairro da Pituba, ao lado de uma lagoa arborizada, a Lagoa dos Patos, onde, na companhia da fiel Eva Camargo e de uma cuidadora, passa os dias de forma confortável, num apartamento bem

decorado, ventilado e com vista para o mar, fazendo suas refeições diante do vasto oceano atlântico.

GRATIDÃO (TEXTO DE EDITH MEIRELLES DANTAS)

Minha introdução: O ano era 2015. Dona Edith, viúva desde 2010, organizou-se para oferecer uma homenagem, incluindo um buffet servido por garçons, às pessoas que tinham trabalhado com ela e seu esposo, o médico Dr. Dantas, ao longo do tempo, aqui.

Consultando todos os filhos, eles, em comum acordo, acharam a ideia magnífica e estiveram presentes no evento, assim como os netos. Naquele dia 26 de dezembro de 2015, o Salão Paroquial foi ornamentado adequadamente para a festa, que contou com a apresentação da Orquestra do filho de dona Edith e Dr. Dantas, o maestro Fred Dantas, com os componentes vindos de Salvador, além da cantora lírica Irma Ferreira, esposa do maestro, que, com sua linda voz, entoou lindas canções.

Dona Edith recebeu no salão todos os convidados que adentraram ao recinto, sobre o tapete vermelho, ao som da música *Amigos para sempre* e se expressou, naquele momento, com sua voz gravada, o que seu coração nutriu há anos vividos em Urandi. E ao final da festa ela entregou uma lembrança a cada convidado.

Foi muito emocionante, pois ao longo da história na escala hierárquica há sempre os que estão em patamares mais inferiores, manifestando honras aos que estão nos patamares mais superiores. Naquela solenidade, ocorreu o contrário. Dona Edith, com sua elegância que lhe é peculiar, parecendo uma estrela na grande festa norte-americana do Oscar, recebia seus convidados para lhes prestar a honra que ela considerava um dever.

Ela desejou muito que seu esposo estivesse vivo porque sabia que ele concordaria plenamente com as homenagens organizadas.

Aqui está, na íntegra, o seu agradecimento, que foi gravado especialmente para aquele momento.

Minha Gratidão

Texto de Edith Meirelles Dantas

Tenho aprendido, ao longo da minha vida, que devemos ser gratos e generosos ao outro, sempre com alegria e desprendimento. A essência de toda arte bela, de toda arte grandiosa é a Gratidão! Quando manifestamos a gratidão, reconhecemos os benefícios recebidos e procuramos devolver à vida algo de bom que ela nos deu.

Pensando nisso, nesses últimos meses, fiz uma retrospectiva dos 70 anos da nossa chegada a essa terra, Urandi, tão longínqua daquela onde nascemos: Taperoá e Senhor do Bonfim. Mas que nos recebeu como se fosse o nosso torrão natal. E ao longo do tempo, nos tornamos conhecidos, aqui, como a Família Dantas. Meu esposo, Dorivaldo, médico

recém-formado em Salvador, a convite de um grande amigo e contemporâneo na capital baiana, o engenheiro civil, Dr. Santorino Levita, veio praticar o exercício da medicina por essas plagas, onde o Ministério dos Transportes, nos idos anos 40 do século passado, sulcava parte da Serra Geral, na construção de um longo trecho da ferrovia Leste Brasileira.

Recém-casados, chegamos de Salvador, acompanhados de minha irmã caçula, Mariah, ainda menina, e de uma empregada de nome Maria José, cedida pela minha Beatriz, aquela irmã que me criou. Ao chegarmos, nos estabelecemos no espaço da cidade, onde concentravam as sedes das construtoras, bem como as máquinas e equipamentos destinados às obras ferroviárias. Fomos residir numa das casas denominadas “casas de turma”, situadas num local alto, comparado a um mirante com uma ampla vista do norte, oeste e sul da cidade.

Ali fomos agregando os primeiros amigos. O ano era 1946. Um ano após a vinda de Dori ainda solteiro. Amigos muito fiéis, alguns mais chegados que irmãos.

Concluída a obra, engenheiros, empreiteiros, encarregados, chefes de setores e outros que tinham vindo trabalhar na grande construção partiram de volta para suas terras ou para outros rincões do Brasil para novos trabalhos.

Dori recebeu inúmeros convites dos engenheiros, dos empreiteiros, dos colegas médicos para trabalhar em outros estados do Brasil, mas ele decidiu aqui ficar. Nunca entendi por que, entre os colegas médicos, só ele aqui permaneceu. Mas Deus sabe de todas as coisas e aqui ficamos. Ele atuando na medicina e eu na educação. Construimos nossa família composta de quatro filhos. Alguns já nos deram netos e bisnetos.

Nessa longa trajetória, mais amigos foram se agregando à nossa vida de forma significativa na nossa caminhada. Uma caminhada, que por força das nossas profissões, ele médico, eu professora, mantivemos contatos diretos com grande parte da população urandiense e das cidades vizinhas.

O que representa para mim essas sete décadas vividas em Urandi, senão uma comparação a uma extraordinária viagem a bordo do “Trem da Vida”? Que ao longo de algumas estações muitos embarcaram com as suas bagagens compactadas de: amizade, solidariedade, bondade, alegria, confiança, companheirismo, gentileza, nobreza, experiências, amor e fé. E também os sentimentos de medo, apreensão, tristeza e dores faziam parte dessa bagagem ao nosso lado durante a nossa viagem.

Ah! Durante a viagem que durou até agora, 70 anos, o meu nobre companheiro de percurso, Dori, que esteve comigo no mesmo vagão, lado a lado na mesma poltrona durante 65 anos, se aqui estivesse, estaria comigo prestando esta justa homenagem a tantas pessoas que se fizeram presentes tanto nas primaveras, quanto nos invernos de nossas vidas em Urandi.

Infelizmente, Dori, a única razão que me trouxe a este torrão distante, desembarcou em uma estação após o desembarque do nosso querido filho adotivo Irundi e antes do nosso filho do coração, Amaurílio. Mas dos embarques e desembarques em várias estações agregaram-se a nós genros, noras e tantas pessoas que nos auxiliaram ao longo do caminho, nas mais variadas atividades quando a eles recorríamos. Desde motoristas, médicos, dentistas, eletricitas, aguadeiros, carpinteiros, pedreiros, engenheiros, vaqueiros, lavadeiras, passeadeiras, cozinheiros, babás, faxineira, arrumadeira, costureiras, acompanhantes, comerciantes, etc. Todos foram imprescindíveis a mim, a Dori e a nossos filhos.

Muitos aceitaram o meu convite e estão presentes nessa noite para receberem o meu agradecimento e a minha forma de manifestar tamanha gratidão.

Jamais poderia me esquecer de Geraldo Azevedo, Lourdes Silveira, Preto da Luz, Deolindo Araújo, Seabra e seu filho Zé, lôzinho, Santorino Levita, Kleber Nascimento, Celso Carvalho, Luis Gomes, Antônio Bitone. Nadir e José Brito, Diógenes Baleeiro e Vina, dona Olívia, Joel de Aprígio, Calmito, Seu Menezes, Osvaldo Carvalho, João Monteiro, Juarez, José Ferreirinho, José irmão de Almir, Artur Guimarães, Carlos Novais, Mimo Aguiar, dona Dudu, Chica do Mestre Ângelo, Júlia e Benedita do Barreiro dos Campos, Marinês, Lurdinha Ataíde, dona Otacília, Odília, dona Rosalina. Vilma Carvalho, Rosinha, dona Azenaide. Tózinho, Vilas Boas, Tiãozinho, os deputados Vilobaldo Freitas e Vasco Neto. Todos estes não me ouvem, pois já partiram. Portanto, não presenciam meus agradecimentos, mas poderão receber das mãos de Deus inúmeros galardões. Foram todos eles grandes amigos.

Minha gratidão constante àqueles fiéis companheiros que continuam ainda comigo nessa viagem a bordo desse “ trem da vida”: Anita e sua irmã Judite, Guiomar, Cleide, Custódia, Celeste Sobrinho, Geralda, Cilinha, Dayse, Dejiane, Edeíza, Elma, Eva, Geni, Judite (tia), Judite (sobrinha), Jarde, Luzia, Laurita, Lene, Laura, Maria Aparecida (Hã), Maísa, Norma, Nauzinha, Nenzinha, Nice. Média, Nadir de Jaime, Rose, Ró, Rita, Terezinha, Valdomira, Zuzinha, Chica Nascimento, Sérgio Leão, Ionê, Rute, Neuza, Terezinha Nascimento, Cleuza de Noé, Dorzinha, Dedo, Lúcia de Josias. Lourival e Rosângela, Sr. Vivaldo, família Rocha. Mimi, Aprígio, Roberto Catarino, Nanáu, Vazinho Ataíde, Urbano, Antonio Neves, Dr. Teodolindo, Antonio Souto, Almir e Biquinho. Geovane, Karol, Lígia e Sandra. Aos motoristas e ajudantes: Sinhôda, Tonhão, Cid, Sivaldir. Sidnei e Tim, que acompanharam Dori a Licínio de Almeida todas terças-feiras durante anos, pois ali serviu como médico contratado pela Empresa ICOMI (Indústria e Comércio de Mineração, a mesma Mineração Urandi) exploradora do manganês naquele município. Esses motoristas também nos acompanhavam durante nossas viagens a Salvador.

Jamais poderia me esquecer dos ex-prefeitos da cidade, dos colegas da Escola D.

Pedro II, dos colegas do Ginásio de Urandi, dos ex-alunos, dos funcionários do BANEb e da Coletoria Estadual. De Celeste Lopes e de Olívia Araújo, que trouxeram de um encontro religioso da pastoral da juventude a ideia para a fundação do Clube de Mães. Agradecida às sócias do referido Clube, a todos os padres que atuaram aqui e às companheiras do Apostolado de Oração.

Também quero expressar a minha gratidão aos amigos das cidades circunvizinhas. Em Jacaraci: a família David. Em Espinosa: o engenheiro Flori e o senhor Florival Rocha. Os dentistas: Dr. Gileno, Dr. Augusto, Dr. Luciano e os médicos: Dr. Orlando e Dr. Heron.

Em Guanambi: Iraci Pereira. Em Licínio de Almeida: família Mascarenhas, dona Moça, Elvira Santana, Lúcia Carvalho, Dr. Edgar e família. Também aos funcionários da Mineração Urandi. Em Pindaí e Montes Claros: família Santos Pereira, família Borges, família Pinto.

Em Caculé: família de Dr. Vespasiano, família Cavalcanti e Placidino.

E em Brasília, tão distante daqui, está o casal Pedro Carvalho e Lurdinha. Obrigada amigos, pela amizade e consideração que tiveram a mim e a Dori, quando aqui residiram no início da construção de nossa história em Urandi.

Ah! Eu preciso agradecer às famílias que depositaram em nós toda confiança, nos entregando suas filhas umas na infância, outras na adolescência, com a finalidade de morarem em nossa casa para estudarem. A primeira foi Dina, vinda do Cantinho. Ela foi criando um vínculo filial e fraternal conosco, e só nos deixou quando se casou. Posteriormente, morando longe, nunca se afastou de nós. Suas visitas são constantes. É considerada nossa filha mais velha. Depois de Dina, veio sua irmã Helena. Anos depois, vieram Selma, Fátima e Socorrinho, da fazenda Capa. Por último vieram Inezinha e Maria Aparecida, a nossa Hã.

Muito obrigada aos pais que confiaram a mim e a Dori os seus filhos para batizarmos e com tantos afilhados, comadres e compadres, foram se intensificando os laços de afinidade com muita gente da cidade.

Em outras estações se juntaram a nós, a bordo do “trem da vida”, Ana Simões e Isaura. Estas não moraram em nossa casa, mas ao longo dessa viagem foi criando um grande vínculo de amizade, respeito e consideração entre nós. Ana foi se aproximando de minha família através de dona Duda e, com seu espírito prestativo, sempre me socorreu com pratos de sua culinária excepcional. Continua atenciosa e cuidadosa com meus familiares.

Isaura, a conheci ainda menina, na escola D. Pedro II, na sala da professora Maria Dolores Brito. Em outra etapa, foi nossa aluna no curso ginásial e magistério. Trabalhou conosco na secretaria do Ginásio de Urandi. Nestes 58 anos de amizade, comecei a achar que somos irmãs de almas ou que temos laços de parentesco dos nossos ascendentes na

região de Baixa Grande - Bahia, pois temos algumas paixões semelhantes: como paixão pela Geografia, pelas leituras, pelo gosto de ensinar e, sobretudo, pelo desejo de estar sempre aprendendo. Ana e Isaura são minhas filhas de coração!

Preciso agradecer ao médico Dr. José Humberto Carvalho Rocha, que, apesar de muita gente afirmar que fui favorecida pela loteria da natureza, sem apresentar doenças comuns ao longo da minha vida e sobretudo na terceira idade, tenho recebido seus cuidados médicos, após a partida de Dori.

A todos esses grandes amigos que agregaram seus valores aos nossos, que subsidiaram nossas ideias e atividades, só posso lhes dizer: - MUITO OBRIGADA! Pois tive a oportunidade e a felicidade de reconhecer, em todas elas, qualidades muito especiais que, por modéstia, elas próprias deixaram de apregoar.

Obrigada a todos esses companheiros de viagem que foram embarcando comigo e Dori, a bordo desse “trem da vida”, desde 1945 até os dias atuais, onde construímos a grande parte de nossa história.

A todos vocês, a minha gratidão, a gratidão de minha família. De coração só posso lhes dizer: OBRIGADA, MUITO OBRIGADA, meus amigos, por terem participado de nossa caminhada por aqui!

Urandi, 26 de dezembro de 2015.

Edith Meirelles Dantas

MENSAGEM FINAL

Os conteúdos registrados nesta biografia são apenas fragmentos de minhas memórias daquilo que vi e ouvi da professora Edith Meirelles Dantas, ao longo do tempo. Mas devo reafirmar: são fragmentos que consegui escrever; pois a história de vida da nossa dama de ferro caberia com certeza em numerosos livros.

Na avaliação final desse trabalho pelos leitores que mergulharam nas linhas e nas entrelinhas dele, certamente concluirão que esta biografia assume significado duplo de reconhecimento e de justiça ao que a nossa mestra tem sido para sua família e para a sociedade urandiense.

Escrever esta biografia foi a melhor manifestação da minha gratidão à nossa inesquecível mestra.

REFERÊNCIAS

ATA de Fundação da Sociedade Cultural de Urandi e Fundação do Ginásio de Urandi. Arquivos do Colégio Estadual de Urandi, 1962.

ATA de Fundação do Clube de Mães de Urandi. Arquivo do Clube de Mães de Urandi, 1984.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes e Professores Fascinantes**. São Paulo: Sextante, 2003.

COSTA, Maria Isaura Reis. **Dr. Dorivaldo Dantas, médico e educador** (Salvador: BIGRAF, 2018).

_____. **Chega-se de fato onde se deseja**. Carapicuíba (SP): Embracard, 2022.

DANTAS, Frederico Meireles. **Santo Reis de Bumba**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Dra. Ângela Lünhing. Salvador: UBA, 1994.

ESTATUTOS da Sociedade Cultural de Urandi. Arquivos do Colégio Estadual de Urandi, 1962.

LIVRO de Matrícula do Ginásio de Urandi. Arquivos do Colégio Estadual de Urandi, 1963.

MEIRELLES, Joaquim de. **Caderneta de apontamentos**. Manuscrito de Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – Secult, 2011.

NASCIMENTO, Kléber. **Sombras do Passado**. Belo Horizonte: Gráfica Mineira, 2005.

NEVES, Antônio. **Crônicas e origens**. Espinosa (MG): Dejan Gráfica e editora, 2015.

PAULA, Mário de. **Um Médico nos sertões da Bahia**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998.

SILVA, Sebastião Santos. **História de Urandi-BA**. Espinosa: Dejan Gráfica e editora, 2016.

Na internet:

MENEZES, Pedro. Política Aristotélica”. Disponível em: <http://www.todamateria.com.br>. Acesso em: 12 maio 2021.

PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/pnae>. Acesso em: 25 maio 2021

“Navegando pela História da Educação Brasileira”. 2006. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas>. Acesso em: 15 maio 2021

IMAGENS



Coronel Joaquim de Meirelles e família



Victor, Mariá e Beatriz



Victor Meirelles



Beatriz Meirelles



Fazenda Fortaleza, pintura de Jacy Meirelles



Casamento



Dori médico



Roberto, Nádia e George



Ginásio de Urandi

 <p>6.ª RM.</p> <p>7/18.º R.º</p> <p>6.ª RM.</p> <p>7/18.º R.º</p> <p>Para este cartão ser válido é preciso que:</p> <p>a) Tenha sobre o retrato a chancela do Cmt. da Unidade;</p> <p>b) Tenha a assinatura mensal do Cmt. da sub-unidade;</p> <p>c) Esteja com o verso deste cartão preenchido.</p> <p>VIDE O ORTOLOGO</p> <p><i>Dirivaldo Santos</i></p> <p>Cutis <i>branca</i></p> <p>Cabelo <i>alourado</i></p> <p>Barba <i>rapa</i></p> <p>Bigode <i>alourado ap.</i></p> <p>Olhos <i>azuis</i></p> <p>Instrução <i>sum.</i> Altura <i>1m,65</i></p> <p>Data <i>— / — / 19 —</i></p> <p>CMT. SUB UNIDADE</p>	<p>ABSIGNATURA DO PORTADOR</p> <p><i>Dirivaldo Santos</i></p> <p>Jan. _____</p> <p>Fev. _____</p> <p>Marco _____</p> <p>Abril _____</p> <p>Maior _____</p> <p>Junho _____</p> <p>Julho _____</p> <p>Agosto _____</p> <p>Set. _____</p> <p>Out. _____</p> <p>Nov. _____</p> <p>Dez. <i>Dirivaldo Santos</i></p> <p>Jan. _____</p> <p>Fev. _____</p> <p>Registro N.º <i>25568</i></p>
---	---

A Guerra



Desfile



Dori com Nádia na Maria-fumaça



Bodas de prata



Netos e bisnetos de Maceió



Com Roberto e Iolanda



Filhos



Com Irma, Helena e a família de Maria



Duas Didis



Com a filha de coração, Dina



Família Dantas da Pituba com Maialu



Netas Pereira Dantas e Cauã



Zilda, Edith, Jacy e Mariah



Com Maria Isaura e Anita



Apartamento Vela Branca em 2022



Como a grande mestra Edith Meirelles Dantas, sempre acreditei no grande poder da Educação

ISAURA REIS COSTA é pedagoga e escritora, nascida em Mairí, Bahia, a 15 de agosto de 1948. É cidadã urandiense por título concedido pela Câmara Municipal, em 2018. Professora aposentada da rede pública estadual, com formação em Magistério pelo Centro Educacional de Urandi e Pedagogia pela UNEB – Universidade Estadual da Bahia, Campus Guanambi. Publicou em 2018 o livro *Dr. Dorivaldo Dantas, médico e educador* (Salvador: BIGRAF, 2018.) e *Chega-se de fato onde se deseja* (Carapicuíba - SP: Embracard, 2022). Tem escrito uma série de memórias sobre sua vivência em Urandi, veiculadas pelas redes sociais, sob o título *De volta no tempo, resgatando nossas memórias*.

Como a grande mestra Edith Meirelles Dantas, sempre acreditei no grande poder da Educação



Maria Isaura Reis Costa é pedagoga e escritora, nascida em Mairí, Bahia, a 15 de agosto de 1948. É cidadã urandiense por título concedido pela Câmara Municipal, em 2018. Professora aposentada da rede pública estadual, com formação em Magistério pelo Centro Educacional de Urandi e Pedagogia pela UNEB – Universidade Estadual da Bahia, Campus Guanambi. Publicou em 2018 o livro **Dr. Dorivaldo Dantas, médico e educador** (Salvador: BIGRAF, 2018.) e **Chega-se de fato onde se deseja** (Carapicuíba (SP): Embracard, 2022. Tem escrito uma série de memórias sobre sua vivência em Urandi, veiculadas pelas redes sociais, sob o título “De volta no tempo, resgatando nossas memórias”.



Como a grande mestra Edith Meirelles Dantas, sempre acreditei no grande poder da Educação



Maria Isaura Reis Costa é pedagoga e escritora, nascida em Mairí, Bahia, a 15 de agosto de 1948. É cidadã urandiense por título concedido pela Câmara Municipal, em 2018. Professora aposentada da rede pública estadual, com formação em Magistério pelo Centro Educacional de Urandi e Pedagogia pela UNEB – Universidade Estadual da Bahia, Campus Guanambi. Publicou em 2018 o livro **Dr. Dorivaldo Dantas, médico e educador** (Salvador: BIGRAF, 2018.) e **Chega-se de fato onde se deseja** (Carapicuíba (SP): Embracard, 2022. Tem escrito uma série de memórias sobre sua vivência em Urandi, veiculadas pelas redes sociais, sob o título “De volta no tempo, resgatando nossas memórias”.

